



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

EVANDRO LUÍS MARQUES LANDRI

**CASAMENTO, FEMINISMO E CRÍTICA SOCIAL NO PERÍODO
REGENCIAL EM *ORGULHO E PRECONCEITO*
DE JANE AUSTEN**

Porto Nacional/TO
2022

EVANDRO LUÍS MARQUES LANDRI

**CASAMENTO, FEMINISMO E CRÍTICA SOCIAL NO PERÍODO
REGENCIAL EM *ORGULHO E PRECONCEITO*
DE JANE AUSTEN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig
Coorientador: Prof. Dr. Rogério Miguel Puga

Porto Nacional/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- L262c Landri, Evandro Luis Marques.
Casamento, feminismo e crítica social no período Regencial em Orgulho e preconceito de Jane Austen. / Evandro Luis Marques Landri. – Porto Nacional, TO, 2022.
99 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2022.
Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig
Coorientador: Prof. Dr. Rogério Miguel do Deserto Rodrigues de Puga
1. Jane Austen. 2. Orgulho e preconceito. 3. Feminismo. 4. Casamento. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

EVANDRO LUÍS MARQUES LANDRI

CASAMENTO, FEMINISMO E CRÍTICA SOCIAL NO PERÍODO REGENCIAL EM *ORGULHO E PRECONCEITO* DE JANE AUSTEN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig, UFT-PPG-Letras - Orientador

Prof. Dr. Rogério Miguel do Deserto Rodrigues de Puga, Universidade Nova de Lisboa -
Coorientador

Prof. Dr. Cláudio Roberto Vieira Braga, UnB - Avaliador Externo

Profª. Dra. Marília Fátima de Oliveira, UFT-PPG-Letras - Avaliadora Interna

Porto Nacional/TO, 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelo dom da vida que me foi concedido através de meus pais: Luiz Carlos (*in memoriam*) e Conceição; também a meu orientador Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig e co-orientador Prof. Dr. Rogério Miguel Puga, que, com paciência e muita dedicação, auxiliaram-me durante o período do mestrado; assim como aos professores, que nesses dois anos compartilharam comigo suas experiências e conhecimento e, por meio deles, à Universidade Federal do Tocantins, pela oportunidade de fazer parte do corpo discente de tão renomada instituição.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo analisar o romance *Orgulho e preconceito* (1813), da autora inglesa Jane Austen (1775-1817), que levanta especialmente a questão do casamento na Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX. As mulheres daquele período eram praticamente obrigadas a se casarem caso desejassem um futuro financeiro tranquilo. Austen, através da protagonista Elizabeth Bennet, rompe com este paradigma e busca mostrar que as mulheres podem fazer escolhas e não se sentirem obrigadas a seguirem os padrões patriarcais da época. A personagem principal, em certos aspectos vividos no romance, aproxima-se muito da vida da própria autora, suscitando o questionamento se Elizabeth não seria uma representação ficcional, um *alter ego*, da escritora. Será tratado também sobre o posicionamento de Austen a respeito da situação sociopolítica inglesa a partir dos detalhes colhidos nos romances, focando principalmente o período Regencial (1811-1820). O trabalho da escritora sempre sofreu acusações de uma provável alienação e silêncio diante de situações graves como as guerras e conflitos enfrentados por seu país, especialmente contra a França de Napoleão Bonaparte, e que suas obras não narrariam nada além de romances entre donzelas virtuosas e cavalheiros da pequena nobreza rural. Além disso, Austen é famosa pela ironia, que está presente em toda a obra, e novamente, se destaca a protagonista, já que usa em vários momentos este artifício, mostrando a sagacidade e inteligência que lhes são próprias. As mulheres, nesse romance austeniano, são representações realistas de mulheres, que sofrem a pressão de uma sociedade machista, já que dependiam de um marido para garantir a tranquilidade financeira, todavia, existem também as mulheres que estão a serviço desse padrão social opressor e são igualmente apresentadas por Austen. O livro também retrata de forma irônica e, ao mesmo tempo, denuncia a hipocrisia existente na sociedade inglesa de então, que vivia de aparências e que buscava agradar sempre às outras pessoas, em muitos momentos deixando os próprios desejos para satisfazer a opinião alheia.

Palavras-chave: Jane Austen; *Orgulho e preconceito*; feminismo; casamento.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the novel *Pride and Prejudice* (1813), by English author Jane Austen (1775-1817), which especially raises the issue of marriage in England at the end of the 18th century and beginning of the 19th century. Women of that period were practically obliged to marry if they wanted a peaceful financial future. Austen, through the protagonist Elizabeth Bennet, breaks with this paradigm and seeks to show that women can make choices and not be subject to the patriarchal standards of the time. The main character, in certain aspects lived in the novel, is very close to the author's own life, raising the question whether Elizabeth would not be a fictional representation, an *alter ego*, of the writer. It will also deal with Austen's position on the English sociopolitical situation from the details collected in the novels, focusing mainly on the Regency period (1811-1820). The writer's work has always been accused of a probable alienation and silence in the face of serious situations such as the wars and conflicts faced by her country, especially against Napoleon Bonaparte's France, and that her works would narrate nothing more than romances between virtuous maidens and gentlemen of the gentry. In addition, Austen is famous for her irony, which is present throughout the work, and again, the protagonist stands out, as she uses this artifice at various times, showing her own wit and intelligence. Women, in this Austenian novel, are realistic representations of women, who suffer the pressure of a sexist society, since they depended on a husband to guarantee their financial tranquility, however, there are also women who are at the service of these oppressive social standards and are also presented by Austen. The book also portrays in an ironic way and, at the same time, denounces the hypocrisy existing in English society at the time, which lived on appearances and always sought to please other people, often leaving their own desires to satisfy the opinion of others.

Keywords: Jane Austen; *Pride and Prejudice*; feminism; marriage.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronologia da Produção Literária de Jane Austen	34
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	antes de Cristo
abr.	abril
ago.	agosto
c.	cerca de
cia.	companhia
dez.	dezembro
ed.	edição
Mr.	senhor (em inglês)
Mrs.	senhora (em inglês)
nov.	novembro
out.	outubro
Rev.	reverendo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFT	Universidade Federal do Tocantins
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	VIDA, OBRA E CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DE JANE AUSTEN.....	15
2.1	Vida.....	15
2.2	Obras.....	19
2.3	Contexto histórico-literário.....	35
3	CASAMENTO E FEMINISMO EM <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i>	44
3.1	O casamento na Inglaterra de Jane Austen.....	44
3.2	Austen: uma profeminista?.....	54
3.3	Seria Elizabeth Bennet o <i>alter ego</i> de Jane Austen?.....	66
4	A CRÍTICA SOCIAL EM <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i>	71
4.1	A ironia de Jane Austen.....	71
4.2	As mulheres de <i>Orgulho e preconceito</i>	77
4.3	A hipocrisia da sociedade inglesa retratada em <i>Orgulho e preconceito</i>	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
	REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Jane Austen, nascida em 1775, em Steventon, e falecida em 1817, em Winchester, no Condado de Hampshire publicou seus livros, e escreveu parte deles, na época Regencial – que compreende a regência de George IV como Príncipe de Gales, entre 1811 e 1820, durante a enfermidade do pai, George III. A autora viveu em um período de profunda mudança da sociedade inglesa, que já começava a desfrutar de maior abertura de pensamento devido ao Iluminismo que, de alguma forma, conseguia ir além das antigas convenções sociais, que, não obstante, tinham ainda um papel dominante na sociedade da época.

A literatura é, no geral, uma fonte importante para a compreensão de costumes, leis, posturas de certos períodos, e, além do mais, os autores não somente narram os eventos relevantes, que estão à sua volta, mas também sofrem a influência deles. A compreensão de um acontecimento histórico passa também pelo crivo ficcional do escritor, pela visão de mundo que tem ou até pelo envolvimento na situação, em geral sendo interpretado segundo o pensamento dele, deixando de ser simplesmente a narração de um acontecimento, mas ainda assim, é útil para se conhecer melhor a época em que viveu.

No livro *Reading Jane Austen*, M. Scheuermann (2009, p. 169) salienta que a Inglaterra dos anos 1790 era uma nação agitada. As classes mais altas temiam as ideias radicais francesas que estavam se enraizando na sociedade. As classes mais baixas estavam cada vez mais oprimidas pelos cercamentos, *enclosures* – as terras de uso comum passaram a ser propriedade privada –, também pela industrialização e, no final da década, chegaram próximo a condições de fome provocadas pelo clima, mas atribuída por muitos à política governamental; eles pareciam estar cada vez mais próximos à revolta que as classes altas recebiam. A autora argumenta ainda: “Se Austen estava especialmente consciente dos movimentos sociais ou não, se as pessoas ao seu redor eram socialmente conscientes ou não, tão difusas eram essas realidades sociais que Austen tinha de estar ciente delas”¹. Lembra igualmente que a adolescência da autora foi marcada pela Revolução Francesa – ela estava com quatorze anos em 1789 – e a vida adulta, pelos anos aparentemente intermináveis da guerra contra a França de Napoleão.

¹ As traduções que não forem das obras de Jane Austen serão minhas, mas caso seja necessária também alguma versão de citações da autora virá indicado: “Whether Austen was especially conscious of social movements or not, whether the people around her were socially conscious or not, so pervasive were these social realities that Austen had to have been aware of them”.

Se Austen tinha mesmo de estar ciente, como afirma Scheuermann, por que esta situação bastante complicada que a Inglaterra vivia não é retratada em *Orgulho e preconceito*? A obra não traz nenhuma referência aos conflitos que os ingleses enfrentavam naquele período? Sendo a obra de Jane Austen também fruto do momento histórico em que é escrita, sofre as influências dele e interpreta fatos e situações de acordo com a perspectiva feminina, erudição e formação da romancista. De que forma a autora sofreu essa influência do cenário mundial e britânico dos séculos XVIII-XIX? M. Poovey (2009, p. 251) argumenta, no artigo *From Politics to Silence: Jane Austen's Nonreferencial Aesthetic*, que as condições políticas e sociais sob as quais Austen escreveu e revisou seus romances são praticamente impossíveis para os leitores modernos perceberem a partir dos próprios textos, ainda que as obras contenham alusões a eventos com os quais a romancista estava familiarizada, mas que preferiu não descrever nos seus romances.

Assim, a presente dissertação procura verificar, além dos fatores históricos, tendo em mente que Austen assistiu a guerras durante parte de sua vida, também as questões morais e culturais da época descritas em *Orgulho e preconceito*, se o comportamento das personagens representa o pensamento da época ou se estão em dissonância com ele, particularmente os aspectos ligados ao casamento e à situação da mulher solteira na sociedade inglesa de então.

O objetivo geral é analisar a influência da moral do período Regencial no romance *Orgulho e preconceito* de Jane Austen, e, para concretizá-lo, foram escolhidos os seguintes objetivos específicos: verificar traços dos acontecimentos históricos, como revoluções morais, sociais e culturais, além das guerras, que circundavam Austen durante a escritura da obra supracitada; averiguar se, em relação aos costumes morais e culturais da época, Austen foi uma inovadora, especialmente no que diz respeito ao casamento, podendo ser considerada uma profeminista, ou se simplesmente reproduziu a sociedade inglesa de então; e também analisar a ironia austeniana e a hipocrisia da sociedade britânica apresentada na obra.

Portanto, o foco da dissertação é o romance *Orgulho e preconceito* de Jane Austen, todavia, serão analisados também, além dessa narrativa, os demais livros da escritora, para que possa ser feita, sempre que necessário, uma comparação entre eles, visando buscar especialmente os pontos de congruência e divergência, tentando ver até onde o período Regencial da Inglaterra influenciou o universo possível representado nos referidos romances. Ademais, será realizado o levantamento de estudos sobre o período histórico em que Austen viveu, além de escritos sobre a vida, a obra e o pensamento da autora. Assim sendo, essa dissertação procura responder às seguintes perguntas:

as guerras e as revoluções moral e cultural que Jane Austen viveu tiveram algum tipo de influência em seus escritos? Pode a autora ser considerada uma profeminista ou terá somente reproduzido os costumes da sociedade da época, especialmente em relação ao casamento e à situação das mulheres em idade para se casar? A sociedade inglesa se baseava somente nas aparências ou realmente demonstrava o seu verdadeiro caráter?

Tem-se em vista, com esta investigação, discutir e enriquecer a crítica literária referente a Jane Austen, especialmente do romance *Orgulho e preconceito*, ainda que, talvez, de forma bem concisa, devido à amplitude de significados que, em geral, uma obra pode ter, visando também a descoberta de novas vertentes e trazendo à luz pesquisas já feitas sobre suas obras em outras línguas, especialmente o inglês. É importante ter em mente que Austen não quis escrever romances históricos narrando as guerras que a Inglaterra estava enfrentando, pois um romance histórico é uma obra narrativa ambientada no passado, com uma cautelosa reconstrução da época através das atmosferas, costumes, usos, condições sociais e mentalidade dos personagens principais (PUGA, 2006). Assim, este tipo de romance consegue transmitir o espírito de um período da história através de detalhes realísticos, entrelaçando os acontecimentos narrativos com eventos realmente acontecidos e documentados, como por exemplo, o incêndio de Moscou de 1812 descrito em *Guerra e Paz* de Tolstói, de forma a criar o efeito do verossímil. Dessa forma, o autor, que desejasse escrever um romance histórico, deveria começar seu trabalho estudando a documentação e o material disponível acerca daquele período que será o tempo histórico da ação.

As histórias de Austen, consideradas cômicas e com finais felizes, têm lugar no seio da sociedade inglesa que ela conhecia bem, recheada de bailes, encontros, olhares, e retratam a vida da pequena família rural nobre, um tanto abastada, mas sem fortuna, assim, alguns aspectos daquela época, apesar da importância, são ignorados ou, no máximo, são feitas somente referências a eles. De fato, a objetividade de seus romances revela uma autora que se concentra sobre aquilo que a circunda e sabe extrair daí obras que refletem sobre a Inglaterra da altura, bem como sobre as relações entre gêneros e papéis sociais. *Orgulho e preconceito* (*Pride and Prejudice*) é um dos romances mais famosos de Jane Austen, e nele, ela não se limita a apresentar e analisar os dois personagens principais, Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy, mas descreve também a sociedade daquela época: é uma representação do estilo de vida da pequena nobreza rural (*gentry*), na província da Inglaterra do século XVIII, principalmente no que diz respeito à situação das mulheres em idade para se casar.

Para uma melhor organização, essa dissertação está dividida em três capítulos e para auxiliar na compreensão dos mesmos, recorreu-se a autores peritos em Jane Austen como D. Le Faye (1997), P. Poplawski (1998) e K. Sutherland (2005), expertos em cronologia e obras da escritora; a especialista em biografias J. Ross (2003); além dos teóricos D. S. Lynch (2005), M. Poovey (2009) e M. Scheuermann (2009), entre outros.

No primeiro capítulo, se discorre sobre fatos biográficos da romancista Jane Austen – o livro *Uma memória de Jane Austen*, de J. E. Austen-Leigh, sobrinho da autora, servirá como base sobre esse assunto –, passando também pelas obras que escreveu, desde os livros completos até os que deixou inacabados, e comentando ainda sobre o contexto histórico-literário da Inglaterra dos séculos XVIII-XIX.

O segundo capítulo tem como foco o casamento, onde se trata especialmente da situação das mulheres, que se viam obrigadas a buscarem um marido para garantir um futuro mais promissor. Aborda, além disso, o feminismo, questionando se Jane Austen pode ser considerada uma profeminista e se a protagonista de *Orgulho e preconceito*, Elizabeth Bennet, poderia ser o *alter ego* da escritora.

O terceiro capítulo analisa a crítica social tecida no romance, focando principalmente a ironia austeniana, que perpassa toda a obra, comenta sobre as personagens femininas que se encontram no livro e igualmente examina a hipocrisia da sociedade inglesa daquele período, particularmente da pequena nobreza rural, que é retratada por Austen no romance.

2 VIDA, OBRA E CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DE JANE AUSTEN

2.1 Vida

A informação sobre a vida de Jane Austen é sobretudo fornecida pelas cartas que sobreviveram e as notas biográficas que os seus familiares escreveram. Durante sua vida, segundo alguns especialistas, Austen pode ter escrito até 3.000 cartas, mas apenas 160 sobreviveram (LE FAYE, 2005, p. 33). A maioria foi escrita para a sua irmã mais velha, Cassandra, que destruiu grande parte delas.

Seus parentes mais próximos, [...] na verdade, destruíram muitas das cartas e papéis [...]. Eles foram parcialmente influenciados, eu acredito, por uma enorme aversão à publicação de detalhes privados, e também por nunca terem suposto que o mundo viria a ter um interesse tão forte e contínuo em relação aos trabalhos dela a ponto de clamar seu nome como patrimônio público (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 205).

A situação ficou ainda pior quando as gerações sucessivas eliminaram ainda mais documentos e fatos biográficos. Os herdeiros de seu irmão Francis destruíram outras cartas; alguns detalhes foram retirados da nota biográfica que ele escreveu e pormenores familiares continuaram a ser omitidos ou embelezados, como aconteceu na obra escrita pelo sobrinho da escritora J. E. Austen-Leigh, *Uma Memória de Jane Austen*, publicada pela primeira vez em dezembro de 1869.

Segundo a *Chronology of Jane Austen's Life*, de D. Le Faye, os pais da escritora, o Reverendo George Austen¹ e Cassandra Leigh, se casaram em 26 de abril de 1764 (1997, p. 1), e passaram a residir temporariamente na casa paroquial de Deane até que Steventon, uma casa que estava em ruínas, passasse pelas reformas necessárias. Cassandra deu à luz três filhos enquanto viviam nesta cidade: James em 1765, George² em 1766 e Edward em 1767 (POPLAWSKI, 1998, p. 4). Le Faye (1997, p. 1-2) ainda afirma que em 1768, a família finalmente fixou residência em Steventon³. Henry foi o primeiro a nascer aí em 1771. Em 1773, Cassandra nasceu, seguida por

¹ “Mr. George Austen perdera ambos os pais antes de completar nove anos. Não herdou qualquer propriedade deles; mas foi feliz por ter um bom tio, Mr. Francis Austen, um bem-sucedido advogado [...], [que], apesar de ter seus próprios filhos, forneceu provisões para o sobrinho órfão” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 11; o acréscimo é meu).

² Ele sofria convulsões devido sua deficiência intelectual e foi enviado ainda bebê, como era o costume, à ama de leite e permaneceu para sempre com ela. A família fez pouca referência a ele (POPLAWSKI, 1998, p. 5).

³ Segundo o sobrinho de Austen, o ano de transferência da família seria outro: “Mr. e Mrs. George Austen residiram primeiro em Deane, mas mudaram-se para Steventon em 1771, onde foi a residência deles por aproximadamente trinta anos” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 14).

Francis em 1774, Jane em 1775 e, por fim, Charles em 1779.

Jane Austen⁴ nasceu em 16 de dezembro de 1775, na casa paroquial de Steventon, em Hampshire (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 10), era a penúltima de oito filhos: seis meninos e duas meninas; era particularmente ligada à irmã – que, como a autora, também nunca se casou –, com a qual manteve uma correspondência íntima, que foi quase que destruída por completo. A escritora passou o primeiro ano de vida com uma ama de leite, segundo uma prática da época: “Sei pouco sobre a infância de Jane Austen. A mãe dela seguia o costume, não incomum naquele tempo, embora pareça estranho para nós, de enviar seus bebês para serem cuidados em um chalé no vilarejo” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 49). O sobrinho ainda afirma que ela era visitada todos os dias por pelo menos um dos pais e que frequentemente a levavam até eles na casa paroquial, mas seu lar era o chalé, e ali devia permanecer até ter idade suficiente para andar e falar (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 49). A autora cresceu em um ambiente vibrante e culturalmente estimulante: “Jane gostava de música e tinha uma bela voz, tanto para o canto quanto para a conversação. Na juventude, ela teve aulas de piano; e em Chawton praticava diariamente, geralmente antes do café da manhã. [...] Ela lia francês com facilidade, e sabia algo de italiano” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 92). O pai cuidou pessoalmente da educação da filha mais jovem e contribuiu para o crescimento literário dela graças à biblioteca que ele tinha que somava mais de quinhentos volumes (POPLAWSKI, 1998, p. 67).

Eles “não eram ricos, mas auxiliados pelos talentos docentes de Mr. Austen, tinham o suficiente para garantir uma boa educação para seus filhos e filhas, para estar em meio à melhor sociedade da vizinhança e oferecer uma irrestrita hospitalidade a seus próprios parentes e amigos” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 32). Em outras palavras, ainda que não tivessem muitas posses, os pais se preocuparam em formar bem a autora, mesmo que talvez não tivesse recebido uma instrução elevada, ela se beneficiou da presença de eruditos na própria família: “De acordo com as ideias da época, ela foi bem educada, embora não altamente prendada, e certamente desfrutou daquele importante elemento de treino mental, associando-se em casa com pessoas de intelecto” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 50).

Na primavera de 1783, de acordo com o costume da família, Jane e Cassandra foram para uma escola em Oxford para continuar os estudos com a sra. Cawley e mais tarde, no verão deste

⁴ “Jane Perrot, que se casou com um Walker, era a bisavó [materna] de Jane Austen, de quem ela recebeu o nome de batismo” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 75; o acréscimo é meu).

ano, para Southamptom, onde acabaram pegando a febre tifoide – a autora tinha 7 anos e quase morreu –, por isso, foram levadas para casa pela mãe a fim de se recuperarem. A partir da primavera de 1785, as duas irmãs frequentaram a Abbey School de Reading e, em dezembro do ano seguinte, deixaram a escola para serem educadas pela família (POPLAWSKI, 1998, p. 6). O restante do aprendizado veio da leitura, guiada pelo pai e pelos irmãos James e Henry: “Embora sua experiência escolar tenha sido breve e insignificante, a maioria dos livros escolares usuais estavam disponíveis em casa. Mais importante ainda, toda a família era ávida por emprestar e trocar livros” (GRUNDY, 1997, p. 189)⁵, ou seja, a família incutiu na escritora o gosto pela leitura, ainda que a frequência de uma instituição educacional tenha sido muito rápida, isso não a impediu de receber uma adequada formação.

Poplawski (1998, p. 10) afirma que, em dezembro 1795, um jovem irlandês chamado Tom Lefroy, indo estudar direito em Londres, visitou o tio o Rev. George Lefroy, na reitoria de Ashe, e teria se envolvido romanticamente com ela até meados de janeiro de 1796, quando ele partiu, aparentemente mandado embora pelos Lefroys. J. E. Austen-Leigh também relata sobre a vida amorosa da sua tia afirmando que “há, porém, uma passagem de romance em sua história, da qual não estou perfeitamente a par e a qual não posso associar um nome, ou data, ou lugar, embora a informação tenha autoridade o suficiente” (2021, p. 36-37). Essa história foi contada pela irmã da escritora, Cassandra, que tinham sido apresentadas a um cavalheiro quando estiveram em algum lugar próximo ao mar e que quando se separaram, ele expressou o desejo de vê-las em breve, mas nunca mais se encontraram, e pouco tempo depois, ouviram falar sobre morte a repentina do rapaz. Austen-Leigh acredita que “se Jane alguma vez amou, foi a este homem desconhecido; mas a relação foi curta” (2021, p. 37).

Em dezembro de 1800, o reverendo Austen decidiu se aposentar e deixar Steventon para se mudar para Bath⁶ seguido pela esposa e as duas filhas, onde faleceu repentinamente em 21 de janeiro de 1805 (POPLAWSKI, 1998, p. 12-14), deixando a família em condições financeiras precárias, por isso, elas necessitaram da ajuda dos irmãos. Em 2 de dezembro de 1802, Jane Austen teria aparentemente aceito uma proposta de casamento do irmão de umas amigas, Harris Bigg-Wither, que seria o único filho e, portanto, herdeiro de Manydown Park. Entretanto, na manhã

⁵ “Though her school experience was brief and insignificant, most of the usual school books were accessible at home. Most importantly, the whole family were avid book-borrowers and book-exchangers”.

⁶ Segundo o sobrinho de Austen a data seria outra: “A família mudou-se para Bath na primavera de 1801” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 75).

seguinte, ela teria mudado de ideia e desfeito o compromisso (POPLAWSKI, 1998, p. 13).

P. Poplawski (1998, p. 15-16) ainda cita que em março de 1807, as três mulheres mudaram-se de Bath para Southampton⁷, e depois, em 7 de julho de 1809, para Chawton, que “deve também ser considerado o lugar mais estreitamente ligado a sua carreira como escritora, pois foi lá que ela, na maturidade de sua mente, escreveu ou reestruturou, e preparou para publicação os livros pelos quais se tornou conhecida no mundo” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 88), mas é também o lugar onde sua saúde começou a declinar: “No começo do ano de 1816, [...] é provável que a enfermidade interna, que, por fim, se provaria fatal, já começasse a ser sentida por ela” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 161). O sobrinho igualmente declara que segundo alguns amigos, que ela visitou na primavera daquele ano, a saúde da escritora estava já um pouco debilitada, e observaram que ela passeava por lugares que costumava frequentar como se não esperasse vê-los outra vez (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 161).

Após se sentir mal, Austen passou quase um mês, de 22 de maio a 15 de junho de 1816, acompanhada da irmã Cassandra, se tratando em Cheltenham e, no dia 27 de abril do ano seguinte, ela fez seu testamento deixando tudo para Cassandra, exceto uma parte doada à governanta Madame Bigeon e ao irmão Henry: £50 para cada, pouco mais de £2.300 em valores atuais⁸ (POPLAWSKI, 1998, p. 20). Ademais, P. Poplawski (1998, p. 20) afirma que em 24 de maio de 1817, Austen foi transferida por Cassandra para Winchester, onde poderia receber um tratamento médico melhor, mas no dia 18 de julho daquele ano, às 16h30min, nesta mesma cidade, faleceu, com 41 anos, vítima da doença de Addison, sendo sepultada, dias depois, em 24 de julho, na Catedral de Winchester, onde “uma grande placa de mármore marca o local. Apenas a família compareceu ao funeral” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 176).

O único retrato da romancista foi feito pela irmã Cassandra e se encontra hoje na National Portrait Gallery em Londres, e é aquele que frequentemente se vê em obras biográficas sobre Austen. J. Ross, em seu livro *Jane Austen: A Companion*, aponta o quanto era irônico que o único retrato verdadeiro, de rosto inteiro de Austen, que sobreviveu, foi um caricato esboço da autoria de Cassandra, datado de cerca de 1810: “Quase uma caricatura – bochechas redondas, olhos pequenos arredondados e olhar de soslaio – evidentemente, reproduziu tão bem a retratada que, embora pouco

⁷ Austen-Leigh afirma que: “Antes do fim de 1805, o pequeno grupo familiar mudou-se para Southampton” (2021, p. 85).

⁸ Os cálculos foram feitos com a base cambial de 1810 através do site: <<https://www.nationalarchives.gov.uk/currency-converter/>>.

lisonjeiro, foi cuidadosamente preservada” (2003, p. 12)⁹.

Além do desenho feito por Cassandra, o sobrinho também faz uma descrição física detalhada da escritora, afirmando que ela era muito atraente, bastante alta e esbelta, morena, com passos leves e firmes, e aparência expressiva de saúde e animação: “tinha bochechas redondas, com boca e nariz pequenos e bem formados, olhos brilhantes da cor de avelã, e cabelo castanho formando cachos naturais próximos à face” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 91).

Jane Austen teve uma vida breve, mas isso não a impediu de escrever romances que marcaram a história da literatura inglesa e se tornaram famosos no mundo inteiro – seu rosto estampa a nota de £10 no Reino Unido desde 18 de julho de 2017, para assinalar os 200 anos de sua morte. Seus livros até hoje são lidos, discutidos, estudados, servem de inspiração para outros escritores, além de suas obras terem sido sempre adaptadas para o cinema, a televisão e o teatro.

2.2 Obras

Jane Austen foi uma escritora muito precoce, provavelmente estimulada pela própria família, que sempre gostou de ler e escrever peças teatrais e apresentá-las em casa nos encontros com amigos para celebrar alguma festa ou data importante. De acordo com o sobrinho de Austen, J. E. Austen-Leigh (2021, p. 50), é impossível determinar com exatidão quando a autora começou a escrever, mas salienta que o gosto pela escrita já fazia parte da sua vida desde muito cedo: “*Existem cadernos contendo contos, alguns dos quais devem ter sido escritos quando era uma menina, uma vez que já chegavam a um número considerável quando ela tinha dezesseis anos. Suas histórias mais antigas são de textura leve e frágil*” (o grifo é meu). Também afirma que talvez a característica mais peculiar dessas primeiras composições seja, ainda que abordem assuntos pueris, o de serem sempre redigidas em um inglês puro e simples.

Desses escritos, sobreviveram três cadernos contendo suas primeiras obras curtas em uma variedade de gêneros: histórias, esboços dramáticos, versos, fragmentos morais. Eles trazem inscritos nas capas *Volume Primeiro*, *Volume Segundo* e *Volume Terceiro*, conscientemente imitando o formato de publicação dos romances do século XVIII. Os primeiros escritos – chamados

⁹ “Almost a caricature – round-cheeked, beady-eyed, and looking askance – it evidently caught the sitter so well that, however unflattering, it was carefully preserved”.

de *Juvenília*, que são as obras realizadas por um autor ou artista na juventude – datam provavelmente de 1786 ou 1787, período em que Jane Austen, com 11 ou 12 anos, deixou a Abbey School em Reading. O último registro datado é 3 de junho de 1793, quando tinha 17 anos. Dois dos cadernos, *Volume Segundo* e *Volume Terceiro*, estão na Biblioteca Britânica em Londres, já o *Volume Primeiro* se encontra em Oxford, na Biblioteca Bodleian. Todos os três cadernos eram publicações confidenciais, ou seja, manuscritos semipúblicos para a circulação e apresentação entre familiares e amigos.

Em seu artigo *Jane Austen's Juvenilia*, K. Sutherland (2021, s. p.) argumenta que os “primeiros escritos de Jane Austen parecem ter pouco em comum com a sociedade comedida e realista retratada em seus romances adultos. Em contraste, são contos exuberantemente expressionistas de contravenção sexual, de embriaguez feminina e violência”¹⁰. Ainda sustenta que estes escritos eram: “imitações cômicas ou paródias de romances populares [...]; e das antologias de peças morais e ‘Extratos Elegantes’ que formaram a base da educação das moças”¹¹. A escritora certamente superou seus cadernos juvenis. Nota-se que a mesma inteligência crítica que criou essas representações satíricas e estereótipos, continuou a trabalhar dentro da estrutura mais realista de seus romances maduros. Os primeiros rascunhos dos livros publicados – como *Razão e sensibilidade* (*Sense and Sensibility*), *Orgulho e preconceito* (*Pride and Prejudice*) e *A Abadia de Northanger* (*Northanger Abbey*) – foram escritos logo após o *Volume Terceiro* da *Juvenília*. Não é difícil de se encontrar traços das obstinadas heroínas desses primeiros escritos, por exemplo, na energia de Elizabeth Bennet ou na imaginação de Emma Woodhouse.

Já em relação ao estilo de Austen, não é uma tarefa fácil defini-lo, pois ela viveu em um período de transição, onde o Romantismo, que resgata as sensações e as emoções, busca ser uma resposta às ideias racionais do Iluminismo. Todavia, é possível ver nos escritos de Austen aspectos do Iluminismo e Romantismo. Assim, alguns críticos classificam Jane Austen como uma escritora romântica, pois suas obras abordam temas típicos desse estilo literário: o amor, o casamento, como J. Harris, que, no livro *A Revolution Almost beyond Expression: Jane Austen's Persuasion* (2007), argumenta que o último romance de Austen, *Persuasão*, traz aspectos dos ideais românticos e, portanto, pertence ao movimento romântico. Por sua vez, a crítica literária britânica M. Butler, no

¹⁰ “Jane Austen’s earliest writings appear to have little in common with the restrained and realistic society portrayed in her adult novels. By contrast, they are exuberantly expressionistic tales of sexual misdemeanour, of female drunkenness and violence”.

¹¹ “[...] comic imitations or parodies of popular novels: [...]; and of the anthologies of moral pieces and ‘Elegant Extracts’ which formed the staple of young ladies’ education [...]”.

livro *Jane Austen and the War of Ideas* (1988), sustenta que *Persuasão* apresenta os valores augustinos mais tradicionais da época, tais como o humor, a cortesia e os valores clássicos.

Outros ainda defendem – linha que também é seguida nesta dissertação –, que suas obras são de cariz realista, bem como satírico: a comédia de costumes, que “tem a intenção de fazer uma crítica à sociedade por meio do humor. Cria uma sátira dos costumes de um grupo de pessoas ao construir o enredo em torno dos códigos sociais existentes no contexto a que pertencem as personagens” (SILVA, 2021, s. p.). Do mesmo modo, a escritora inglesa I. Grundy, em seu artigo *Jane Austen and the Literary Traditions*, sustenta que “os sentimentalistas eram virtualmente uma coisa do passado, e os românticos estavam em plena carreira quando *Jane Austen, desligando-se de ambas as influências, voltou a estabelecer com firmeza o estudo realista dos costumes*” (1997, p. 192-193; o grifo é meu)¹².

Igualmente B. C. Southam ressalta que: “é com Jane Austen que o romance assume seu caráter distintamente moderno no tratamento realista de pessoas comuns nas situações comuns da vida cotidiana”¹³ e ainda argumenta que em seus seis livros: “Austen criou a comédia de costumes da vida da classe média na Inglaterra de seu tempo” (1996 *apud* POPLAWSKI, 1998, p. 294; o grifo é meu)¹⁴.

Seguindo essa linha, D. S. Lynch (2005, p. 161) defende que na maioria de seus romances, Austen preserva a comédia de costumes, que lhe é própria, e a reduz à seguinte fórmula: pegue três ou quatro famílias em um povoado rural no sul da Inglaterra, em algum tempo durante o período Regencial; providencie para que pessoas estranhas cheguem na vizinhança, jovens casadouros cujos caminhos são insondáveis; acrescente reviravoltas narrativas enviando as heroínas para bailes ou Brighton; termine com pelo menos um casamento.

Jane Austen começou a escrever muito jovem e compôs inicialmente peças de teatro e contos, lançando assim as bases de sua longa carreira literária. No início, escrevia para diversão própria e da família, porém, em 1790, tendo apenas 15 anos, começou a escrever os primeiros romances: *Amor e amizade* e *A História da Inglaterra*. Usando a estrutura de cartas nessas obras, revelou sua sagacidade e antipatia pela histeria e sensibilidade românticas, que permaneceram evidentes nos outros escritos também. Mais tarde, produziu uma novela epistolar, *Lady Susan*, e

¹² “The sentimentalists were virtually a thing of the past, and the romanticists were in full career when *Jane Austen, cutting loose from both influences, set again on a firm basis the realistic study of manners* [...]”.

¹³ “It is with Jane Austen that the novel takes on its distinctively modern character in the realistic treatment of unremarkable people in the unremarkable situations of everyday life”.

¹⁴ “Austen created *the comedy of manners* of middle-class life in the England of her time, [...]”.

também o primeiro rascunho de *Elinor e Marianne*, outro romance em cartas, que depois, em 1811, foi publicado com o título de *Razão e sensibilidade*, bem como os seus vários romances famosos: *Orgulho e preconceito*, *A Abadia de Northanger*, *Mansfield Park*, *Emma*, *Persuasão* e outros textos inacabados.

Entre 1794 e 1795, a autora escreveu *Lady Susan*, uma novela epistolar que narra a história de uma viúva chamada Susan Vernon – descrita como “the most accomplished *coquette* in England”¹⁵ (AUSTEN, 2020c, p. 18; o grifo é da autora) – que manipula a família e conhecidos, especialmente a filha Frederica, para a própria sobrevivência social. A tradutora D. Goettens afirma, na introdução de *Lady Susan*, que este livro “[...] representa um hiato na totalidade da obra de Jane Austen por se caracterizar como um estudo sobre uma mulher adulta, que usa sua inteligência e charme para manipular, trair e abusar de suas vítimas, sejam elas, amantes, amigos ou mesmo membros de sua família” (2020, p. 6). Neste romance juvenil, a escritora não apresenta a típica heroína, também não traz a cenografia que lhe é peculiar, mas parte diretamente à ação, sem deixar de criticar as fraquezas humanas e sociais.

Normalmente, Austen é muito rápida em julgar seus personagens e classificar os vilões, que acabam tendo um final infeliz, porém, em *Lady Susan*, a vilã vence: ela quebra todos os códigos morais e ainda triunfa no fim. A maior crítica que esta obra recebe se dá ao fato de que de repente as cartas acabam, deixando uma lacuna no enredo e, em seguida, há um breve epílogo explicando como tudo se resolveu. Embora esta seja uma das primeiras obras da romancista, ela só foi publicada em 1871, ou seja, 54 anos após sua morte.

Logo em seguida, por volta de 1795, Austen escreveu um romance epistolar chamado *Elinor e Marianne*, mas, posteriormente, em 1797, mudou a forma da narrativa e também o título, passando a ser *Razão e sensibilidade* e, entre 1809 e 1810, fez a revisão do texto, preparando-o finalmente para ser estampado. No final de 1810 ou início de 1811, o editor londrino Thomas Egerton aceitou publicá-lo e, em abril e maio de 1811, ela corrigiu as provas e *Razão e sensibilidade* – escrito *by a Lady*, isto é, por uma dama, pois as publicações feitas por mulheres não tinham seus nomes nas capas – foi publicado em 30 de outubro do mesmo ano, sendo a primeira das obras da romancista a ser impressa (POPLAWSKI, 1998, p. 268), porém segundo a cronologia feita por K. Sutherland (2005, p. 16), a data da publicação é novembro de 1811. O romance narra a história das jovens irmãs Elinor, de 19 anos, e Marianne Dashwood, com 16 anos e meio, relata também o

¹⁵ “A mais perfeita *coquette* da Inglaterra” (AUSTEN, 2020c, p. 19).

amadurecimento das mesmas durante a narrativa, apresenta ainda o meio-irmão mais velho John e uma irmã mais nova Margaret, de 13 anos. As três irmãs, após a morte do pai, são obrigadas a se mudarem com a mãe viúva da propriedade em que cresceram, Norland Park – naquela época, as casas e mansões das propriedades rurais tinham nomes próprios –, pois esta foi passada para John, o único filho e fruto do primeiro casamento do sr. Dashwood, que embora ele tenha prometido ao pai, no leito de morte, cuidar das meias-irmãs, é dissuadido desse propósito pela esposa Fanny, assim, as quatro mulheres precisam encontrar um novo lar. Alugam uma casa modesta, a Barton Cottage, na propriedade de um parente distante, o Sir John Middleton: “In comparison of Norland, it was poor and small indeed!” (AUSTEN, 2007, p. 18)¹⁶. Lá, Marianne conhece o Coronel Brandon, um solteiro gentil e reservado de vida financeira estável, porém 20 anos mais velho. Embora ele se sinta atraído por ela, a mesma desencoraja sua atenção e se apaixona por John Willoughby, acreditando ser correspondida por ele, mas o rapaz se revela um caçador de fortunas, abandona Marianne por uma rica herdeira, e ela, no fim, acaba aceitando se casar com o coronel.

Durante esse tempo, Elinor e Edward Ferrars, irmão de Fanny, sentem-se atraídos um pelo outro, no entanto, após saber que ele, há vários anos, está secretamente noivo de Lucy Steele, ela se retrai ainda mais, e embora Edward ame Elinor, ele está determinado a honrar o compromisso assumido. Depois que o noivado é revelado pela própria Lucy, ele é rejeitado por Elinor, que, mais tarde, fica sabendo que o sr. Ferrars se casou. Acreditando que o cavalheiro em questão fosse Edward, ela fica chocada, mas depois aliviada ao descobrir que Lucy se casou com o irmão dele, Robert. Finalmente, Edward chega em Barton Cottage e pede Elinor em casamento, que o aceita.

Este romance, que esgotou a primeira tiragem de 750 exemplares em meados de 1813, foi um sinal do sucesso da escritora, assim uma segunda tiragem foi providenciada para outubro daquele mesmo ano. Após o êxito desta publicação, todos os livros posteriores de Jane Austen traziam a seguinte descrição: *by the author of Sense and Sensibility*, da autora de *Razão e sensibilidade*, e assim, o nome da romancista nunca apareceu em suas obras durante sua vida. Porém, de acordo com o especialista P. Poplawski (1998, p. 20), somente em 22 de julho de 1817, no obituário do jornal *Hampshire Courier*, Jane Austen foi identificada publicamente pela primeira vez como autora de seus romances.

Logo após terminar *Elinor e Marianne/Razão e sensibilidade*, Austen começou, em outubro de 1796, um segundo romance intitulado *First Impressions – Primeiras impressões* – do qual ela

¹⁶ “Comparada a Norland, era sem dúvida pobre e pequena, [...]” (AUSTEN, 2020f, p. 35).

terminou o primeiro rascunho em agosto de 1797, quando tinha 21 anos. Em 1 de novembro de 1797, o pai de Austen escreveu ao editor Thomas Cadell da Cadell & Davis, de Londres, perguntando se ele tinha algum interesse em ver o manuscrito, mas a oferta foi recusada (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 139).

Austen revisou o manuscrito de *Primeiras impressões* entre 1811 e 1812, preparando-o para ser publicado e também mudou seu título para *Orgulho e preconceito*, e provavelmente quando modificou o nome da obra, tinha em mente, uma das frases do livro *Cecília* de Fanny Burney (ROSS, 2003, p. 103), onde esta expressão aparece três vezes no capítulo final grafada com letras maiúsculas. Já o crítico literário inglês R. C. Fox (1962, p. 185) salienta, em seu artigo *Elizabeth Bennet: Prejudice or Vanity?*, que fatores comerciais também devem ter tido alguma influência, já que, após o sucesso de *Sense and Sensibility* (*Razão e sensibilidade*), nada poderia parecer mais natural que publicar outro romance da mesma autora usando de novo no título a forma de antítese e aliteração (haja vista que o título original é *Pride and Prejudice*). Ela, então, vendeu os direitos autorais também para Thomas Egerton por £110 – pouco mais de £5.100 em valores atuais –, que lançou a obra em três volumes em 28 de janeiro de 1813. Em outubro do mesmo ano, uma segunda edição foi feita e depois, em 1817, uma terceira em dois volumes.

A história se passa no início do século XIX, na zona rural da Inglaterra, em Meryton, no Condado de Hertfordshire, e concentra-se sobre a família Bennet, formada pelo casal e cinco filhas: Jane, Elizabeth/Lizzy, Mary, Catherine/Kitty e Lydia. A sra. Bennet está ansiosa para vê-las casadas, especialmente após saber que a Longbourn House, a modesta propriedade da família, será herdada, quando o sr. Bennet morrer, por William Collins, clérigo e primo do patriarca. Em seguida, o recém-chegado Charles Bingley, jovem e rico, é apresentado para as irmãs Bennets em um baile, e ele imediatamente se interessa por Jane. Já o sr. Darcy, melhor amigo dele, e Elizabeth têm um encontro nada cordial.

O sr. Collins visita a família Bennet esperando se casar com uma das irmãs. Após saber que a mais velha, Jane, já tem um pretendente, ele resolve pedir a mão de Elizabeth, mas ela recusa a oferta, deixando a sra. Bennet furiosa, então, ele acaba se casando com Charlotte Lucas, a melhor amiga de Lizzy. Enquanto isso, Elizabeth conhece o oficial militar George Wickham e a atração entre os dois é instantânea, ele ainda conta para ela todos os infortúnios causados pelo sr. Darcy ao não lhe conceder a herança devida.

Após o sr. Bingley partir para Londres inesperadamente, a antipatia que Elizabeth sentia pelo sr. Darcy aumenta à medida que ela tem certeza de que ele está atrapalhando o relacionamento do amigo e Jane. O herói, no entanto, cada dia mais admira e gosta de Elizabeth, por causa de sua inteligência e vitalidade. E numa visita à nova casa de Charlotte, agora casada, Elizabeth se encontra com o sr. Darcy, que confessa que a ama e a pede em casamento. Diante da resposta negativa, ele lhe pede uma explicação, e ela o acusa de separar Jane do sr. Bingley. Então, ele lhe escreve uma carta dizendo que separou o casal porque achava que a donzela não correspondia ao afeto do rapaz. Ele revela também o verdadeiro caráter de Wickham, dizendo que depois de gastar toda a herança, tenta fugir com Georgiana, a irmã de 15 anos do sr. Darcy, na tentativa de colocar as mãos na fortuna da jovem.

Pouco tempo depois, Lydia, a mais nova das filhas dos Bennets, foge com Wickham. A notícia é um choque para Lizzy, já que este escândalo – que provavelmente não terminaria em casamento – acabaria com a reputação das outras irmãs. Após a protagonista relatar o fato ao sr. Darcy, ele encontra o casal de fugitivos, convence Wickham a se casar com Lydia, oferecendo-lhe uma boa soma em dinheiro; mas apesar de ele desejar manter tudo em segredo, Lizzy fica sabendo, através da própria Lydia, o que ele fez. Incentivado pelo sr. Darcy, o sr. Bingley retorna à casa dos Bennets, e pede Jane em casamento e, finalmente, o sr. Darcy pede a mão de Elizabeth outra vez e ela aceita a proposta.

O editor Thomas Egerton e Austen ficaram impressionados com a popularidade de *Orgulho e preconceito*, pois os 1500 volumes da primeira tiragem, em janeiro de 1813, foram vendidos rapidamente, tanto assim que, como já foi visto, foram impressas mais duas edições, uma em outubro de 1813, e a outra em 1817. Com certeza isso motivou ainda mais a literata a escrever e publicar novos romances.

Entre 1798 e 1799, Austen escreveu *Susan*, que ficou concluído e pronto para publicação em 1803. Na primavera de 1803, o editor londrino Richard Crosby & Cia. comprou os direitos por £10 – pouco mais de £460 em valores atuais –, anunciou a publicação, mas não deu continuidade ao projeto. Seis anos depois, Austen, usando um pseudônimo: sra. Ashton Dennis, enviou-lhe pelo correio um seco pedido de explicação, propondo-lhe uma nova cópia do manuscrito caso o primeiro tivesse se perdido, e ameaçou entrar em contato com outro editor se ele não fizesse nada. Crosby limitou-se a responder que, neste caso, processaria o editor e mostrou-se disposto a ceder os direitos pelo preço que havia pago (POPLAWSKI, 1998, p. 209). Mas após o lançamento de *Emma*, em

dezembro de 1815, a escritora resgatou a obra por £10, por meio de seu irmão Henry. Em 1816, ela considerou publicá-la, mudou o título para *Catherine* e escreveu um pequeno aviso no início do romance, no qual expressou o espanto pela não publicação anterior de Crosby e o medo de que, treze anos após a conclusão, a obra tivesse se tornado obsoleta. Acabou deixando-o *on the shelf*, na prateleira, ou seja, sem publicar.

O livro conta a história de Catherine Morland, de 17 anos, filha de um pastor com considerável riqueza, que mora com os pais e nove irmãos em Fullerton, um lugarejo em Wiltshire. É uma personagem que não se encaixa no papel de heroína de romance: “No one who had ever seen Catherine Morland in her infancy would have supposed her born to be a heroine. [...]. She was fond of all boys’ plays, and greatly preferred cricket not merely to dolls, but to the more heroic enjoyments of infancy” (AUSTEN, 2007, p. 1077)¹⁷, além de ser muito interessada em romances góticos. Ela é convidada a viajar para o balneário de Bath com a sra. Allen, uma amiga da família. No começo, não gosta muito de lá porque não tem amigos. Mas, em um baile, ela conhece Henry Tilney, um jovem clérigo de 26 anos, com quem teve conversas animadas. Logo depois, Catherine só pensa em encontrá-lo novamente, sem saber que ele deixou Bath por uma semana. No balneário, onde Catherine procura Henry, ela conhece Isabella Thorpe, cuja mãe estudou com a sra. Allen. Uma estreita amizade se desenvolve entre elas, o que é favorecido, entre outras coisas, pelo fato de o irmão de Isabella, John, ser amigo do irmão de Catherine, James. John está muito interessado em Catherine, mas ela não gosta das atitudes do rapaz. James Morland e Isabella Thorpe, por outro lado, parecem ter uma paixão profunda e ficam noivos. Catherine encontra Henry novamente em um baile e conhece a irmã dele, Eleanor, e as duas logo se tornam amigas.

Após a partida de James, Catherine fica preocupada quando percebe que Isabella está flertando com Frederick, o irmão mais velho de Henry. No entanto, ela não pode influenciar o curso posterior dos eventos, pois é convidada para ir à casa da família na Abadia de Northanger por Eleanor e o pai dela, General Tilney. Lá, ela tem dias felizes e o amor entre ela e Henry se aprofunda, no entanto, é perturbado pela notícia de que Isabella se separou de James e está noiva de Frederick. Algum tempo depois, a protagonista teve que deixar Northanger e voltar para casa; porque foi expulsa repentinamente e sem nenhuma explicação pelo general, ainda que, até então, ele não tenha parecido ser contrário ao casamento dela com Henry.

¹⁷ “Ninguém que tivesse visto Catherine Morland quando criança teria imaginado que ela nascera para ser heroína. [...]. Adorava todas as brincadeiras de meninos e preferia em muito o críquete não só às bonecas, mas às mais heroicas delícias da infância” (AUSTEN, 2020a, p. 9).

Henry segue a jovem até a casa dela para uma conversa, no caminho, eles confessam seu amor e ficam noivos, e ele também pode explicar o comportamento estranho do pai: John Thorpe contou ao general uma mentira sobre a família Morland, quando ainda estava interessado em Catherine, disse que eles eram ricos e, mais tarde, após ser rejeitado, falou que eram extremamente pobres, assim o general acreditou que a jovem o tinha enganado. Acalmado pelo casamento de Eleanor com um visconde, ele finalmente dá permissão para que a heroína e Henry se casem.

Embora tenha sido o primeiro romance de Austen que foi vendido a um editor, foi o último a ser publicado. A autora não viu nenhuma edição deste livro, pois foi lançado postumamente, em dezembro de 1817, pelo irmão Henry, que modificou o título para *A Abadia de Northanger*, tendo como editor John Murray. Esta obra é provavelmente a mais próxima dos escritos da *Juvenília*, especialmente por ser uma paródia dos sentimentos, sensações e sensibilidade comuns nos romances do século XVIII. (POPLAWSKI, 1998, p. 210).

Já entre fevereiro de 1811 e o verão de 1813, Austen escreveu o romance *Mansfield Park*, que foi impresso em maio de 1814, em três volumes por Egerton, o mesmo que publicou os dois livros anteriores, sendo feitos 1250 exemplares, que dentro de seis meses, foram todos vendidos. É possível que tal sucesso tenha acontecido devido ao êxito das obras anteriormente publicadas, pois na capa vinha estampado: *by the Author of Sense and Sensibility and Pride and Prejudice*, da autora de *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*. Porém, a segunda edição deste livro, em fevereiro de 1816, foi feita por John Murray, que também publicará *Emma*. Esse romance conta a história de Fanny Price, que vai morar com os parentes ricos, os Bertrams, em Mansfield Park, quando está com apenas dez anos de idade, pois sua família é muito grande e pobre, assim não tem condições de criá-la bem. A heroína é descrita por Austen de forma muito peculiar: “She was small of her age, with no glow of complexion, nor any other striking beauty; exceedingly timid and shy, and shrinking from notice; but her air, though awkward, was not vulgar, her voice was sweet, and when she spoke, her countenance was pretty” (AUSTEN, 2007, p. 480)¹⁸.

Com um salto de vários anos, a protagonista e os primos são agora jovens e estão na idade de pensar em casamento. Problemas financeiros forçam o tio de Fanny, Sir Thomas Bertram, a verificar sua plantação no Caribe. Enquanto isso, os irmãos ricos, Henry e Mary Crawford, mudam-se para uma casa próxima e agitam as coisas em Mansfield Park. Enquanto duas das primas de

¹⁸ “Pequena para sua idade, sem fulgor nas faces nem qualquer outra beleza impressionante, arredia e tímida demais, evitava as atenções, porém, apesar de um pouco desajeitada, não era vulgar, e sua voz era meiga, quando falava, tornava seu rosto bonito” (AUSTEN, 2018b, p. 18).

Fanny, Maria e Julia Bertram, se sentem atraídas por Henry, Mary tenta se apaixonar por Tom Bertram, mas acaba se interessando pelo irmão mais novo, Edmund, por quem a própria Fanny está apaixonada. O rico James Rushworth também entra em cena como noivo de Maria Bertram.

Depois de uma viagem à casa do sr. Rushworth, onde Maria fica um pouco à vontade demais com Henry, o grupo começa a procurar coisas divertidas para fazer em Mansfield Park, mas Sir Thomas volta para casa inesperadamente e interrompe o divertimento dos jovens. Henry deixa o lugar rapidamente, o que quebra o coração de Maria e Julia. Então, Maria decide se casar com o sr. Rushworth e parte para a lua-de-mel levando Julia consigo e, enquanto isso, Mary Crawford começa uma amizade com Fanny. Mary e Edmund se apaixonam ainda mais, mas ele, sendo o segundo filho, não herdará a propriedade do pai, por isso não é assim tão atraente para ela. Henry decide fazer de Fanny a próxima conquista, mas acaba se apaixonando por ela, porém, quando ele faz a proposta de casamento, a heroína a recusa, chocando os amigos e vizinhos. A jovem não conta a ninguém o verdadeiro motivo da recusa – ela ama Edmund e acha que Henry não é moralmente correto – e Sir Thomas decide enviar Fanny para visitar sua família em Portsmouth. Pouco depois, uma série de tragédias e escândalos atingem a família Bertram: Tom adoece, Julia foge, Maria tem um caso amoroso com Henry e abandona o marido, Edmund e Mary terminam o relacionamento e ele acaba se apaixonando e casando com Fanny.

Após o término de *Mansfield Park*, Jane Austen, em 1814, começou a escrever *Emma*, que foi publicado pela primeira vez em 1815 pelo editor John Murray, um romance que narra os perigos de interpretar mal o amor. A personagem principal, Emma Woodhouse, é “handsome, clever, and rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence, and had lived nearly twenty-one years in the world with very little to distress or vex her” (AUSTEN, 2007, p. 773)¹⁹. Conforme afirma Austen-Leigh (2021, p. 159), antes de iniciar esta obra, a tia teria declarado que criaria uma heroína de quem ninguém além dela mesma iria gostar.

Emma é órfã de mãe, vive com o pai e tem como amigo e maior crítico, o sr. Knightley, vizinho e irmão mais velho do marido da irmã dela, Isabella. O romance começa com o casamento da governanta da família, srta. Taylor, amiga e confidente de Emma, que a apresentou para o marido, o sr. Weston, por isso, a protagonista acredita que mereça o crédito por esta união e tem a

¹⁹ “bonita, inteligente e rica, morava em uma casa confortável e tinha excelente caráter, parecia reunir algumas das melhores bênçãos da vida e viveu por cerca de vinte e um anos com quase nada que a afligisse ou chateasse” (AUSTEN, 2020b, p. 9).

intenção de arranjar outros casamentos. Apesar da opinião contrária do sr. Knightley, Emma tenta unir a nova amiga Harriet Smith com o sr. Elton, o vigário da aldeia, e isso faz com que a moça rejeite a proposta de casamento de um jovem fazendeiro, o sr. Martin. O plano falha quando Emma descobre que o sr. Elton quer se casar com ela e não com Harriet, que é pobre e de classe inferior. Depois que Emma recusa seu pedido de casamento, o clérigo parte para Bath.

Então, chega em Highbury, Frank Churchill, enteado da sra. Weston, e também o sr. Elton retorna com a esposa, ao mesmo tempo em que volta para a aldeia Jane Fairfax, a sobrinha da srta. Bates. Jane morou com a tia e a avó até os nove anos, quando o Coronel Campbell, velho amigo do pai da jovem, a recebeu em casa, onde ela cresceu sendo grande amiga da filha dele e recebendo uma educação elevada, que a tia não tinha condições de lhe dar. Após o casamento da filha do coronel, Jane retorna ao povoado para descansar, antes de começar a procurar trabalho como governanta. Emma, instigada por Frank Churchill, acredita que Jane está apaixonada pelo genro do coronel, o sr. Dixon, e por esta razão ela voltou para casa.

Emma sente simpatia por Frank e, por um tempo, pensa que está apaixonada, porém, mais tarde, quando ela percebe que não o ama, decide que ele deve ficar noivo de Harriet, acreditando que a amiga se sinta atraída por ele porque a salvou de um bando de ciganos. Simultaneamente, a sra. Weston confia a Emma que ela tem a sensação de que o sr. Knightley gosta de Jane. Quando o sr. Knightley, durante uma viagem a Box Hill, repreende Emma por um insulto feito a srta. Bates, ela começa a perceber os erros cometidos e tenta remediá-los. De repente, descobre-se que Jane e Frank estão secretamente noivos há cerca de um ano e Emma fica surpresa com a notícia, não porque esteja romanticamente envolvida com o rapaz, mas apenas porque acha que Harriet sofrerá.

O maior choque da protagonista acontece quando Harriet lhe confia que está apaixonada pelo sr. Knightley e acha que é correspondida por ele. O ciúme finalmente abre os olhos de Emma e a faz perceber que o ama. Pouco depois, recebe a proposta de casamento dele, que ainda não havia decidido dar esse passo porque estava convencido de que ela estava enamorada de Frank. Harriet, por outro lado, se distancia de Emma, se reconcilia com o sr. Martin e aceita casar-se com ele. O romance termina com três casamentos: o de Emma com o sr. Knightley, o de Harriet com o sr. Martin e o de Jane com Frank.

Após concluir *Emma*, Austen compôs, entre 1815 e 1816, *Persuasão (Persuasion)*, que foi publicado postumamente, em 1817, na editora de John Murray pelo irmão da escritora, Henry. É a

última obra completa escrita pouco antes do agravamento da doença que a levou à morte, por isso escreveu um romance mais breve e menos elaborado do que *Mansfield Park* e *Emma*, não obstante o problema de saúde, a obra é bem original e é seu primeiro romance onde a heroína já não é tão jovem, que poderia ser reflexo do próprio amadurecimento vivido pela escritora.

Esta obra narra as aventuras de Anne Elliot, a segunda filha do baronete Sir Walter Elliot. A mãe morreu há muito tempo e a irmã mais velha, Elizabeth, assumiu a administração da casa; a irmã mais nova, Mary, casou-se com Charles Musgrove, filho de um respeitado e rico proprietário de terras, que anos antes havia cortejado Anne, mas ela o rejeitou. O pai e as irmãs têm muito orgulho da posição social deles e menosprezam qualquer pessoa de classe inferior, mas Anne, por outro lado, não dá importância às diferenças de status e muitas vezes fica embaraçada com o comportamento dos parentes. Além disso, ninguém da família tem um carinho sincero por ela, que parece, já com 27 anos, destinada a continuar solteira. Quando tinha 19 anos, ela fora persuadida por Lady Russell, a melhor amiga da mãe, a romper o noivado com o Capitão Frederick Wentworth, a quem ela amava profundamente e era correspondida. Essa senhora, assim como Sir Walter Elliot e as filhas, achou a escolha de Anne imprudente, pois, na época, Frederick era um oficial da Marinha, portanto, de classe inferior, e aparentemente sem grandes perspectivas para o futuro: “Anne Elliot, with all her claims of birth, beauty, and mind, to throw herself away at nineteen; involve herself at nineteen in an engagement with a young man, who had nothing but himself to recommend him, and no hopes of attaining affluence” (AUSTEN, 2007, p. 1241)²⁰.

Anne e o capitão se reencontram oito anos após o rompimento do noivado porque o cunhado do oficial, o Almirante Croft, alugou a residência de Sir Walter, que fora forçado a isso pelas numerosas dívidas contraídas ao longo dos anos em que manteve um estilo de vida muito além das possibilidades. Anne fica sabendo que, graças às guerras contra Napoleão, Frederick foi promovido e recebeu um prêmio de £25.000, pouco mais de £1.160.000 em valores atuais. Todos os Musgroves – incluindo Mary, o marido Charles e as duas irmãs Louisa e Henrietta – estão maravilhados com os Crofts e Frederick animando a vizinhança. Ambas as irmãs Musgroves se sentem atraídas pelo capitão, embora Henrietta, antes de conhecê-lo, tenha aceito a corte do primo, o pastor Charles Hayter, que, segundo Mary, não é adequado para ela porque vem de uma família

²⁰ “Anne Elliot, com todas as suas qualidades de berço, beleza e inteligência, desperdiçar sua própria vida aos dezenove anos; envolver-se aos dezenove anos num noivado com um rapaz que nada tinha além de si mesmo para recomendar-se, e sem esperanças de obter nenhum dinheiro” (AUSTEN, 2020e, p. 34).

socialmente inferior. Enquanto isso, Charles, Mary e os Crofts apostam qual das duas irmãs Frederick escolherá.

Um dia, durante uma excursão a Lyme para visitar o capitão Harville, um amigo de Frederick, Louisa cai e bate violentamente com a cabeça no chão. Todas as pessoas que estão perto dela entram em pânico e a consideram morta, mas Anne intervém e, com rapidez, chama um médico. Essa atitude da protagonista desperta a admiração de Frederick outra vez, que, poucos dias antes, havia declarado que a mulher ideal para ele era firme e decidida, que não suportava pessoas de caráter fraco. Louisa se recupera muito lentamente, e se aproxima do Capitão Benwick, de quem fica noiva mais tarde.

Entretanto, Sir Walter, Elizabeth e a sra. Clay – a filha divorciada do mordomo dos Elliots – para economizar e recuperar as finanças da família, mudam-se para Bath. Lá encontram William Elliot, primo e herdeiro do baronete, que tenta retomar relações com a família, interrompidas abruptamente anos antes devido ao casamento dele com uma mulher socialmente inferior, embora muito rica. Elizabeth espera que essa reaproximação se deva ao fato de ele querer se casar com ela, embora seja evidente que ele esteja interessado em Anne. Ele parece ser um cavalheiro, mas a heroína não confia nele, suspeitando de seu súbito interesse em consertar as relações com Sir Walter. Essas dúvidas são esclarecidas quando a jovem descobre que em Bath vive uma antiga companheira de escola dela, a sra. Smith, que está doente e na miséria.

A moça visita a colega e descobre que os Smiths eram amigos íntimos de William e da falecida esposa, que os encorajaram a levar uma vida extravagante, abandonando-os quando caíram na pobreza. A indigente senhora também lhe relata que a reaproximação de William é apenas para defender os próprios interesses, pois ele teme um casamento entre Sir Walter e a sra. Clay, o que o faria perder os direitos de herança. Os Musgroves vêm a Bath para comprar o enxoval para as filhas Louisa e Henrietta: esta última, de fato, decide se casar com Hayter.

Finalmente, Anne e Frederick declaram seu amor mútuo e ficam noivos, e agora a família dela não tem objeções, graças à fortuna do rapaz. William, não podendo mais se casar com Anne, deixa Bath, e mais tarde se descobre que ele está morando em Londres com a sra. Clay, e afinal, Elizabeth e o pai veem que foram ludibriados. Lady Russell, que influenciou no rompimento do noivado de Anne e Frederick, admite que se enganou sobre o capitão, e uma vez casados, eles decidem cuidar da sra. Smith, que consegue, com a ajuda de Frederick, resgatar uma plantação do marido nas Antilhas e assim melhorar consideravelmente sua condição econômica.

Além das obras escritas na juventude e dos seis romances completos, Austen também deixou dois livros inacabados, um com título provisório e outro sem, que postumamente foram nomeados: *The Watsons*, *Os Watsons*, de 1804 e *Sanditon* de 1817. A professora K. Sutherland (2005, p. 16) afirma que, de acordo com a irmã de Austen, Cassandra, *Os Watsons* não tinha título e *Sanditon* recebeu o título provisório de *The Brothers (Os irmãos)*, e que:

Ao contrário de *Sanditon*, interrompido pela doença final, não sabemos por que Austen abandonou *Os Watsons*, não obstante a conjectura fornecida por Fanny Caroline Lefroy, filha de Anna Lefroy²¹, apesar de uma distância de oitenta anos, pareça provável. De acordo com Fanny Caroline, “Em algum lugar em 1804 [Jane Austen] começou ‘Os Watsons’, mas seu pai morreu no início de 1805, e nunca foi terminado” (SUTHERLAND, 2005, p. 15; o acréscimo e o grifo são da autora)²².

Os Watsons era um fragmento que não tinha divisões de capítulos e recebeu este título do sobrinho da romancista, James Edward Austen-Leigh, sendo publicado só em 1871, na edição revisada e aumentada do livro *Uma memória de Jane Austen*. A obra narra que a jovem Emma Watson retorna para a família depois de ter sido criada por uma tia rica, que todos esperavam que deixasse sua fortuna para a sobrinha após a morte, mas ela decide se casar novamente e seguir com o marido para a Irlanda. Austen descreve a protagonista de forma bem detalhada: tinha uma estatura mediana – curvilínea e rechonchuda, que revelava um vigor saudável, a pele era parda, limpa, macia e incandescente – “somado a um olhar vívido, um sorriso doce e um semblante aberto, dava-lhe uma beleza capaz de atrair e uma expressão capaz de intensificar essa beleza depois das primeiras palavras trocadas” (AUSTEN, 2018a, p. 111-112).

Quando chega em casa em Surrey, após longos anos de ausência, Emma, apesar da bondade do pai – um clérigo viúvo extremamente doente que tem dois filhos e quatro filhas – e dos esforços da irmã mais velha, Elizabeth, percebe que não pertence mais à família, pois ela recebeu uma excelente educação e adquiriu hábitos de elegância e luxo, embora fosse simples. Fica espantada com suas irmãs Margaret e Penelope, desesperadas por um marido. Os nobres Osbornes moram perto dos Watsons e, em um baile numa cidade vizinha, o jovem Lord Osborne e Emma sentem-se atraídos, enquanto Margaret vive atrás de Tom Musgrave, um rico amigo de Lord Osborne.

²¹ Sobrinha de Jane Austen. Antes do casamento, em novembro de 1814, chamava-se Anna Austen.

²² “Unlike *Sanditon*, cut short by final illness, we do not know why Austen abandoned *The Watsons*, though the conjecture provided by Fanny Caroline Lefroy, daughter of Anna Lefroy, albeit at a distance of eighty years, sounds probable. According to Fanny Caroline, ‘Somewhere in 1804 [Jane Austen] began ‘The Watsons’, but her father died early in 1805, and it was never finished’”.

Passados alguns dias, Margareth, após uma longa visita ao irmão Robert em Croydon, retorna para casa sendo acompanhada por ele e pela cunhada Jane. A obra se encerra quando o casal decide retornar para sua cidade e tentam levar Emma, mas ela recusa o convite.

Por sua vez, em seus doze capítulos, *Sanditon*, que foi publicado por R. W. Chapman em 1925 com o título: *Fragment of a Novel, Fragmento de um romance*, narra a história de Charlotte Heywood – a mais velha dos 14 filhos de um cavalheiro de Willingden – que, após um acidente com uma carruagem próximo à casa dela, conhece o casal Parker, que permanece com a família até a recuperação total do jovem. Durante a permanência nos Heywoods, o rapaz elogia o balneário da moda, uma antiga vila de pescadores, e fonte dos seus negócios: “todo mundo já ouviu falar de Sanditon. A escolha favorita para um local de banho, [...], certamente o local preferido de todos os que frequentam a costa de Sussex, o mais favorecido pela natureza” (AUSTEN, 2021, p. 11), e convida a família a visitar o local, entretanto, os Heywoods recusam, porém, concordam em enviar Charlotte. Lá, ela encontra um ambiente de intrigas e paixões, conhece Lady Denham, uma mulher duas vezes viúva que recebeu uma fortuna do primeiro marido e um título do segundo, também a sobrinha da nobre senhora, Clara Brereton, as irmãs Beaufort, Edward Denham e o jovem Sidney Parker, entre outros. O romance se encerra quando a sra. Parker e Charlotte vão à Sanditon House, a casa de Lady Denham. No caminho, Charlotte avista Clara sentada com Edward, em uma conversa íntima no jardim. Quando entram, observa que um grande retrato de Sir Harry Denham está pendurado sobre a lareira, enquanto o primeiro marido, o sr. Hollis, dono daquela casa, só recebe uma miniatura no canto.

K. Sutherland (2005, p. 17) aponta que Austen vendeu os direitos autorais só de um de seus romances, *Orgulho e preconceito*, mas o restante das ficções foi publicado por comissão, ou seja, o autor arcava com os custos da produção e da publicidade, enquanto que o editor recebia uma comissão pelas cópias vendidas, o autor, porém, retinha os direitos autorais.

De acordo com J. E. Austen-Leigh (2021, p. 119), a romancista não teve nenhum tipo de contato pessoal com outros autores e escritores do período, pois vivia reclusa do mundo literário: “nem por correspondência, nem por relação pessoal ela era conhecida por quaisquer autores da época”. Afirma ainda que provavelmente a tia nunca esteve na companhia de pessoas cujas habilidades ou fama se equiparassem aos dela, assim os talentos da escritora: “jamais poderiam ter sido lapidados pelo encontro com intelectos superiores, nem sua imaginação auxiliada por sugestões casuais destes”. Destaca que mesmo nos últimos dois ou três anos de vida, quando as

obras dela ganharam fama pública, o círculo de conhecidos não aumentou: “Poucos de seus leitores sabiam mesmo o seu nome, e nenhum sabia mais a seu respeito, além disso. Duvido que seja possível mencionar qualquer outro autor de prestígio, cuja obscuridade pessoal fora tão completa”. Em outras palavras, segundo o sobrinho, tudo o que foi produzido pela romancista britânica vinha não da influência de outros escritores, mas daquilo que ela vivenciava no âmbito familiar.

Austen é uma das autoras mais lidas do mundo e seus romances foram traduzidos para inúmeras línguas e também são frequentemente adaptados para o teatro, a televisão e o cinema. O estilo literário dela baseia-se principalmente em uma mistura de paródia, discurso indireto livre, ironia e apresentação de realismo literário e usou o burlesco e a paródia para criticar a situação das mulheres no século XVIII diante de uma cultura machista e patriarcal. Suas obras estão longe do mundo da fantasia, pois ela se concentrou em apresentar as pessoas comuns de forma realista, tendo como temas recorrentes na maioria das obras literárias: a cultura, o preconceito, o amor, o casamento e a opressão social sobre as mulheres.

O quadro a seguir ilustra cronologicamente a produção literária de Jane Austen, desde os primeiros escritos até os romances inacabados:

Quadro 1 - Cronologia da Produção Literária de Jane Austen			
	Composição	Reescritura	Publicação
c. 1787-1793	<i>Juvenília</i>	Cópias passadas a limpo de <i>Juvenília</i> (Vol. 1º, Vol. 2º e Vol. 3º)	Confidencial Família Circulação de <i>Juvenília</i>
1790-1800	Esboço da peça burlesca <i>Sir Charles Grandison</i>		Confidencial Família Circulação de outros escritos
1794-1795	<i>Lady Susan</i> , um romance em cartas		
c. 1795	“Elinor e Marianne”, um romance em cartas, o primeiro rascunho de <i>Razão e sensibilidade</i>		
out. 1796-ago. 1797	“Primeiras impressões”, primeiro rascunho de <i>Orgulho e preconceito</i>		(1 nov. 1797 oferecido a Cadell & Davis)
nov. 1797		Remodelação de “Elinor e Marianne” como <i>Razão e sensibilidade</i>	
1798-1799	Rascunho de “Susan”, primeiro esboço de <i>A Abadia de Northanger</i>		
1803		“Susan” revisado para publicação	Manuscrito de “Susan” comprado por Crosby & Cia.
1804	Inicia e abandona <i>Os Watsons</i>		
1805		Cópia passada a limpo de <i>Lady Susan</i> , talvez acrescentando a conclusão	

1809			(abr. Jane Austen indaga sobre o manuscrito de “Susan”)
1809-1811		Algumas revisões no <i>Volume 3º Razão e sensibilidade</i> revisado para publicação	nov. 1811 <i>Razão e sensibilidade</i>
1811-1812	Inicia <i>Mansfield Park</i>	<i>Orgulho e preconceito</i> reescrito para publicação	
1813	Rascunhando <i>Mansfield Park</i>	Revisando <i>Razão e sensibilidade</i> para 2ª ed.	jan. <i>Orgulho e preconceito</i> ; out. <i>Razão e sensibilidade</i> (2ª ed.); <i>Orgulho e preconceito</i> (2ª ed.)
1814	Inicia <i>Emma</i>	Examinando <i>Mansfield Park</i> para publicação	maio <i>Mansfield Park</i>
1815	Rascunhando <i>Emma</i> Rascunhando <i>Persuasão</i>	Revisando <i>Mansfield Park</i> para 2ª ed. Examinando <i>Emma</i> para publicação	dez. <i>Emma</i>
1816	Rascunhando <i>Persuasão</i>	Revisões de “Susan” renomeado como “Catherine”	Compra de volta o manuscrito de “Susan” fev. <i>Mansfield Park</i> (2ª ed.)
1817	Rascunhando <i>Sanditon</i>	“Catherine”, na prateleira	<i>Orgulho e preconceito</i> (3ª ed.); dez. <i>A Abadia de Northanger</i> (“Catherine”); <i>Persuasão</i>
Fonte: SUTHERLAND, 2005, p. 20-22.			

2.3 Contexto histórico-literário

Jane Austen nasceu na Inglaterra do Período Georgiano (1760-1820), quando foi rei George III, e publicou seus livros no período Regencial (1811-1820), que ficou conhecido pela elegância e pelo investimento nas artes plásticas e na arquitetura. Essa era abrangida uma época de grandes mudanças sociais e econômicas, pois a guerra que foi travada com Napoleão, e também em outras frentes, afetou o comércio interno e internacional, assim como a política e a vida do cidadão comum. No entanto, apesar das inúmeras batalhas, foi um período de grande refinamento e conquista cultural, que moldou e alterou a estrutura social britânica, principalmente para os mais ricos, enquanto que os pobres eram abandonados. O príncipe, como um dos maiores patronos das artes, ordenou a dispendiosa construção e reforma do Brighton Pavilion, e de muitas outras obras públicas, que acabou por esvaziar o tesouro, mas também ele muitas vezes ultrapassou o limite das finanças, fazendo recair sobre o povo os custos, em especial sobre os mais carentes.

A sociedade durante esse período era consideravelmente estratificada: enquanto as classes altas desfrutavam de um estilo de vida opulento, as classes baixas experimentavam uma pobreza opressiva e o príncipe fez pouco para aliviar a situação e, por causa do estilo de vida luxuoso que vivia, havia uma animosidade crescente contra ele. A diferença entre ricos e pobres se agravou devido a um repentino aumento populacional e consequente superlotação das cidades, o que levou a condições precárias de moradia, dando origem aos guetos – conhecidos como *rookeries* –, que foram vinculados à prostituição, à embriaguez e ao crime.

Também os valores inflacionados dos alimentos, graças ao bloqueio de Napoleão às exportações para a Grã-Bretanha, bem como os altos preços do trigo resultantes das *Corn Laws*, Leis do Milho, de 1815 – que impuseram tarifas sobre grãos de cereais importados de outros países, como trigo e milho –, ajudaram no empobrecimento maior da população menos favorecida. Do mesmo modo, os avanços na indústria têxtil trazidos pela Revolução Industrial (1760-1840), como as máquinas a vapor, acabaram por extinguir a fiação como manufatura caseira afetando famílias pobres que viviam desta atividade, fazendo surgir as *Luddite Riots*, revoltas ludistas (1811-1816), em que os artesãos ingleses protestaram – invadindo fábricas e destruindo o maquinário – contra o impacto negativo dos progressos tecnológicos na confecção de tecidos.

Todavia, para que se possa compreender o período histórico de Jane Austen é preciso ver a situação política da Europa, especialmente da França – que esteve em combate com a Inglaterra por um longo tempo – que, a partir do Iluminismo, sofreu mudanças radicais no estilo de governo, desembocando na conhecida Revolução Francesa, que, por sua vez, impulsionará as colônias nas Américas ao levante em busca da independência. A Revolução Francesa fez parte da adolescência de Austen, já que em 1789 tinha somente 14 anos, e sua vida adulta foi pautada pelo longo período de guerra entre a Grã-Bretanha e a França de Napoleão Bonaparte, ou seja, a escritora, em seu curto período de vida, viu um país marcado por inúmeros conflitos.

O Iluminismo nasceu na França e se estendeu de 1715, ano da morte do rei Luís XIV, a 1789, início da Revolução Francesa. As ideias iluministas eram centradas na razão, com ênfase no método científico e em um forte questionamento da ortodoxia religiosa, tendo como ideais a liberdade do indivíduo contrapondo-se à monarquia absolutista; o progresso e a tolerância religiosa em oposição aos dogmas da Igreja Católica; a fraternidade, o governo constitucional e a separação entre Igreja e Estado.

No artigo *Iluminismo: o que foi e sua importância*, I. Zimmermann (2021, s. p.) afirma que:

“os ideais iluministas foram pontos centrais na Revolução Francesa, de 1789. Os conceitos de *igualdade, liberdade e fraternidade*, desenvolvidos pelos iluministas, foram aplicados durante o processo revolucionário francês” e argumenta ainda que: “a França vivia sob o *Antigo Regime*, em que o governo era absolutista e o conhecimento era pautado pelo clero. Não havia liberdade política, econômica e social” (o grifo é do autor). Ele igualmente destaca que os burgueses eram obrigados a pagar altos impostos para sustentar as classes dominantes e não tinham perspectiva de mobilidade social, além disso, existia a população que padecia pela crise fiscal que devastava o país. Por fim, na luta contra esse regime obsoleto, a burguesia conseguiu também a adesão das camadas mais populares, especialmente a dos camponeses.

Da mesma forma, os ideais iluministas influenciaram as colônias inglesas na América a buscarem a independência. Sobre este argumento, o professor de história R. Sousa (2021, s. p.), no artigo *Guerra da independência dos Estados Unidos*, destaca que durante as décadas de 1760 e 1770, as relações políticas entre a Inglaterra e as Treze Colônias estavam gradativamente se agravando: “Por um lado, a Inglaterra desejava impor tributos e exigências que nunca antes impôs aos colonos norte-americanos. Em contrapartida, os moradores das Treze Colônias, acostumados com a autonomia, não pretendiam se submeter a essa nova política da metrópole britânica”. A Guerra de Independência dos Estados Unidos, também conhecida como Guerra Revolucionária, aconteceu de 1775 – ano do nascimento de Austen – a 1783 entre o Reino da Grã-Bretanha e as Treze Colônias na América do Norte, que, em 1776, assinaram a Declaração de Independência como os Estados Unidos da América. Embora, o desfecho da guerra só foi decidido pela intervenção ativa, a partir de 1778, da França em favor dos colonos. A luta principal terminou em 1781 com a derrota britânica na Batalha de Yorktown, mas esta guerra encerrou-se oficialmente com a assinatura de um tratado de paz preliminar em 1782 e finalmente em 1783, o Tratado de Paris, no qual o Reino Unido admitia a soberania dos Estados Unidos, reconhecendo-os como uma nação independente. Porém, a atuação da França na independência norte-americana causou ao país graves problemas, que culminou na Revolução Francesa que, por sua vez, possibilitou a subida de Napoleão Bonaparte ao poder, que tentou consolidar o Império Francês subjugando outras nações. Desde a década de 1770, a França estava enfrentando uma grave crise financeira devido ao envolvimento na guerra de Independência dos Estados Unidos, já que a participação naquele conflito levou o país à ruína e, devido à crise econômica que assolava a nação, a aristocracia

francesa decidiu cobrar mais impostos dos camponeses.

A cobrança excessiva de impostos, as péssimas condições em que a grande maioria da população francesa vivia e a fome, que a camada mais baixa da população sofreu devido aos invernos rigorosos e as colheitas ruins, levaram os franceses à revolta, que se iniciou em 14 de julho de 1789, com a tomada da Bastilha. O professor de história D. Neves Silva (2021, s. p.), no artigo *O que foi a queda da Bastilha?*, salienta que “o ataque à Bastilha foi o grande marco dessa mobilização de 1789 e contribuiu para difundir o sentimento revolucionário por toda a França e inaugurar um período de dez anos marcado por grande agitação que ficou conhecido como Revolução Francesa”.

Uma figura bastante importante para se entender a situação política vivida na Inglaterra de de Austen é Napoleão Bonaparte, que aos 24 anos já havia se tornado general do exército francês, após apresentar um plano que libertou Toulon dos ingleses. A Revolução Francesa entrou em uma nova fase em 9 de novembro de 1799, ou 18 de Brumário²³ VIII do Calendário Revolucionário ou Republicano Francês²⁴, conhecida como Consulado. No seu artigo sobre Napoleão Bonaparte, o professor C. Fernandes (2021, s. p.), mestre em história pela UFG, aponta que “essa fase resultou de um *golpe político arquitetado por membros da alta burguesia*, alguns nobres e membros do exército que, junto a Napoleão, buscavam um governo forte e centralizador” (o grifo é do autor) e nota ainda que o Consulado – que terminou em 1804, quando, através de um plebiscito, Napoleão tornou-se imperador – marcou o início da Era Napoleônica, que durou até 1814, isto é, cerca de quinze anos.

Durante seu governo, uma série de conflitos importantes, que ficaram conhecidos como as Guerras Napoleônicas, opuseram o Império Francês e os aliados, liderados pelo próprio Napoleão, a um grupo de nações da Europa, que também formaram várias coalizões no intuito de vencer o Império que avançava fortemente. R. Cancian (2021, s. p.) afirma, no artigo *Bloqueio continental: Napoleão proibiu comércio com a Inglaterra*, que o imperador francês tinha implementado uma política militar expansionista, objetivando estender seu domínio por toda a Europa. A Grã-Bretanha, porém, conseguiu resistir às investidas de conquista da França napoleônica, mas

²³ “Brumário (*brumaire*, remetendo às brumas, aos nevoeiros): 22 de outubro a 20 de novembro” (PINTO, 2021, s. p.).

²⁴ “Com a instauração da República [...], a Revolução Francesa se radicalizou, buscando transformar completamente a sociedade francesa. Uma das medidas [...] foi a *criação de um novo calendário*, diferente do calendário gregoriano, símbolo do cristianismo e do Antigo Regime Monárquico [...]. Ele foi adotado a partir de 1793, mas seu início marcaria a data de 22 de setembro de 1792, dia da instauração da República. [...]. O ano I, iniciado em 1792, era o ano da adoção da Constituição que havia instituído o sufrágio universal, a democratização” (PINTO, 2021, s. p.; o grifo é do autor).

querendo dobrar a resistência da maior potência industrial da época, Napoleão buscou, através do Bloqueio Continental de 1806, destruí-la economicamente proibindo os países europeus de fazer comércio com os ingleses.

G. Russell (2009, p. 261), no artigo *The Army, the Navy, and the Napoleonic Wars*, sustenta que: “Jane Austen atingiu a maturidade como escritora durante um dos conflitos mais significativos da história britânica – as Guerras Revolucionárias e Napoleônicas de 1793-1815”²⁵. Também salienta que excetuando a Paz de Amiens de 1802-1803 e um período de paz temporária de 1814, a Grã-Bretanha combateu a França por 22 anos. Segundo ela, em 1814, duzentos e cinquenta mil soldados serviam no exército, ao mesmo tempo que, entre 1789 e 1812, a marinha cresceu dez vezes. Afirma ainda que entre 1798 e 1803, “quando a invasão pelas forças de Napoleão foi considerada iminente, a costa sul estava em alerta total, [...]. Estima-se que em 1804 cerca de meio milhão de homens, consistindo de soldados regulares, o batalhão e os voluntários, estavam armados na Grã-Bretanha”²⁶.

Já M. Poovey (2009, p. 251), no artigo *From Politics to Silence: Jane Austen's Nonreferential Aesthetic*, argumenta que o contexto político e social sob o qual Austen compôs e revisou seus romances é praticamente impossível de ser recuperado por leitores modernos a partir dos próprios textos, no entanto, as obras publicadas trazem alusões a eventos com os quais a autora estava familiarizada, já que os irmãos eram militares. Algo semelhante também constata a escritora e crítica literária inglesa E. Hawksley (2021, s. p.), no artigo *Jane Austen and the Napoleonic Wars*, ao ressaltar que a guerra era um pano de fundo constante e importante para os romances de Austen, o problema, no entanto, é que a maioria dos leitores hodiernos não consegue reconhecer suas referências a esse fato.

Esta influência do período bélico aparece de maneira sutil em *Orgulho e preconceito*. Para os personagens do romance, a chegada do regimento é interessante porque significa que a cidade estará repleta de jovens. No entanto, os leitores da época teriam entendido que a chegada de soldados sinalizava que as tropas estavam reunidas para se prepararem para a possível ameaça de uma invasão francesa. A presença desses oficiais também nem sempre era reconfortante, pois um grupo militar em uma cidade significava que haveria homens que muitas vezes ficavam ociosos e

²⁵ “Jane Austen grew to maturity as a writer during one of the most significant conflicts in British history – the Revolutionary and Napoleonic Wars of 1793-1815”.

²⁶ “Between 1798 and 1803 when invasion by Napoleon’s forces was felt to be imminent, the south coast was on full alert, [...]. It is estimated that by 1804 around half a million men, consisting of regular soldiers, the militia, and the volunteers, were under arms in Britain”.

entediados e isso poderia representar um risco em termos de bebedeira, má-conduta e sedução de jovens mulheres. Haja vista o comportamento de Wickham, que, ao final do romance, demonstra os possíveis perigos que eles poderiam trazer às comunidades locais, pois foge com Lydia, a irmã mais jovem de Elizabeth, ainda menor de idade, deixando a família Bennet em uma situação difícil, impossibilitando o casamento das irmãs mais velhas da jovem, além de várias dívidas de jogo e bebedeira.

Austen optou por não fazer referência direta a acontecimentos geopolíticos mais amplos em suas obras, no entanto, os enredos dos romances deixam claro que, mesmo durante a guerra, os eventos comuns da vida continuavam. Muitos civis não estariam realmente preocupados com a guerra, já que os bailes, os chás, os piqueniques, os passeios não foram interrompidos nem mesmo com a ameaça bélica. Por que a guerra tem que ser uma tema obrigatório? Austen se sente livre para escrever como lhe apraz. Além disso, os homens iam para as guerras, das quais as mulheres não participavam, assim, as prioridades delas eram outras, já que a vida não para mesmo com os conflitos armados. E. Hawksley (2021, s. p.), no artigo, ainda comenta que: “os romances de Jane Austen estão cheios de oficiais servindo nas forças armadas”²⁷ e, buscando justificar a acusação de alienação que alguns críticos levantam contra a escritora, ela faz observações bastante pertinentes sobre três obras de Austen: *Persuasão*, *Mansfield Park* e *Orgulho e preconceito*.

Em *Persuasão*, são mencionados, além do herói o Capitão Wentworth, outros três capitães, o Almirante Croft, bem como dois outros almirantes e ainda o Coronel Wallis. Este número de oficiais apresentados no romance ecoa a realidade do início do século XIX. O Capitão Wentworth é enviado para as Índias Ocidentais, mas por qual motivo? Em 1806, a marinha britânica estava ansiosa para tomar a estratégica ilha das Índias Ocidentais Francesas de Santo Domingo. Napoleão tinha vencido uma batalha importante, então era vital que a Grã-Bretanha mantivesse o comando dos mares. Austen não teve que explicar isso aos leitores, pois eles já tinham conhecimento da situação e dos planos imperiais ingleses, que conseguem levar a cabo sobretudo depois da vitória na Batalha de Waterloo. Aliás, a expansão imperial britânica está contemplada na literatura de então, pois faz parte sobretudo das identidades inglesa e escocesa e é visível nos hábitos, consumos, objetos, profissões, preocupações e fortunas das personagens que negociam ou trabalham em colônias como a Índia ou para a East India Company.

Por sua vez, *Mansfield Park* confirma que Jane Austen também sabia exatamente como a

²⁷ “Jane Austen’s novels are full of officers serving in the armed forces”.

marinha funcionava, já que os irmãos dela, Francis e Charles, faziam parte da mesma e ela própria morava na cidade portuária de Portsmouth. No romance, Fanny Price tem três irmãos que estão envolvidos na guerra: o Segundo-Tenente William e os aspirantes Sam e Richard. O discurso do sr. Price sobre os arranjos navais em Spithead e o provável destino do navio Thrush para o oeste parece bem real. Os leitores de então sabiam que Spithead tinha o melhor porto para o abastecimento dos navios; e também que a América estava de olho no Canadá, que era uma colônia britânica; assim sendo, a marinha era vital para proteger os interesses ingleses. E. Hawksley (2021, s. p.) afirma que Jane Austen não teria necessidade de expor de forma objetiva o que ocorria nas Guerras Napoleônicas, pois os leitores teriam identificado imediatamente as numerosas referências a essas batalhas, e também argumenta que: “a meu ver, acusá-la de estreiteza de visão é uma grave injustiça contra ela”²⁸. Austen talvez tenha preferido abster-se de descrever de forma objetiva os conflitos armados que os ingleses enfrentavam, mas de forma alguma deixou de mencionar tais fatos em suas obras.

Em *Orgulho e preconceito*, o exército aparece em grande parte deste livro e se consegue ver por que a vida militar pode ser atraente para Wickham, já que um homem de boa aparência usando um uniforme do regimento certamente encontraria uma oportunidade de vantagem financeira: “This was exactly as it should be; for the young man [Wickham] wanted only regimentals to make him completely charming. His appearance was greatly in his favour; he had all the best part of beauty, a fine countenance, a good figure, and very pleasing address” (AUSTEN, 2007, p. 278; o acréscimo é meu)²⁹. Austen cita o Capitão Carter, os Coronéis Forster e Fitzwilliam, além dos Oficiais Chamberlayne, Wickham e o amigo dele Denny, entre outros. É crucial para a trama o fato de que o acampamento temporário do exército de Meryton tenha se mudado mais tarde para Brighton, que fica na costa sul, onde uma possível invasão inimiga poderia acontecer, o que teria sido entendido pelos primeiros leitores de Austen. Elizabeth manifesta seu alívio ao saber da transferência do regimento, mas não devido à preocupação com a segurança nacional e sim porque as irmãs não estariam mais expostas às investidas de Wickham: “The comfort to *her*, of the regiment’s approaching removal, was indeed beyond expression. In a fortnight they were to go, and once gone, she hoped there could be nothing more to plague her on his account” (AUSTEN,

²⁸ “In my view, to accuse her of a narrowness of vision is doing her a grave injustice”.

²⁹ “Aquilo era perfeito [sic]; pois o jovem [Wickham] só precisava do uniforme para completar o seu encanto. Sua aparência era toda a seu favor; era homem de grande beleza [sic], de traços finos, bom porte e trato muito agradável” (AUSTEN, 2020d, p. 86).

2007, p. 370; o grifo é da autora)³⁰.

Além de toda essa situação política na Inglaterra, também deve-se levar em consideração o período literário no qual a romancista escreve, bem como o sistema educacional pós-Iluminismo, principalmente em relação às mulheres, que acabaram sendo esquecidas, como salienta M. Q. Andrade (2013, p. 7): “O Iluminismo foi o grande precursor de valores racionais, nele os homens encontraram diversas respostas, porém a mulher estava à parte disso tudo, possuindo somente o papel de espectadora. A educação da mulher neste período, e até final do século XIX, sempre fora muito deficiente”. A autora afirma ainda que a educação que ela recebia servia para mantê-la no papel de dona de casa, já que ficava responsável pelo lar, marido e filhos, pois as jovens tinham desde muito cedo de preparar-se para cuidar das questões da casa e da religião, ademais de aprender a pintar, bordar e desenhar. Nota-se, entretanto, que Jane Austen, em seus romances: “apresenta uma mulher quase que avessa aos valores que são esperados dela. Observamos que a personagem Elizabeth Bennet, em *Orgulho e preconceito* (1813), simboliza a mulher racional, contrária ao papel feminino da época, incisiva e contestadora” (o grifo é da autora).

Mesmo os pensadores iluministas, e entre eles o grande representante desse movimento Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) – que publicou, em 1762, a obra *Emílio ou da educação*, o tratado mais importante desta época sobre este assunto, com base nas ideias iluministas, que via na educação, alicerçada no uso da razão, a única possibilidade de transformar o homem e libertá-lo de toda corrupção social –, excluía a mulher deste sistema educacional. A obra aponta como deve ser a instrução feminina através da personagem Sofia, que está designada a se casar com Emílio: “a mulher é feita especialmente para agradar o homem. [...]. Se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem ao invés de provocá-lo” (ROUSSEAU, 1995, p. 424), ou seja, deve ser educada para ser mãe e esposa, obedecendo sempre ao marido.

Embora a autora tenha vivido durante o Romantismo inglês (1785-1830), ela preferiu a comédia de costumes, como já foi visto; todavia, em algumas de suas obras, especialmente *A Abadia de Northanger* e *Persuasão*, é possível encontrar traços também da literatura augustina (*Augustan Literature*), famosa por sua preferência pelo humor, pela cortesia, pelas formas e pelos valores da Antiguidade Clássica, principalmente os romanos. Os augustinos ingleses – assim chamados por causa do período augustino da poesia latina, também conhecido como Idade de Ouro

³⁰ “Era indizível o alívio que *ela* sentia à aproximação da partida do regimento. Deviam partir em duas semanas – e, uma vez distantes, nada mais poderia atormentá-la da parte dele [sic]” (AUSTEN, 2020d, p. 249).

– traduziram poetas clássicos do século I a.C., como Virgílio e Horácio, que também serviram de inspiração para eles mesmos. O fim da era da Restauração, isto é, aproximadamente 1690, marca o início deste período que se encerrará, em 1744, com a morte de seu maior representante, Alexander Pope (1688-1744). Imitando os escritos de Horácio (65-8 a.C.), Pope escreveu a *Epístola a Augusto*, que na verdade foi dirigida ao rei George II (1683-1760), e este escrito aparentemente reforçou a ideia de que na época do domínio do Imperador Augusto (27-14 a.C.), a poesia se tornou mais educada, política e satírica do que durante o governo de Júlio César (49-44 a.C.). A identificação do monarca com Augusto é irônica, já que desde a ascensão ao trono em 1727, ou seja, dez anos antes da *Epístola* ser escrita, mostrou uma absoluta indiferença para com a literatura britânica. Por fim, eles acabaram sendo ofuscados pelo crescimento do Romantismo inglês, mas sua influência na literatura não morreria.

Ainda que Jane Austen tenha vivido durante um período histórico bastante difícil, já que a Inglaterra enfrentou grandes conflitos durante boa parte da vida da romancista, especialmente com a França de Napoleão Bonaparte, ela conseguiu, através de seus livros, mostrar o cotidiano de uma sociedade marcada pela presença constante da força militar no âmbito doméstico. Apesar de não tratar de forma explícita sobre as guerras, Austen faz claras referências sobre elas nos seus seis romances mais conhecidos, sempre mantendo a leveza, a ironia e o humor que lhe são peculiares, detendo-se sobretudo na representação da *Englishness* (identidade inglesa) e das ambiguidades, nas máscaras sociais e nas especificidades do cotidiano privado inglês de então, quer o cidadão, quer o rural.

3 CASAMENTO E FEMINISMO EM *ORGULHO E PRECONCEITO*

3.1 O casamento na Inglaterra de Jane Austen

O casamento, presença constante na história da humanidade, já foi motivo de guerra entre famílias, mas também serviu de tratado de paz para alguns países em conflito, unificou e uniu reinos, aumentando o poderio de monarcas, dividiu impérios, causou rupturas e reconciliações. Neste contexto, observa-se que nem sempre os casais se uniam por amor e compatibilidade, mas muitas vezes por puras questões práticas e obrigações políticas, deveres (e pressões) sociais e interesses familiares e pessoais.

Nas obras de Austen, o casamento é um tópico recorrente, o que dá a ideia de o quanto era importante o assunto na sociedade inglesa dos séculos XVIII-XIX, uma vez que todos os seus seis livros mais famosos terminam com pelo menos um casamento. Por exemplo, o último capítulo de *Razão e sensibilidade* narra o destino das duas irmãs Dashwood: Elinor casa-se com Edward “and the ceremony took place in Barton church Early in the autumn” (AUSTEN, 2007, p. 228)¹; e Marianne “submitting to new attachments, entering on new duties, placed in a new house” (AUSTEN, 2007, p. 231)² com seu marido, o Coronel Brandon. O penúltimo parágrafo de *Mansfield Park* afirma: “with so much true merit and true love, and no want of fortune or friends, the happiness of the married cousins [Fanny and Edmund] must appear as secure as earthly happiness can be” (AUSTEN, 2007, p. 769; o acréscimo é meu)³.

Emma encerra com o casamento da protagonista com sr. Knightley: “The wedding was very much like other weddings, where the parties have no taste for finery or parade”⁴, mas apesar disso, “the wishes, the hopes, the confidence, the predictions of the small band of true friends who witnessed the ceremony, were fully answered in the perfect happiness of the union” (AUSTEN, 2007, p. 1071)⁵. *A Abadia de Northanger* traz em sua última página a seguinte descrição: “Henry

¹ “e a cerimônia teve lugar na igreja de Barton, no começo do outono” (AUSTEN, 2020f, p. 392).

² “entregando-se a novos afetos, assumindo novos deveres, estabelecida num novo lar” (AUSTEN, 2020f, p. 397).

³ “Com tanto e autêntico mérito, e verdadeiro amor, sem carência alguma de fortuna e amigos, a felicidade dos primos casados [Fanny e Edmund] deve parecer-nos tão segura quanto é possível sê-lo a felicidade humana [sic]” (AUSTEN, 2018, p. 513).

⁴ A tradução é minha: “O casamento foi muito parecido com outros casamentos, onde os participantes não têm bom gosto para o requinte ou a pompa”.

⁵ “[...], os desejos, as esperanças, a confiança, [...], as previsões do pequeno grupo de verdadeiros amigos que

and Catherine were married, the bells rang, and everybody smiled” (AUSTEN, 2007, p. 1223)⁶, quase parecendo o final de um conto de fadas.

Persuasão, chegando ao seu fim, apresenta o feliz casal de esposos, afirmando o narrador: “Anne was tenderness itself, and she had the full worth of it in Captain Wentworth’s affection” (AUSTEN, 2007, p. 1381)⁷, ainda que o perigo da guerra ofuscasse um pouco a alegria. Ao final de *Orgulho e preconceito*, Jane aceita se casar com o sr. Bingley e Elizabeth com sr. Darcy para o deleite da mãe delas: “Happy for all her maternal feelings was the day on which Mrs. Bennet got rid of her two most deserving daughters” (AUSTEN, 2007, p. 470)⁸. *Orgulho e preconceito* é uma comédia de costumes que ironiza a sociedade inglesa do final do século XVIII e, especialmente, as expectativas em relação às mulheres daquele período. Trata sobre diferenças sociais, amor, e, obviamente, orgulho e preconceito. Esses tópicos são abordados com a típica sagacidade austeniana – “A lady’s imagination is very rapid; it jumps from admiration to love, from love to matrimony, in a moment” (AUSTEN, 2007, p. 250)⁹ –, com o seu discurso indireto livre e a sua narração profundamente realista e, muitas vezes, satírica. Como foi afirmado anteriormente, o casamento é um tema preponderante nos romances de Austen, especialmente neste, uma vez que retrata quatro casamentos que ajudam a compreender a situação conjugal na Inglaterra de então: Charlotte com o sr. Collins, Lydia com Wickham, Jane com o sr. Bingley e Elizabeth com o sr. Darcy, além de duas propostas feitas a Lizzy: a do sr. Collins e a primeira do sr. Darcy, ambas rejeitadas. Provavelmente a heroína, vendo o casamento infeliz dos pais, sabia que se se casasse com o sr. Collins, para o bem-estar da família, ou mesmo com o sr. Darcy, só por causa da fortuna do rapaz – já que, em um primeiro momento, não o suportava – a vida matrimonial dela seria tão miserável ou até pior que a do casal Bennet.

Em *Orgulho e preconceito*, a escritora narra casamentos bem-sucedidos, mas também alguns fracassados, desse modo, no romance, apresenta o amor à primeira vista (Jane e o sr. Bingley), o afeto que cresce (Elizabeth e o sr. Darcy), mas igualmente, a atração que diminui (Lydia

testemunharam a cerimônia se viram plenamente correspondidos pela perfeita felicidade do casal” (AUSTEN, 2020b, p. 531).

⁶ “[...]: Henry e Catherine se casaram, os sinos repicaram e todos sorriram; [...]” (AUSTEN, 2020a, p. 261).

⁷ “Anne era a ternura encarnada, e encontrou a plena compensação por ela no amor do capitão Wentworth” (AUSTEN, 2020e, p. 273).

⁸ “Foi uma felicidade para os sentimentos maternos da sra. Bennet o dia em que viu partirem as duas filhas de maior mérito” (AUSTEN, 2020d, p. 418).

⁹ “A imaginação das mulheres é muito veloz; salta da admiração para o amor, do amor para o matrimônio num piscar de olhos” (AUSTEN, 2020d, p. 36).

e Wickham), se extingue completamente (o sr. e a sra. Bennet) e a falta de paixão (Charlotte e sr. Collins). A respeito do último casal, M. Moe, no artigo *Charlotte and Elizabeth: Multiple Modernities in Jane Austen's Pride and Prejudice*, argumenta que Elizabeth “gostaria que Charlotte sentisse secretamente repulsa pelo seu casamento ou descobrisse que a serenidade de sua amiga disfarçava o sentimento oprimido *pelas circunstâncias que a encurraram a se casar sem amor*” (2016, p. 1081; o grifo é meu)¹⁰. Aponta ainda que é a serenidade de Charlotte diante do casamento com o sr. Collins que mais incomoda a protagonista e a ajuda a perceber de que o bem-estar interior de uma mulher pode ser assegurado ou prejudicado pelo casamento. Charlotte representa a mulher que é obrigada a se casar sem amor nenhum somente para garantir o futuro financeiro dela e não ser um peso para a família, mas que também sofre calada as imposições de uma sociedade patriarcal que não dá às mulheres as mesmas oportunidades que são concedidas aos homens.

Os romances austenianos geralmente focam a nobreza rural inglesa, ou seja, os proprietários de terra, sem título de honra, mas de diferentes condições financeiras; sendo a visão da autora sobre a aristocracia hereditária frequentemente satirizada. Lady Catherine, por exemplo, que num primeiro momento intimida pela altivez, se mostra impotente, quando se opõe abertamente ao relacionamento de Elizabeth com o sr. Darcy, que, aliás, no início do romance, também é retratado como arrogante e preconceituoso. Ainda que Austen demonstre que o amor é muito importante em uma relação, ela também cria casais socialmente adequados, parceiros bem-sucedidos, da mesma classe social, mesmo sem terem condições financeiras idênticas. Quando Lady Catherine ofende Elizabeth dizendo que ela não seria uma esposa ideal para o sr. Darcy, esta responde prontamente: “He is a gentleman; I am a gentleman’s daughter; so far we are equal” (AUSTEN, 2007, p. 452)¹¹. Assim, a escritora não muda drasticamente os padrões sociais, todavia, gera um certo desconforto para as pessoas obcecadas com o estatuto social e o poder financeiro.

No artigo *Il matrimonio ai tempi di Jane Austen*, F. Tamani (2021, s. p.) afirma que se deve recordar que, no período da autora, o casamento era a única possibilidade que as mulheres tinham para saírem de casa, tornando-se assim o objetivo de vida de muitas delas, embora elas não gozassem de liberdade, já que teriam que ser submissas aos maridos. Entre o final do século XVIII e o início do XIX, elas não tinham direitos, muitas vezes não podiam escolher com quem se casar

¹⁰ “would like Charlotte to feel secretly repulsed by her marriage or to discover that her friend’s equanimity disguised feeling oppressed by the circumstances that cornered her into marrying without love”.

¹¹ “Ele é um cavalheiro; sou filha de um cavalheiro; nisto estamos empatados [sic]” (AUSTEN, 2020d, p. 388).

e deviam obedecer às regras ditadas pelas famílias ou definidas após o casamento. Tudo o que as esposas tinham, como dinheiro ou propriedades, passaria para os maridos. De onde vinha, porém, uma imposição tão injusta feita às mulheres? Da chamada Lei Sállica, que, segundo o genealogista A. de Almeida Fernandes (2021, s. p.), era um código de leis escrito em latim e promulgado em 10 de maio de 1703, compendiado pela primeira vez no século VI pelos sálios. Salienta também que o documento incluía em especial as multas que deveriam ser pagas no caso de ofensas e delitos, “mas entre suas leis civis havia uma que proibia as filhas de herdarem terras. Este é o aspecto pelo qual o termo lei sállica é empregado com mais frequência, devido fundamentalmente a seu uso errôneo como argumento contra a sucessão das mulheres ou dos descendentes das filhas de reis”. Complementa ainda que esta lei referente à herança de terras, foi aplicada à monarquia para evitar que a coroa passasse para outro país através do casamento de uma mulher com um estrangeiro.

Os homens, portanto, controlavam todos os bens familiares, e as mulheres deveriam cuidar dos filhos, ser boas mães e esposas, não podiam trabalhar, nem votar e até os estudos eram feitos em casa. A situação das mulheres pobres, entretanto, era diferente porque tinham de trabalhar para sobreviverem e alimentarem os filhos, muitas vezes vivendo em situação precária de saúde e segurança. Nessa mesma linha, Giordano (2021, s. p.), no artigo *La condizione della donna nell’Inghilterra del XVIII secolo*, afirma que a mulher não gozava de autonomia, uma vez que o pai e depois o marido eram legalmente responsáveis por ela e a ambos devia honrar e obedecer: “O dever de um pai era sustentar a filha até o momento do casamento, quando o marido então controlaria seus filhos, sua residência e seu modo de vida. A mulher casada, de acordo com a descrição de William Blackstone, era ‘a legal nonentity’ [uma nulidade legal]” (o acréscimo é meu)¹².

Em *Orgulho e preconceito*, são relatados dois casos nos quais a Lei Sállica não foi seguida, mas Austen não dá maiores detalhes sobre essa situação, somente narra sobre duas jovens herdeiras. O primeiro deles é o de Anne de Bourgh, filha única de Lady Catherine, e de acordo com o sr. Collins, “the heiress of Rosings, and of very extensive property” (AUSTEN, 2007, p. 275)¹³. Já o segundo é o de Mary King, que despertou interesse em Wickham após herdar dez mil libras, pouco mais de £465.000 em valores atuais: “But he paid her not the smallest attention, till her

¹² “Il dovere di un padre era di provvedere alla figlia fino al momento del matrimonio, quando sarebbe stato poi il marito a controllare i suoi figli, la sua residenza ed il suo modo di vita. La donna sposata, secondo la descrizione di William Blackstone, era ‘a legal nonentity’”.

¹³ “a herdeira de Rosings e de muitíssimos bens” (AUSTEN, 2020d, p. 81).

grandfather's death made her mistress of this fortune" (AUSTEN, 2007, p. 328)¹⁴.

Uma pista para se entender que havia possibilidade de contornar a Lei Sálica é oferecida por Lady Catherine de Bourgh, quando Elizabeth visita Rosings Park. Durante uma conversa com a protagonista, a senhora faz o seguinte comentário: "'Your father's estate is entailed on Mr. Collins, I think. For your sake,' turning to Charlotte, 'I am glad of it; but otherwise I see no occasion for entailing estates from the female line. *It was not thought necessary in Sir Lewis de Bourgh's family*' (AUSTEN, 2007, p. 335; o grifo é meu)¹⁵. Lady Catherine não vê nenhum problema da herança ser passada para as mulheres; tanto assim que a família de Bourgh nunca viu uma razão para a linhagem feminina não receber patrimônio. Então, como é possível que as Bennets não possam receber a herança após a morte do pai enquanto que Anne e Mary podem?

Embora a romancista não traga mais detalhes sobre essa suposta desobediência à lei, uma possível resposta a essa questão é dada pelo norte-americano P. A. Appel (2013), professor de Direito da Universidade da Georgia, especialista em propriedades privadas, no artigo *A Funhouse Mirror of Law: The Entailment in Jane Austen's Pride and Prejudice*, quando afirma que: "Austen pode ter usado o vínculo de Longbourn como nada mais do que um conveniente dispositivo de enredo, que nem ela nem seu público entenderam ou se preocuparam em entender completamente" (p. 635)¹⁶, ou seja, embora a escritora soubesse da existência da lei tanto quanto os leitores, não estavam cientes de todas as nuances da legislação, aliás algo que é comum: se conhece a lei de forma genérica, mas não os pormenores. Segundo Appel, a fala de Lady Catherine deixa claro que a lei daquele período fornecia um meio para proteger o futuro das filhas, seja pelos próprios termos da vinculação, através de uma negociação adequada no momento em que o imóvel foi rigorosamente liquidado, ou por meio de um processo de recuperação (p. 635). Salienta também que o sr. Bennet poderia ter barrado o vínculo, se tivesse tido interesse em fazê-lo, bastava contratar um advogado para redigir os papéis necessários e legar a propriedade a quem ele quisesse (p. 625). Então por que Austen não apresentou tal solução no romance? Ainda de acordo com o artigo, a escritora precisava do desespero da situação das filhas dos Bennets para a trama da obra e que por

¹⁴ "Mas ele não deu a ela a mínima atenção, até que a morte do avô a tornasse dona dessa fortuna" (AUSTEN, 2020d, p. 173).

¹⁵ A tradução é minha: "A propriedade de seu pai está vinculada ao sr. Collins, eu acho. Por sua causa', virando-se para Charlotte, 'estou feliz por isso; mas, por outro lado, não vejo ocasião para vincular propriedades da linhagem feminina. *Não era considerado necessário na família de Sir Lewis de Bourgh*'".

¹⁶ "Austen may have used the entailment of Longbourn as nothing more than a convenient plot device, one that neither she nor her audience fully understood or cared to understand fully".

esse motivo, ela parece ter propositalmente ignorado as soluções legais para a situação das protagonistas (APPEL, 2013, p. 626). Voltando ao tema do casamento, nota-se que, no romance, podem ser encontrados pontos de vista muito distintos, por exemplo, a preocupação constante da sra. Bennet em casar as cinco filhas tem uma base econômica, pois não quer que elas vivam sem proteção e dinheiro. Já Elizabeth quer ser livre para escolher o futuro marido, não pretende se casar por obrigação social ou segurança financeira, mas por amor. A melhor amiga Charlotte não se importa em amar ou escolher alguém baseado apenas no sentimento ou mesmo no dinheiro, ela só precisa de um lar confortável e não ser um peso para a família.

Charlotte é a primeira a se casar. Depois que o sr. Collins é rejeitado por Lizzy, ele a pede em casamento e ela aceita, pois aos 27 anos já é considerada velha para se casar, e, por isso, mesmo o clérigo não sendo a melhor opção, talvez tenha sido a única proposta que tenha recebido. A este respeito, M. Moe salienta, em seu artigo, que “o casamento de Charlotte foi o resultado de um ‘esquema’ deliberado conduzido pela ansiedade sobre seu futuro econômico e uma convicção de que o casamento era uma necessidade social para as mulheres jovens” (2016, p. 1075)¹⁷. A heroína não concorda com o casamento da melhor amiga, não por uma questão de dinheiro, já que isso não é importante para a protagonista, mas o que realmente conta é o amor e Charlotte se casa por conveniência sem se importar se gosta ou não do marido. Assim, Elizabeth avalia que:

The strangeness of Mr. Collins’s making two offers of marriage within three days was nothing in comparison of his being now accepted. She had always felt that Charlotte’s opinion of matrimony was not exactly like her own, but she had not supposed it to be possible that, when called into action, she would have sacrificed every better feeling to worldly advantage. [...]. And to the pang of a friend disgracing herself and sunk in her esteem, was added the distressing conviction that it was impossible for that friend to be tolerably happy in the lot she had chosen” (AUSTEN, 2007, p. 312)¹⁸.

O segundo casamento descrito no romance é o de Lydia com Wickham, que acontece para remediar uma fuga que desgraçaria a família toda, principalmente as irmãs, já que isso dificultaria bastante que futuros pretendentes se interessam pelas jovens: o exemplo de como não deve ser um

¹⁷ “Charlotte’s marriage was the outcome of a deliberate ‘scheme’ carried along by anxiety about her economic future and a conviction that marriage was a social necessity for young women”.

¹⁸ “O fato estranhíssimo de o sr. Collins fazer duas propostas de casamento em três dias não era nada em comparação com o de ser agora aceito. Ela sempre notara que a opinião de Charlotte acerca do casamento não era exatamente a sua, mas nunca imaginaria que fosse possível que, quando solicitada, ela sacrificasse todos os melhores sentimentos em favor de vantagens mundanas. [...]. E à dor de ver uma amiga rebaixar-se e cair em sua estima somava-se a dolorosa convicção de que era impossível que a amiga fosse razoavelmente feliz com o destino que escolhera (AUSTEN, 2020d, p. 145).

relacionamento. Sobre o que aconteceu à irmã mais jovem, Lizzy considera que:

Poor Lydia's situation must, at best, be bad enough; but that it was no worse, she had need to be thankful. She felt it so; and though, in looking forward, neither rational happiness nor worldly prosperity, could be justly expected for her sister; in looking back to what they had feared, only two hours ago, she felt all the advantages of what they had gained (AUSTEN, 2007, p. 421)¹⁹.

Já o terceiro casamento, o de Jane e o sr. Bingley, apresenta o típico amor à primeira vista que enfrenta muitos obstáculos, que em um dado momento parece que vai sucumbir, mas que no final triunfa. O sr. Bennet comenta com satisfação que o casamento deles será muito feliz e que eles certamente se darão muito bem juntos, porque ambos têm temperamento parecido: “You are each of you so complying, that nothing will ever be resolved on; so easy, that every servant will cheat you; and so generous, that you will always exceed your income” (AUSTEN, 2007, p. 446-447)²⁰.

O quarto e último casamento nasce da relação conturbada entre Lizzy e Darcy. De fato, após vários desentendimentos e julgamentos precipitados de ambos os lados, Elizabeth acaba sendo responsável pela transformação do sr. Darcy e vice-versa, nascendo um sentimento forte de amor e respeito entre eles. Sobre a mudança de atitude dos protagonistas, Austen narra que:

Elizabeth, [...], gave him to understand, that her sentiments had undergone so material a change, since the period to which he alluded [his first proposal to her], as to make her receive with gratitude and pleasure, his present assurances. The happiness which this reply produced, was such as he had probably never felt before; and he expressed himself on the occasion as sensibly and as warmly as a man violently in love can be supposed to do. (2007, p. 458; o acréscimo é meu)²¹.

Concluindo, o casamento era uma parte importante na sociedade inglesa dos séculos XVIII-XIX, era como uma obrigação para as mulheres e quem não se casasse não era visto com bons olhos. A própria Jane Austen e a irmã Cassandra foram exceções à regra do período, mantendo-se

¹⁹ “A situação da pobre Lydia devia ser, no melhor dos casos, muito ruim; mas tinham de agradecer por não ter acontecido algo ainda pior. Ela percebia isso; e, embora, ao olhar para o futuro, não pudesse esperar para a irmã nem uma felicidade razoável nem a prosperidade mundana, ao olhar para trás, para o que tinham temido havia apenas duas horas, ela sentiu todas as vantagens do que haviam obtido” (AUSTEN, 2020d, p. 334-335).

²⁰ “Ambos são tão conciliadores, que nunca resolverão nada; tão pacíficos, que todos os criados vão enganá-los; e tão generosos, que gastarão sempre mais do que ganharem” (AUSTEN, 2020d, p. 378-379).

²¹ “Elizabeth [...] deu a entender que os seus sentimentos haviam sofrido uma mudança tão considerável desde a época a que ele se referiu [a primeira proposta de casamento feita a ela], que agora recebia com gratidão e prazer as suas declarações. A felicidade que tal resposta provocou foi tal como provavelmente ele nunca sentira antes; e ele se exprimiu com todo o sentimento e toda a emoção de um homem profundamente apaixonado” (AUSTEN, 2020d, p. 398).

ambas solteiras, desafiando os padrões e as exigências de então.

Sobre a difícil situação enfrentada pelas mulheres durante a época de Austen, M. Kalil (2021, s. p.), no artigo *Critical Essays Women's Roles in Early Nineteenth-Century Britain*, salienta que a relevância do casamento na vida de Elizabeth Bennet e das irmãs pode ser difícil para os leitores modernos entenderem, já que as jovens de hoje podem se casar, ir para a faculdade, seguir qualquer carreira que lhes interessar e viver por conta própria, independente de parentes ou acompanhantes. Afirma também que:

As mulheres jovens da época de Austen não tinham essas vantagens. Embora as filhas das classes média e alta pudessem ser mandadas para a escola, sua educação consistia mais em se tornarem “prendadas” do que em expandir seus conhecimentos acadêmicos. Além disso, as mulheres na Grã-Bretanha do início do séc. XIX não tinham permissão para frequentar o ensino superior, de modo que tutores particulares, governantas e escolas privadas eram a extensão da educação estruturada disponível para elas (KALIL, 2021, s. p.)²².

Além dos casamentos, o romance narra duas fugas, *elopements*, arquitetadas por Wickham. Num primeiro momento, na carta que o sr. Darcy escreve a Elizabeth Bennet, ele revela que Wickham planeja fugir com a irmã dele, Georgiana, pretendendo, por causa da fortuna da moça, se casar com ela, mas sem pedir permissão ao irmão, que com certeza não a concederia, mas o protagonista descobre tudo e acaba com esquema do oficial. Já na segunda vez, ele de fato foge com a mais jovem das irmãs Bennet, Lydia, e é forçado pelo sr. Darcy a se casar com ela, para salvar a reputação da moça e também a das irmãs mais velhas. O site *Jane Austen Info* (2021, s. p.), nomeadamente o artigo *Elopements in Jane Austen's world*, sustenta que a lei de casamento de 1753 tornou ainda mais difícil se casar fora da própria classe social. Nesses casos, um casal que fosse rico poderia obter uma licença especial do arcebispo de Canterbury, ou então fugir para Gretna Green, que era a primeira aldeia escocesa facilmente acessível, onde as leis de casamento eram diferentes da Inglaterra e do País de Gales e permitiam o casamento de menores.

Sendo solteira e menor de idade, com somente 16 anos, Lydia necessita da permissão dos pais, pois a idade legal para se casar sem a autorização era 21 anos. Ao fugir com Wickham e passar a noite com ele, sem a presença de uma outra pessoa, acaba destruindo a própria reputação aos

²² “Young women of Austen’s day did not have these advantages. Although the daughters of the middle and upper class could be sent to school, their education there consisted more of becoming ‘accomplished’ than it did of expanding their academic knowledge. Additionally, women in early nineteenth-century Britain were not allowed in higher education, so private tutors, governesses, and private schools were the extent of structured education open to them”.

olhos da sociedade inglesa e também qualquer possibilidade de um bom casamento. Isso é uma verdadeira tragédia para ela, pois as mulheres daquele tempo e da sua classe não trabalhavam e, portanto, ela ficaria sem recursos após a morte do pai.

Da mesma forma, essa situação é um desastre para as irmãs mais velhas, haja vista que as expectativas de casamento delas já são baixas, devido à relativa pobreza da família, e a associação com uma *desvirtuada* torna o cenário ainda pior; além disso, os pais provavelmente terão que assumir a responsabilidade de sustentá-la para sempre, criando um encargo financeiro permanente. Porém, nada disso importa para Lydia, que só deseja se casar antes das irmãs, por isso, não pensa nas consequências de seus atos. Ao escrever para a amiga Harriet, esposa do Coronel Forster, que a levou para Brighton, parece, de fato, estar realizando um sonho:

MY DEAR HARRIET – You will laugh when you know where I am gone, and I cannot help laughing myself at your surprise to-morrow morning, as soon as I am missed. *I am going to Gretna Green*, and if you cannot guess with who, I shall think you a simpleton, for there is but one man in the world I love, and he is an angel. [...]. You need not send them word at Longbourn of my going, if you do not like it, for it will make the surprise the greater, when I write to them and sign my name Lydia Wickham. What a good joke it will be! I can hardly write for laughing (AUSTEN, 2007, p. 411; o grifo é meu)²³.

Enquanto Lydia acha a situação divertida, a realidade é bem outra, pois a reputação das irmãs está manchada devido ao vínculo com ela, o que se percebe no comentário feito na carta do sr. Collins ao sr. Bennet: “The death of your daughter would have been a blessing in comparison of this” (AUSTEN, 2007, p. 414)²⁴. Também uma das irmãs Bennets, Mary, comenta sobre a situação de Lydia: “unhappy as the event must be for Lydia, we may draw from it this useful lesson: that loss of virtue in a female is irretrievable; that one false step involves her in endless ruin; [...]; and that she cannot be too much guarded in her behaviour towards the undeserving of the other sex” (AUSTEN, 2007, p. 409)²⁵. Todos percebem a gravidade da situação, exceto Lydia, que representa a mulher deslumbrada com a ideia do casamento, mas ao mesmo tempo, livre em relação

²³ “Querida Harriet, você vai rir quando souber para onde eu vou, e não consigo parar de rir da sua surpresa quando amanhã de manhã, der por falta de mim. *Estou indo para Gretna Green*, e, se você não conseguir adivinhar com quem, presumirei que é uma boboca, pois só existe um homem no mundo que eu amo, e ele é um anjo. [...]. Não precisa escrever para Longbourn sobre minha ida, se não quiser, pois a surpresa deles será ainda maior quando eu escrever para eles e assinar como ‘Lydia Wickham’. Vai ser muito engraçado! Mal consigo escrever, de tanto rir” (AUSTEN, 2020d, p. 318).

²⁴ “A morte de sua filha teria sido uma bênção em comparação com isso” (AUSTEN, 2020d, p. 324).

²⁵ “Por mais triste que o caso possa ser para a Lydia, podemos tirar dele esta útil lição: que é irreversível a perda da virtude na mulher; que um passo em falso provoca a sua ruína definitiva; [...]; e nunca é demais precavermo-nos contra os perigos do sexo oposto” (AUSTEN, 2020d, p. 316).

ao julgamento alheio.

O universo do casamento nas obras de Jane Austen está intimamente ligado aos bailes, onde, na maioria das vezes, os cavalheiros aproveitavam para cortejar as damas, que, frequentemente, acabavam se tornando suas esposas: “Não há dúvidas de que a própria Jane gostava de dançar, pois ela atribui este gosto a suas heroínas favoritas; na maioria de seus trabalhos, um baile ou dança privada são mencionados, e a estes era dada importância” (AUSTEN-LEIGH, 2021, p. 40-41). No artigo *The Ball in the Novels of Jane Austen*, J. Mullan (2021, s. p.) sustenta que Austen adorava bailes, pois eram os eventos mais emocionantes da vida provinciana, e também destaca que em *Orgulho e preconceito*, “a atração mútua de Elizabeth Bennet e do sr. Darcy é estabelecida por meio do comportamento deles em relação a uma sucessão de bailes” (o grifo é do autor)²⁶. Afirma igualmente que no baile de assembleia, o sr. Darcy se acha superior a todos e, mais tarde, prova do próprio remédio quando, nos Lucas, se oferece para dançar com Elizabeth e é rejeitado: “Finalmente, no baile de Netherfield [...], ele repentinamente pede ‘a mão dela’ [para dançar] e ‘sem saber o que fez’ ela aceita” (o acréscimo é meu)²⁷. Mullan ainda diz que as regras de etiqueta eram exigentes, por isso, Elizabeth se vê obrigada a dançar, no baile de Netherfield, com o sr. Collins, porque se uma mulher rejeitasse um pedido, teria também que recusar os outros. As duas primeiras danças, o máximo permitido com o mesmo parceiro: “They were dances of mortification” (AUSTEN, 2007, p. 289)²⁸, pois “Mr. Collins, [...], gave her all the shame and misery which a disagreeable partner of a couple of dances can give” (AUSTEN, 2007, p. 289)²⁹, mas o clérigo acha sua performance excelente e, por isso, vê esta dança como sendo uma preparação para o pedido de casamento do dia seguinte.

Não obstante as complicadas regras de conduta, homens e mulheres solteiros buscavam, em um baile, um bom casamento, mesmo que o tempo de namoro, naquele período, fosse breve e o casal não pudesse nunca ficar a sós sem a presença de uma terceira pessoa, ou seja, não lhes era permitido um aprofundamento na intimidade antes do casamento. Austen consegue transmitir de forma muito sutil a interação, desejo e até a tensão sexual que existiam entre um casal durante as

²⁶ “In *Pride and Prejudice*, the mutual attraction of Elizabeth Bennet and Mr. Darcy is established through their behaviour towards each other at a succession of balls”.

²⁷ “Finally, at the Netherfield ball [...], he suddenly asks for ‘her hand’ and ‘without knowing what she did’ she accepts”.

²⁸ A tradução é minha: “Foram danças de mortificação”.

²⁹ “O sr. Collins, [...], proporcionou-lhe toda a vergonha e desgosto que um parceiro desagradável pode causar num par de danças” (AUSTEN, 2020d, p. 106).

danças, mesmo que o único tipo de contato físico entre eles fosse neste momento, através do toque, ainda que ambos usassem luvas.

Nos livros da romancista, o namoro, *courtship*, costuma ser bem breve e antecede o amor e o casamento, já que nem sempre as relações eram regidas por sentimentos, mas antes de qualquer sinal de afeto, ressalta-se a estratégia do cavalheiro que se apresenta a uma dama como um possível marido, que todavia deverá também pedir aos pais a permissão para se casarem, após ter recebido o consentimento da mulher.

3.2 Austen: uma profeminista?

Conforme J. D. de Lima do *Jornal Nexo* afirma, no artigo *Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21* (2021, s. p.), a origem do termo feminismo é atribuída ao filósofo francês e teórico do socialismo utópico Charles Fourier (1772-1837) e ele teria usado a expressão pela primeira vez entre 1808 e 1841. Afirma igualmente que “em seu livro ‘Teoria dos quatro movimentos’, Fourier defende que o avanço na conquista de liberdade para as mulheres é um pré-requisito para o progresso de toda a sociedade. O termo se popularizou nas décadas seguintes, a princípio em países como Estados Unidos e Reino Unido”. No artigo *Defining Feminism: A Comparative Historical Approach*, K. Offen (2021, p. 126) afirma que foi Hubertine Auclert, defensora do sufrágio feminino, a primeira autoproclamada feminista na França, que, desde pelo menos 1882, em seu jornal *La Citoyenne*, usou o termo com um sentido mais amplo para representar a luta para melhorar a condição das mulheres e para descrever a si mesma e a suas associadas. Cita ainda que os termos ganharam popularidade após a discussão na imprensa francesa do primeiro congresso declaradamente feminista, em maio de 1892, na cidade de Paris, patrocinado por Eugénie Potonié-Pierre e as colegas do grupo de mulheres *Solidarité*. D. Neves Silva (2021, s. p.) argumenta que, de acordo com os historiadores, este foi um movimento social que apareceu após a Revolução Francesa e que, durante o século XIX, se fortaleceu na Inglaterra e, no começo do século XX, nos Estados Unidos, e que “esse movimento luta pela *igualdade de condições entre homens e mulheres*, no sentido de que ambos tenham os mesmos direitos e as mesmas oportunidades” (o grifo é do autor). Ele salienta também que:

feminismo não é o oposto de machismo, pois o machismo é uma construção social que

promove e justifica atos de agressão e opressão contra as mulheres. Já o feminismo, [...], é o movimento social que luta contra as manifestações do machismo na sociedade. Assim, o objetivo final do feminismo é construir uma sociedade que ofereça igualdade de condições entre os dois gêneros³⁰ (s. p.; o grifo é do autor).

A história do feminismo moderno no Ocidente é dividida em três períodos bem específicos, conhecidos como *ondas*, cada um com objetivos ligeiramente diferentes, mas sempre com base no progresso ocorrido anteriormente. Sobre este tema, J. Pilcher e I. Whelehan argumentam, no livro *Fifty Key Concepts in Gender Studies*, que o avanço histórico do feminismo é normalmente dividido em vários períodos-chave, alguns assinalados por uma relativa ausência de mobilização e pensamento feministas, e outros pelo crescimento tanto do ativismo quanto da crítica feminista. Sustentam igualmente que “o aparente padrão de ascensão e queda do feminismo [...] levou à analogia da ‘onda’; os altos e baixos do movimento feminista são caracterizados como que seguindo o movimento da água das marés” (2004, p. 52)³¹.

O *feminismo da primeira onda* (final século XIX-início século XX)³² foi o primeiro movimento organizado para combater as desigualdades sociais e jurídicas contra as mulheres no século XIX. Ainda que escritoras como Mary Wollstonecraft (1759-1797) já tivessem se levantado para denunciar as injustiças sofridas pelas mulheres, foi só na década de 1850 que um movimento feminista organizado floresceu na Grã-Bretanha. A sede se encontrava em Londres, na Langham Place, onde um grupo de mulheres de classe média, liderado por Barbara Bodichon (1827-1891) e Bessie Rayner Parkes (1829-1925), se reunia para discutir questões atuais e publicar o *English Woman's Journal* (1858-1864).

As principais preocupações dessas feministas eram: educação, emprego, as leis do casamento e a situação difícil das mulheres solteiras de classe média. A princípio, não se ocuparam dos problemas das mulheres da classe trabalhadora, nem mesmo se viam como feministas no sentido moderno, mas respondiam às injustiças que elas próprias experimentavam. As principais conquistas deste movimento foram: a abertura do ensino superior para mulheres; reforma do

³⁰ Para a definição de gênero, se seguirá a explicação de Pine (2010, p. 319): “No trabalho antropológico recente, ‘sexo’ é geralmente usado para se referir a características anatômicas, biológicas e fisiológicas de corpos femininos e masculinos, e ‘gênero’ para a articulação e a elaboração simbólicas culturalmente específicas dessas diferenças” (“In recent anthropological work, ‘sex’ is generally taken to refer to the anatomical, biological and physiological characteristics of female and male bodies, and ‘gender’ to the culturally specific symbolic articulation and elaboration of these differences”).

³¹ “The apparent pattern of rise and fall of feminism [...] has led to the ‘wave’ analogy; the peaks and troughs of the feminist movement are characterised as following the motion of tidal water”.

³² O texto-base para as duas primeiras ondas do feminismo será *Week 14: Davis and Lorde* de J. Vilchez (2021), especialista norte-americana em estudos das mulheres e de gênero pela Universidade de Granada, Espanha.

sistema de ensino médio para meninas, incluindo a participação em exames nacionais: ampliação do acesso às profissões, especialmente a medicina; direitos de propriedade a mulheres casadas, reconhecidos na Lei de 1870; e algumas melhorias nos direitos de guarda dos filhos das mulheres divorciadas e separadas.

Atuantes até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), essas feministas falharam em garantir o voto das mulheres. Na Inglaterra, o sufrágio feminino foi aprovado em 1918, mas exclusivamente para mulheres acima de 30 anos, e somente em 1928, para as eleitoras a partir de 21 anos, como já era para os homens. Nos Estados Unidos, elas só puderam votar em 1920, porém, as mulheres negras não gozavam deste direito, que lhes foi concedido apenas em 1964.

A expressão *feminismo da segunda onda* (1960-final 1980) foi cunhada por Marsha Lear e diz respeito ao aumento da atividade feminista que ocorreu a partir do final de 1960 nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Europa. Nos Estados Unidos, o feminismo deste período surgiu devido aos direitos civis e movimentos antiguerra nos quais as mulheres, decepcionadas por serem colocadas em segundo plano mesmo no ambiente ativista da política estudantil, se uniram para combater a discriminação. As estratégias variavam desde o ativismo altamente difundido – tal como o protesto, em 1968, contra o concurso de beleza Miss América – até a fundação de pequenos grupos de conscientização. Entretanto, desde o início, era óbvio que o movimento não era unificado, assim, as diferenças entre feminismo negro, feminismo lésbico, feminismo liberal e feminismo social foram aparecendo.

Na Grã-Bretanha, o feminismo de segunda onda teve semelhantemente um enfoque múltiplo, embora tenha se baseado mais no socialismo da classe trabalhadora, como a greve por salários iguais, em 1968, das operárias na fábrica da Ford. O slogan “o pessoal é político” indica como o feminismo deste período se esforçou não somente para ampliar o leque de oportunidades sociais abertas às mulheres, mas também para mudar as vidas domésticas e privadas delas, por meio da intervenção nas esferas da reprodução, sexualidade e representação cultural. As atividades desse movimento causaram impacto não apenas nas sociedades ocidentais, mas também inspiraram a luta pelos direitos das mulheres em todo o mundo.

O *feminismo da terceira onda* (a partir de 1990)³³ tem inúmeras definições, mas talvez a melhor delas seja como uma geração de mulheres mais jovens que reconhecem o legado do

³³ As informações apresentadas são baseadas no artigo *Third Wave Feminism* do livro *Fifty Key Concepts in Gender Studies* de J. Pilcher e I. Whelehan (2004, p. 169-172).

feminismo de segunda onda, mas também identificam falhas. Entre essas limitações percebidas está a sensação de que este período permaneceu exclusivamente branco e de classe média, que se tornou um movimento normativo que alienou mulheres comuns, fazendo-as se sentirem culpadas por usufruírem de aspectos da autoexpressão individual, como cosméticos, moda e sexualidade.

A maioria das feministas desse período, em geral, mulheres jovens, com educação universitária, que cresceram fortemente influenciadas pelo feminismo – talvez de mães e parentes feministas – defendem que já não existem mais as condições políticas e históricas em que o feminismo da segunda onda surgiu e, logo, não coincide com as experiências das mulheres de hoje. Elas se orgulham da perspectiva global que têm e há um compromisso de olhar para as condições materiais da vida das pessoas, abraçando, assim, alguns dos princípios-chave do feminismo da segunda onda, mas a realidade é que as feministas ainda têm muito por que lutar para que suas vozes sejam ouvidas e suas reivindicações atendidas.

Porém, antes dessas ondas, desde a antiguidade clássica, existiram escritoras e escritores que poderiam ser definidos como profeministas, por defenderem a igualdade entre homens e mulheres nos mais diversos setores da vida social. O termo profeminismo é, às vezes, usado para se referir a alguém que defendia ideias similares àquelas que o movimento feminista atual sustenta em uma época na qual a palavra feminismo ainda não existia, a saber, antes do século XX, mas esta expressão não é aceita por todos os estudiosos modernos, por isso, alguns chamam este período de pré-feminismo. Dentro do profeminismo, alguns nomes se destacaram, mas não significa que foram os únicos a se posicionarem contra as injustiças sofridas pelas mulheres.

Entre essas figuras ilustres, se encontra a poetisa lésbica Safo (c. 630-c. 570 a.C.), que viveu na antiga Grécia. Ela não lutava exatamente por mudanças, mas mesmo assim foi revolucionária, já que era uma escritora, coisa que poucas mulheres, ou talvez nenhuma, fossem na época. Seus poemas, geralmente dirigidos às próprias discípulas, eram sensuais, escritos em primeira pessoa e falavam da vida doméstica, das cerimônias de casamento, da virgindade, da maternidade e principalmente do amor. Assim, ela dá voz a uma parte da sociedade geralmente ignorada pelos homens escritores da época, que quando falavam das mulheres era sempre sob o ponto de vista masculino, mas quando Safo fala de mulheres, fala como uma mulher! É por isso que pode ser considerada como uma das primeiras feministas da história, pois em um mundo dominado por vozes masculinas, ela falou, dando voz a um reino silencioso de mulheres.

Também o filósofo Platão (428/427-348/347 a.C.) defendeu, no livro V de *A República*, os

direitos da mulher em relação ao estudo: “Se, portanto, utilizamos as mulheres para os mesmos serviços que os homens, tem de se lhes dar a mesma instrução. [...], teremos de administrar às mulheres estas duas artes [música e ginástica], e também a da guerra” (2017, p. 214; o acréscimo é meu). Ele afirma também que as mulheres devem ajudar a guardar a cidade como os homens: “uma vez que são capazes e aparentadas com eles quanto à sua natureza” (PLATÃO, 2017, p. 221).

A escritora feminista francesa S. de Beauvoir (1970, p. 132), no livro *O segundo sexo: fatos e mitos*, afirma que a primeira mulher a denunciar a misoginia e a escrever “para defender o seu sexo” foi a escritora ítalo-francesa Cristina de Pisano (1363-c. 1430), autora de muitas obras, entre elas a sátira epistolar em verso *Épistre au Dieu d’Amours, Epístola ao Deus do Amor*, composta em 1393, onde o Cupido denuncia as calúnias contra as mulheres.

No artigo *The Indomitable Female Fortress: Queen Elizabeth I*, C. Hallinan (2021, s. p.) menciona que Elizabeth I, rainha da Inglaterra (1558-1603), é um símbolo do feminismo porque se tornou uma das figuras mais influentes do mundo ocidental, pois sendo uma mulher autônoma – a única monarca da Inglaterra que não se casou –, levou a nação à idade de ouro, ao mesmo tempo em que lutava contra a grave desvantagem de viver em uma sociedade machista. Além disso, cita que o mais extraordinário é que em uma época em que a desigualdade de gênero era amplamente aceita, a soberana foi capaz de governar apesar de ser mulher.

Outra personagem importante no chamado profeminismo é a freira católica mexicana Sor³⁴ Juana Inés de la Cruz (1651-1695), que, como salienta o colunista da Revista *Época* R. S. Gabriel (2021), no artigo *Sor Juana Inés de la Cruz, uma feminista barroca*, a freira “*manejou como ninguém os maneirismos do barroco – a retórica elevada, o virtuosismo linguístico, o gosto pela contradição e pelo exagero. Compôs poemas, comédias teatrais, defendeu o direito da mulher à educação*” (s. p.; o grifo é do autor). Para ele, o feminismo da freira reagia, através de alguns versos satíricos, à realidade histórica que vivia, onde as mulheres eram mantidas em condição de inferioridade e afastadas do saber.

Entretanto, não se pode deixar de mencionar uma das grandes defensoras das ideias feministas na Inglaterra de Austen, no século XVIII, a escritora Mary Wollstonecraft, filósofa e defensora dos direitos das mulheres. Em sua obra mais famosa, *A Vindication of the Rights of Woman*, ela refuta teóricos pedagógicos e políticos que pensavam que as mulheres não necessitavam receber uma educação racional, afirmando que a instrução feminina deve

³⁴ Do latim *soror*, irmã.

corresponder à posição que elas ocupam na sociedade e ainda que são essenciais para a nação visto que criam os filhos, que serão os novos cidadãos, e podem agir como companheiras respeitadas pelos maridos. Sustenta também que as mulheres são seres humanos e por isso merecem os mesmos direitos que os homens e que tratá-las como meros ornamentos ou propriedade masculina enfraquece o fundamento moral da sociedade.

Também Jane Austen é considerada por muitos especialistas e estudiosos como uma profeminista, uma vez que em suas obras apresenta personagens femininas fortes, como Elizabeth Bennet, que desafiaram as normas patriarcais impostas às mulheres do início do século XIX. Como foi visto, no início o século XX, o feminismo lutava pelo direito de as mulheres votarem, enquanto que depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), defendia que elas pudessem trabalhar fora de casa, ou seja, diferentes reivindicações para diferentes períodos históricos.

Já na época de Austen, escrever e publicar um livro representava algo radical e, em última análise, pode-se dizer um ato pré-feminista. No final de 1700 e início de 1800, as mulheres não tinham grande liberdade para publicar romances, por isso, as romancistas da época usavam pseudônimos masculinos para que o trabalho delas não fosse censurado. Austen escreveu e publicou romances com histórias que se centram em mulheres determinadas, em que as personagens fazem o melhor que podem nas circunstâncias em que se encontram, lutando pela própria felicidade e pelo direito de escolher.

A igualdade entre os sexos é o ponto central para o feminismo: igual representação, igual salário, igual dignidade, mas as mulheres durante o tempo de Austen eram impedidas de buscar essa igualdade na esfera pública ou privada porque suas vozes não eram ouvidas, e nem mesmo lidas, como vozes femininas, assim a escritora ter sua voz e histórias reconhecidas publicamente foi um passo em direção à igualdade. Todavia, para se compreender certas regras e costumes deste período, deve-se levar em consideração os vários manuais de conduta, que foram combatidos com veemência por Wollstonecraft, que existiam e que serviam como padrão moral para as moças. Entre os mais populares da época está a obra do pastor presbiteriano escocês James Fordyce (1720-1796), *Sermons to Young Women* (*Sermões para mulheres jovens*), de 1766, que inclusive é citado em *Orgulho e preconceito*, que encorajava as mulheres a buscar as virtudes consideradas femininas, tais como modéstia, reserva, inocência, gentileza e submissão. Os sermões tinham como principal objetivo instruir uma jovem a ser uma esposa e mãe ideal, dedicada ao lar e à família: “Se alguma coisa na terra pode apresentar a imagem da excelência celestial em sua exposição mais tenra, é

certamente uma Mulher Prendada, na qual pureza e mansidão, inteligência e modéstia matizam seus encantos” (FORDYCE, 1814, p. 147)³⁵; inclusive imputando forte responsabilidade sobre as mães a esse respeito: “Talvez não haja em toda a ciência da vaidade feminina, do luxo feminino ou da falsidade feminina, um único artigo que *não seja ensinado e também exemplificado por aquelas mães cristãs às pobres jovens criaturas*” (FORDYCE, 1814, p. 9-10; o grifo é meu)³⁶.

Ainda que Austen não tenha abertamente escrito sobre os abusos cometidos contra as mulheres na sociedade de seu período, através das pequenas rebeldias, às vezes não tão pequenas assim, de suas personagens, pode ser considerada uma profeminista, já que ousou desafiar as regras majoritariamente machistas e patriarcais da Inglaterra. Para começar, os *Sermões* de Fordyce não são vistos com bons olhos em *Orgulho e preconceito*, mas ao contrário, são satirizados, como na passagem em que o sr. Collins, após o jantar, os lê para a família Bennet com toda a pompa e cerimônia:

and Mr. Bennet was glad [...] to invite him to read aloud to the ladies. Mr. Collins readily assented, and a book was produced; but, on beholding it [...], he started back, and begging pardon, protested that he never read novels. Kitty stared at him, and Lydia exclaimed. Other books were produced, and after some deliberation he chose Fordyce’s Sermons. Lydia gaped as he opened the volume, and before he had, with very monotonous solemnity, read three pages, she interrupted him (AUSTEN, 2007, p. 276)³⁷.

Diante da interrupção, o sr. Collins, muito ofendido, deixa de lado o livro e exclama: “I have often observed how little young ladies are interested by books of a serious stamp, though written solely for their benefit. It amazes me, I confess; for, certainly, there can be nothing so advantageous to them as instruction” (AUSTEN, 2007, p. 276)³⁸, salientando assim que as irmãs Bennet não teriam recebido uma educação conforme os padrões da época exigiam, já que não se interessam por livros que o clérigo considera indispensáveis para a formação das jovens. Outro fato bastante

³⁵ “If aught on earth can present the image of celestial excellence in its softest array, it is surely an Accomplished Woman, in whom purity and meekness, intelligence and modesty, mingle their charms”.

³⁶ “There is not perhaps in the whole science of female vanity, female luxury, or female falsehood, a single article that *is not taught, and also exemplified, by those Christian mothers, to the poor young creatures* [...]”.

³⁷ “o sr. Bennet se sentiu feliz [...] em convidá-lo a ler em voz alta para as mulheres. O sr. Collins prontamente aceitou o convite, e recebeu um livro; mas, ao olhar para o volume [...], estacou e, desculpando-se, afirmou que jamais lia romances. Kitty cravou os olhos nele e Lydia soltou um grito. Foram-lhe apresentados outros livros e depois de certa deliberação ele escolheu os *Sermões* de Fordyce. Enquanto ele abria o livro, Lydia começou a bocejar e antes que ele tivesse, com monotoníssima solenidade, lido três páginas, interrompeu-o” (AUSTEN, 2020d, p. 82).

³⁸ “– Observei amiúde quão pouco as jovens senhoritas se interessam por livros sérios, ainda que escritos para elas. Isso muito me espanta, confesso; pois, decerto nada mais vantajoso pode haver para elas do que a instrução” (AUSTEN, 2020d, p. 83).

interessante se dá durante o pedido de casamento que o sr. Collins faz a Elizabeth, que, ao ser rejeitado pela heroína, crê que se trate somente de uma prática elegante da moça: “As I must therefore conclude that you are not serious in your rejection of me, I shall choose to attribute it to your wish of increasing my love by suspense, *according to the usual practice of elegant females*”³⁹. A jovem, porém, lhe deixa bem claro que não tem pretensão nenhuma de seguir este tipo de elegância que: “consists in tormenting a respectable man. [...]. *Do not consider me now as an elegant female, intending to plague you, but as a rational creature, speaking the truth from her heart*” (AUSTEN, 2007, p. 302; o grifo é meu)⁴⁰.

A confiança do sr. Collins em uma resposta afirmativa se baseia no fato de que o futuro da donzela é instável, já que não herdará nada após a morte do pai, e isto ele evidencia no diálogo que antecede o pedido, e que ainda, devido aos poucos recursos e pobres relações de amizade dos Bennets, talvez não recebesse nenhuma outra proposta. Na passagem acima, o sr. Collins argumenta a partir da concepção típica do período expressa nos manuais de conduta: a resposta negativa de Elizabeth, segundo o decoro exigido, fazia parte da convenção social da época e daquela cultura que exigia que a mulher agisse como se não desejasse o casamento como forma de valorizar-se no jogo das relações entre pretendentes e pretendidas.

Ao se recusar a casar com ele – não por questões de elegância, mas pelo simples fato de que o futuro ao lado do clérigo seria lastimável e que nenhum sentimento existia entre eles, em outras palavras, seria a repetição do casamento infeliz dos pais – Elizabeth ecoa o pensamento feminista da mulher como criatura racional:

Meu próprio sexo, espero, vai me desculpar, *se eu as tratar como criaturas racionais*, em vez de lisonjear suas graças fascinantes, [...]. Eu sinceramente desejo apontar em que consiste a verdadeira dignidade e felicidade humanas – *Desejo persuadir as mulheres a se esforçarem para adquirir força, tanto de mente quanto de corpo*, e para convencê-las de que as frases suaves, suscetibilidade de coração, delicadeza de sentimento e refinamento de gosto são quase sinônimos de epítetos de fraqueza, *e que aqueles seres que são apenas os objetos de piedade* e desse tipo de amor, [...], *logo se tornam objetos de desprezo* (WOLLSTONECRAFT, 2014, p. 31; o grifo é meu)⁴¹.

³⁹ “– Como devo, portanto, concluir que a senhorita não está falando sério ao rejeitar-me, prefiro atribuir a recusa ao seu desejo de aumentar o meu amor pela incerteza, *de acordo com a prática corriqueira das mulheres elegantes* (AUSTEN, 2020d, p. 126).

⁴⁰ “– consiste em perturbar um homem de respeito. [...]. *Não pense que eu seja uma mulher elegante* com intenções de atiçá-lo, *mas uma criatura racional* que fala do fundo do coração” (AUSTEN, 2020d, p. 126).

⁴¹ “My own sex, I hope, will excuse me, *if I treat them like rational creatures*, instead of flattering their fascinating graces, [...]. I earnestly wish to point out in what true dignity and human happiness consists – *I wish to persuade women to endeavour to acquire strength, both of mind and body*, and to convince them that the soft phrases, susceptibility of heart, delicacy of sentiment, and refinement of taste, are almost synonymous with epithets of weakness, *and that those beings who are only the objects of pity* and that kind of love, [...], *will soon become objects*

No romance, Lizzy é apresentada como uma criatura racional, que baseia suas opiniões de acordo com o que observa: “with more quickness of observation and less pliancy of temper than her sister, and with a judgement too unassailed by any attention to herself” (AUSTEN, 2007, p. 242)⁴², diferente da irmã Jane, que ingenuamente acredita em tudo e em todos, e ainda contrastando com as Bingleys: “*They were in fact very fine ladies; [...], had been educated in one of the first private seminaries in town, had a fortune of twenty thousand pounds*” (AUSTEN, 2007, p. 242-243; o grifo é meu)⁴³, que, embora sejam ricas e prendadas, não têm a mesma astúcia, autenticidade e sagacidade da heroína.

Em outra passagem icônica com a protagonista, vê-se novamente o contraste entre a criatura racional e a mulher elegante, que se entendia como a mulher submissa, ou seja, a elegância era compreendida como uma submissão aos padrões patriarcais, quanto mais submissa fosse a jovem, mais elegante seria considerada, chegando ao ponto de buscar satisfazer sempre as vontades dos outros, abandonando os próprios desejos, coisa que Elizabeth não está disposta a fazer:

“Upon my word,” said her Ladyship, “you give your opinion very decidedly for so young a person. Pray, what is your age?”
 “With three younger sisters grown up,” replied Elizabeth smiling, “your ladyship can hardly expect me to own it.”
 Lady Catherine seemed quite astonished at not receiving a direct answer; and *Elizabeth suspected herself to be the first creature who had ever dared to trifle with so much dignified impertinence* (AUSTEN, 2007, p. 336; o grifo é meu)⁴⁴.

Lady Catherine, a personificação da autoridade segundo as convenções sociais da época, fica estarrecida com a resposta direta e debochada que recebe de Elizabeth, coisa que não era de jeito algum comum para os padrões sociais da época e com certeza muito diferente daquela que ela esperava de uma senhorita elegante. O narrador ainda comenta que Elizabeth julga ser a primeira criatura que ousou gracejar com impertinência tão digna.

of contempt”.

⁴² “com uma observação mais aguda e um temperamento menos dócil do que o da irmã, e com um juízo sem qualquer compromisso com seus interesses pessoais” (AUSTEN, 2020d, p. 22).

⁴³ “*Eram elas, na verdade, mulheres muito finas; [...], haviam sido educadas num dos principais colégios particulares de Londres, tinham um capital de vinte mil libras*” (AUSTEN, 2020d, p. 22). Em valores atuais, pouco mais de £930.500.

⁴⁴ “– Ora vejam – disse Sua Senhoria –; você dá a sua opinião com muita firmeza para uma pessoa tão jovem. Qual é a sua idade?”

– Com três irmãs mais moças já crescidas – replicou Elizabeth, sorrindo –, Vossa Senhoria não deve esperar que eu o confesse.

Lady Catherine pareceu atônita por não receber uma resposta direta; e *Elizabeth suspeitou ser a primeira pessoa que jamais ousou gracejar com tão majestosa [sic] impertinência*” (AUSTEN, 2020d, p. 187).

Essa não é a única vez em que a heroína confronta sua Senhora. Quando a senhora tenta confirmar o boato do noivado do sr. Darcy e Elizabeth, ao ouvir que não existe nenhum compromisso entre eles, ela ainda exige um juramento de que uma futura relação entre os dois não acontecerá e ordena à jovem que permaneça em *sua esfera*, ou seja, no seu lugar, na sua classe social. Porém, diante da recusa de Lizzy de assumir tal acordo, Lady Catherine afirma:

“Miss Bennet, I am shocked and astonished. I expected to find a more reasonable young woman. But do not deceive yourself into a belief that I will ever recede. I shall not go away till you have given me the assurance I require”.

“And I certainly *never* shall give it. I am not to be intimidated into anything so wholly unreasonable. [...]. Allow me to say, Lady Catherine, that the arguments with which you have supported this extraordinary application have been as frivolous as the application was ill-judged” (AUSTEN, 2007, p. 452; o grifo é da autora)⁴⁵.

Outra vez, percebe-se que Elizabeth baseia seus argumentos na razão, enquanto que Lady Catherine, no decoro, já que esta espera encontrar uma *moça mais ajuizada* que obedeça à sua autoridade, mas diversamente, depara-se com uma mulher que a contesta usando o intelecto e que não segue regras sociais discriminatórias. A rebeldia de Elizabeth desafia todo tipo de coisa que seja considerada por ela frívola, insensata ou até mesmo ameaçadora, vindo de qualquer pessoa, ainda que seja Lady Catherine ou o sr. Darcy:

“You mean to frighten me, Mr. Darcy, by coming in all this state to hear me? I will not be alarmed though your sister *does* play so well. There is a stubbornness about me that never can bear to be frightened at the will of others. My courage always rises at every attempt to intimidate me” (AUSTEN, 2007, p. 341; o grifo é da autora)⁴⁶.

Embora Elizabeth faça mais uma brincadeira do que uma crítica propriamente dita, ela ridiculariza o comportamento do sr. Darcy, que a irrita desde o começo do romance. Era bastante incomum uma mulher se dirigir de forma tão sarcástica a um homem, especialmente um cavalheiro com muitas posses, como ela fez. Em outras palavras, Austen coloca na protagonista um outro

⁴⁵ “– Srta. Bennet, estou pasma e escandalizada. Esperava encontrar uma moça mais ajuizada. Mas não se iluda pensando que vou ceder. Não vou embora até que me prometa o que pedi.
– E eu certamente *nunca* vou fazer tal promessa. Nada tão completamente insensato pode intimidar-me. [...]. Permita-me dizer, Lady Catherine, que os argumentos em que baseou esse pedido incomum foram tão frívolos quanto foi insensato o próprio pedido” (AUSTEN, 2020d, p. 388).

⁴⁶ “– Quer assustar-me, sr. Darcy, vindo com tanta solenidade ouvir-me tocar? Não vou intimidar-me, apesar de sua irmã tocar *tão* bem. Sou muito teimosa e não me deixo alarmar facilmente pelos outros. Minha coragem sempre se aguça ante qualquer tentativa de intimidação” (AUSTEN, 2020d, p. 195).

típico traço feminista: a mulher que desafia a intimidação de um homem mais poderoso, ou seja, ela não cede a uma autoridade que tenta se impor pelo gênero ou pelo dinheiro.

Lizzy também desafia os padrões de conduta da época ao decidir caminhar três milhas, ou seja, quase cinco quilômetros, atravessando os campos, para visitar a irmã doente na casa dos Bingleys. Caminhar sozinha pelas ruas, que é algo muito corriqueiro hoje, era impensável para uma moça fazer no período de Austen. Isso deve ser analisado, a princípio, segundo o contexto social do período Regencial, já que tal atitude era considerada imprópria e até perigosa para uma jovem. Uma mulher deveria andar sempre acompanhada e dependendo da situação, uma viagem por exemplo, ela necessitava da companhia de uma senhora idosa ou casada, como foi o caso quando Lydia vai a Brighton acompanhada pela sra. Harriet Forster, esposa do coronel.

A aversão existente nesta época pelas mulheres que viajavam sem supervisão é demonstrada por Lady Catherine, a representação das regras de conduta mais severas de então. Quando Elizabeth e Maria Lucas devem voltar de Rosings Park para casa, depois da visita aos Collins, após o casamento de Charlotte, a nobre senhora assevera:

“Mrs. Collins, you must send a servant with them. You know I always speak my mind, and *I cannot bear the idea of two young women travelling post by themselves. It is highly improper.* You must contrive to send somebody. I have the greatest dislike in the world to that sort of thing. *Young women should always be properly guarded and attended,* according to their situation in life. [...]” (AUSTEN, 2007, p. 364; o grifo é meu)⁴⁷.

É evidente que Elizabeth sabe que o ato de ir além dos limites impostos e agir livremente poderia ocasionar-lhe dano, pois o perigo de escândalos sempre existia, e isso provocaria a violação do código comportamental vigente, mas nada disso a impede de agir com liberdade de espírito. Sendo os Bennets de classe média e tendo um uso limitado de carruagem, ela só tem duas opções: ficar em casa ou caminhar, assim prefere percorrer sozinha as três milhas cobertas de lama a ficar em casa sem fazer nada pela irmã Jane.

Austen descreve de forma pouco glamourosa o caminhar da protagonista, nada que lembre o andar que as senhoritas elegantes deviam ter, mas demonstrando determinação, força e rapidez, e nem sua aparência, ao chegar perto da casa, lembra a de uma dama refinada, já que o rosto está suado por causa do exercício: “Elizabeth continued her walk alone, crossing field after field at a

⁴⁷ “– Sra. Collins, você deve mandar uma criada com elas. Você sabe que não escondo o que penso e que *não posso tolerar a ideia de duas mocinhas viajarem sozinhas numa diligência. É muito inconveniente.* Você tem de arrumar um jeito de enviar alguém. Tenho a maior repulsa do mundo por esse tipo de coisa. *As mocinhas devem sempre ser corretamente protegidas e acompanhadas,* segundo a sua condição social” (AUSTEN, 2020d, p. 237-238).

quick pace, jumping over stiles and springing over puddles with impatient activity, and finding herself at last within view of the house, with weary ankles, dirty stockings, and a face glowing with the warmth of exercise” (AUSTEN, 2007, p. 253)⁴⁸. Elizabeth, todavia, faz muito mais do que meramente saltar cercas e pular poças, ela também rompe com a barreira do gênero, que estabelecia limites para as mulheres, colocando-as, segundo a convenção da época, somente dentro do ambiente doméstico, obrigando-as a permanecerem no âmbito privado enquanto que aos homens era concedido o direito à esfera pública.

No episódio a seguir, novamente se depara com aquilo que o decoro e a elegância exigiam das jovens finas, como a sra. Hurst e a srta. Bingley, e o que a heroína de *Orgulho e preconceito* faz, não seguindo aquilo que, segundo as normas, era o correto de se fazer, ou seja, andar de braço dado com um gentil cavalheiro, o sr. Darcy, enquanto os quatro passeavam:

Then taking the disengaged arm of Mr. Darcy, she [Mrs. Hurst] left Elizabeth to walk by herself. The path just admitted three. Mr. Darcy felt their rudeness, and immediately said: “This walk is not wide enough for our party. We had better go into the avenue”. But Elizabeth, who had not the least inclination to remain with them, laughingly answered: “No, no; stay where you are. You are charmingly grouped, and appear to uncommon advantage. The picturesque would be spoilt by admitting a fourth. Good-bye.” She then ran gaily off, rejoicing as she rambled about, [...] (AUSTEN, 2007, p. 266; o acréscimo é meu)⁴⁹.

Bem diferente das irmãs Bingleys que, seguindo rigorosamente o decoro imposto às mulheres, estão bem guardadas pelos braços do sr. Darcy, Elizabeth se afasta do grupo alegremente e caminha solitária. Apesar da atitude grosseira da sra. Hurst de deixar Lizzy sozinha, ela não se intimida e pede que eles continuem a caminhada, dizendo que três é o número ideal e que uma quarta pessoa atrapalharia, deixando claro que não gostaria de fazer parte daquele grupo de esnobes, em uma atitude que pode ser considerada típica ironia austeniana. Esta passagem demonstra a inteligência e a independência da heroína, em contraste com a dependência das outras mulheres da narração, mas através desses atos de rebeldia, Austen passa uma mensagem clara sobre

⁴⁸ “Elizabeth prosseguiu sua caminhada sozinha, atravessando campos e mais campos com o passo rápido, saltando sobre cercas e pulando poças com impaciente agilidade, e achando-se por fim à vista da casa, com os tornozelos doídos, meias sujas e o rosto brilhante pelo calor do exercício” (AUSTEN, 2020d, p. 42).

⁴⁹ “Tomando, então, o braço livre do sr. Darcy, [a sra. Hurst] deixou Elizabeth caminhando sozinha. Pelo caminho só podiam passar três. O sr. Darcy logo percebeu a grosseria e se apressou em dizer:

– Esta trilha não é larga o bastante para nós quatro. Seria melhor que fôssemos até a avenida.

Mas Elizabeth, que não tinha nenhuma intenção de permanecer com eles, respondeu rindo:

– Não, não; fiquem onde estão. Vocês formam um grupo mais do que encantador. Perder-se-ia o efeito pitoresco acrescentando-se uma quarta pessoa. Adeus!

Afastou-se então alegremente, feliz, enquanto caminhava” (AUSTEN, 2020d, p. 63-64).

a liberdade feminina em relação à autoridade masculina, quando escreve que Lizzy escapa alegremente, regozijando-se por estar sozinha, por não depender da proteção de homem algum. Talvez para os olhos menos atentos e acostumados a todas essas coisas descritas, Austen não tenha escrito nada de extraordinário, mas tendo como pano de fundo os famosos manuais de conduta, que limitavam e muito a vida das mulheres, ditando regras bastante rígidas, a romancista foi muito ousada ao romper com estas normas através de suas heroínas, quebrando paradigmas machistas e patriarcais, sem perder o senso de humor. Austen não se manifestou de forma aberta como Wollstonecraft fez, mas também não se calou diante de tudo o que seu gênero enfrentava então, mesmo que de forma mais tácita, não se deixou abater, já que ela mesma vivia essas situações, e teve a coragem de não se casar, ser escritora e viver de seus próprios rendimentos, coisas impensáveis para as mulheres da época. Tendo como base esta análise do romance *Orgulho e preconceito*, é justo que Jane Austen seja reconhecida como uma profeminista, já que lutou pelos direitos das mulheres, denunciando, em suas obras, os abusos cometidos contra elas, mas acima de tudo demonstrando, através das protagonistas e da sua determinação ao tornar-se autora, a força feminina.

3.3 Seria Elizabeth Bennet o *alter ego* de Jane Austen?

Alguns críticos afirmam que Elizabeth Bennet seria na realidade um *alter ego* da escritora, já que é possível identificar na personagem inúmeras semelhanças com a romancista tanto de caráter quanto de situações vividas por ambas. No artigo *Alter ego*, A. L. Santana (2021, s. p.) afirma que “o *alter ego* de uma pessoa, em uma análise estrita, é um ‘*outro eu*’, uma personalidade alternativa de alguém” (o grifo é da autora) e que na literatura é definido “como a identidade oculta de um ser fictício ou como um artifício do autor de um livro para se revelar ao leitor na pele de um personagem, de forma discreta e indireta”. Ainda que Austen tenha tido oportunidade de se casar – algo que a maioria das mulheres de sua idade desejava – preferiu permanecer sozinha, tendo assim que viver às custas dos irmãos, fato que também se nota, ao menos a princípio, na protagonista de *Orgulho e preconceito*. Elizabeth Bennet rejeita a proposta de casamento do sr. Collins, mesmo sabendo que a família depende desse arranjo para não perder a propriedade, a Longbourn House, quando o sr. Bennet morrer; como também não aceita o pedido do milionário

sr. Darcy, pois ela não quer se casar apenas por causa de dinheiro, mas deseja também amor, nem está preocupada em satisfazer um desejo da mãe, porém busca a própria felicidade conjugal.

V. M. Mulder (2021, s. p.), ao analisar *Orgulho e Preconceito*, afirma que embora os livros não trouxessem o nome da romancista impresso neles, a popularidade dessa obra garantiu que a identidade dela fosse amplamente conhecida e que ser uma escritora poderia lhe permitir a autonomia financeira, uma vez que já era madura e não desejava se casar nem continuar a ser sustentada pelos irmãos, porém a independência, em especial a econômica, era algo muito incomum para uma mulher solteira na Inglaterra do final do século XVIII. Assim, são bem manifestas as “coincidências” entre Austen e a protagonista: ambas mulheres solteiras, livres, independentes, profeministas no que diz respeito a seguir as regras e padrões sociais da época. Elizabeth Bennet era a personagem favorita da escritora, provavelmente porque Austen se via refletida na heroína. Em uma carta de 29 de janeiro de 1813 dirigida à irmã Cassandra, Austen declara expressamente a predileção por Elizabeth Bennet: “Devo confessar que *eu* a considero a criatura mais encantadora que já apareceu na imprensa, e como poderei tolerar aqueles que não *gostam* dela, de qualquer forma, não sei” (LE FAYE, 1997, p. 285; o grifo é da autora)⁵⁰. No artigo “*Orgoglio e pregiudizio*”: *quando il vero amore supera le convenzioni*, T. Acquilino (2021, s. p.) conclui que a protagonista é um modelo de mulher inconformada que não se submete às regras sociais da época, e que seria provavelmente uma representação da própria autora. Elizabeth é uma heroína romântica moderna que não aceita o fato de as mulheres serem vistas somente como esposas e mães, e que o casamento seja a única forma de não serem um peso para os pais, já que naquele período as mulheres não tinham a opção de permanecerem sozinhas se quisessem. Já M. Kalil (2021, s. p.) destaca que a posição da mulher solteira na sociedade também era prejudicada pelo fato de ela morar só, fora da influência de sua família, portanto, uma mulher solitária, que não residisse com os próprios parentes, deveria pelo menos morar com uma acompanhante respeitável.

A personagem central da obra – diferentemente das irmãs mais novas – não é superficial e nem vaidosa; o que ela realmente deseja não é simplesmente um bom casamento, mas também o verdadeiro amor. Ela tem qualidades difíceis de se encontrar em uma mulher naquele tempo: inteligência, sinceridade, perspicácia, bom humor. Tem um caráter forte, sabe se defender falando francamente e usando palavras acertadas, mas ao mesmo tempo, consegue conversar com graça e

⁵⁰ “I must confess that *I* think her as delightful a creature as ever appeared in print, and how I shall be able to tolerate those who do not *like* her at least, I do not know”.

seriedade, assim também se pode notar em Lizzy a inteligência natural e a sagacidade, pelas quais Austen era tão famosa.

Outra característica interessante da escritora, que também encontramos em Elizabeth Bennet, é a ironia, que ela usa para retratar os hábitos do dia-a-dia da sociedade britânica do final do século XVIII e ao fazer esta crítica, a autora, assim como Lizzy, expõe todo o seu inconformismo com a situação da mulher, demonstra ainda o orgulho e o preconceito presentes nas diversas camadas sociais, pois, de fato, no final do romance, esses dois sentimentos, que atrapalharam alguns relacionamentos, desapareceram e o amor finalmente pôde entrar no coração dos protagonistas. No artigo *What does Jane Austen have in common with Elizabeth Bennet?*, C. Hemingway (2021, s. p.) discorre sobre algumas semelhanças entre Austen e Elizabeth: ambas vinham de famílias distintas, mas pobres, se não se casassem bem, teriam uma vida de relativa pobreza; as duas rejeitaram propostas de casamento vantajosas: Elizabeth, do sr. Collins e do sr. Darcy; Austen, de pelo menos um homem de considerável riqueza. A escritora preferiu o celibato a se casar sem afeto ou compreensão; Elizabeth estava preparada para seguir o mesmo caminho até perceber o verdadeiro caráter do sr. Darcy. Afirma ainda que as outras heroínas de Austen, apesar de terem muitas qualidades, não desafiam diretamente os homens como Elizabeth faz, ficando frente a frente com eles.

Já S. Toback (2021, s. p.), ao comparar Jane Austen e Elizabeth Bennet, no artigo *Comparison between Jane Austen and Elizabeth Bennet*, estabelece interessantes paralelos entre a vida da escritora e da protagonista de *Orgulho e preconceito*, ressaltando alguns aspectos, como a vida doméstica, as convicções, os relacionamentos, o amor e casamento. Em relação à vida doméstica, salienta que ambas eram filhas de cavalheiros, que viviam com os pais. As mães acreditavam que o amor não era importante e que as mulheres deveriam se casar por segurança financeira. Pertenciam a famílias de classe média com uma vida confortável, mas sem muito dinheiro. No que se refere às convicções, argumenta que elas tinham uma visão diferente da sociedade e não se deixavam influenciar pela opinião dos outros. Donas de uma personalidade forte, manifestavam sempre seus pontos de vista, ainda que alguém os julgasse impróprios, por exemplo, quando Lizzy discute com Lady Catherine: “You can *now* have nothing farther to say, [...]. You have insulted me in every possible method. I must beg to return to the house” (AUSTEN, 2007, p. 453; o grifo é da autora)⁵¹, assim a protagonista mostra de forma clara e objetiva que se

⁵¹ “– Vossa Senhoria não deve ter mais nada a dizer [...]. Vossa Senhoria ofendeu-me de todas as maneiras possíveis.

sente ultrajada pelas afirmações da tia de Darcy, que esperava que a jovem nada dissesse, já que ela era de uma classe inferior.

Acerca dos relacionamentos, Toback destaca que o vínculo que ambas tinham com o pai era semelhante, tanto assim que Elizabeth, quando não aceita a proposta de casamento do sr. Collins, recebe o total apoio do sr. Bennet: “Your mother will never see you again if you do *not* marry Mr. Collins, and I will never see you again if you *do*” (AUSTEN, 2007, p. 303; o grifo é da autora)⁵², além do amor que ele nutre pela filha, talvez no fundo soubesse que ela viveria um casamento frustrante como o dele se se casasse com o clérigo. Como foi dito antes, as mães acreditavam que se deveria casar por dinheiro e que o amor não era relevante, todavia, Jane Austen rejeitou Harris Bigg-Wither, e Lizzy recusa a proposta do sr. Collins. Ambas as mães ficaram profundamente irritadas, porque suas ações além de afetaram a si mesmas, também prejudicaram a família. A riqueza trazia nome, superioridade, respeito e segurança. A sra. Bennet sabe disso e por isso se desespera quando Lizzy não aceita a proposta do sr. Collins: “Oh! Mr. Bennet, you are wanted immediately; we are all in an uproar. You must come and make Lizzy marry Mr. Collins, for she vows she will not have him; and if you do not make haste he will change his mind and not have *her*” (AUSTEN, 2007, p. 303; o grifo é da autora)⁵³. Austen e Elizabeth tinham uma relação muito forte com as irmãs mais velhas – Cassandra e Jane, respectivamente – e estavam prontas para socorrer uma à outra sempre que necessário. No romance, Lizzy caminha quase cinco quilômetros para ajudar a irmã que está doente, sem se importar com as dificuldades, porque quer estar perto dela: “I shall be very fit to see Jane – which is all I want. [...]? No, indeed. I do not wish to avoid the walk. The distance is nothing, when one has a motive; only three miles” (AUSTEN, 2007, p. 253)⁵⁴.

A respeito do amor e casamento, Toback argumenta que ambas não aceitaram propostas matrimoniais que teriam ajudado as famílias a manterem o patrimônio, mas elas buscavam amor em vez de bens. Harris Bigg-Wither pediu Jane Austen em casamento, mas ela não aceitou se casar com ele, já que estava apaixonada pelo vizinho, Tom Lefroy, que pertencia a uma classe superior

Devo pedir que voltemos para casa” (AUSTEN, 2020d, p. 389).

⁵² “– Sua mãe nunca mais olhará para você se você *não* se casar com o sr. Collins, e eu nunca mais olharei para você se você *se casar* com ele” (AUSTEN, 2020d, p. 129).

⁵³ “– Ah! Sr. Bennet, preciso de você imediatamente, estamos todos em alvoroço. Venha e diga a Lizzy que se case com o sr. Collins, pois ela jura que não o fará, e se você não se apressar ele vai mudar de ideia e desistir *dela*” (AUSTEN, 2020d, p. 128).

⁵⁴ “– Estarei em ótimo estado para ver Jane... e isso é tudo o que eu quero. [...]. – Não, não quero evitar a caminhada. A distância não é nada se tem um motivo; são só três milhas” (AUSTEN, 2020d, p. 41).

à dela. Também na obra, o sr. Collins propõe casamento a Elizabeth Bennet e ela o rejeita, mas acaba se casando por amor com o sr. Darcy, ainda que ele tenha um status superior ao dela.

Através de poucos exemplos, é possível perceber que Jane Austen quis presentear a heroína com situações muito semelhantes às que ela viveu, mas com resultados mais auspiciosos, finais mais felizes, quase uma história de contos de fada. Poderia se objetar que estas são apenas coincidências, mas, na opinião de alguns teóricos, Elizabeth Bennet, de fato, seria o *alter ego* de Jane Austen e, por isso, a romancista a considerava *a delightful creature*, isto é, *uma criatura adorável*, pois em *Orgulho e preconceito*, a escritora expressou seus pensamentos, opiniões através da protagonista, além de mostrar sua sagacidade e inteligência através das ações da personagem, que brilhou do começo ao fim da obra.

4 A CRÍTICA SOCIAL EM *ORGULHO E PRECONCEITO*

4.1 A ironia de Jane Austen

Segundo o *Dicionário Aurélio Século XXI* (1999), o termo *ironia* tem origem no grego *eirōneía* (εἰρωνεία) que traduzido literalmente significa dissimulação, fingimento e chegou à língua portuguesa através do latim. O léxico traz três definições para esta palavra: “modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo, ou por pudor em relação a si próprio ou com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem [...]; contraste fortuito que parece um escárnio [...]; sarcasmo, zombaria” (p. 1138).

Embora sejam considerados sinônimos, para alguns críticos, porém, ironia e sarcasmo, ainda que tenham uma profunda ligação, possuem sutil distinção. No artigo *Exploring the Difference Between Irony and Sarcasm*, J. Betts (2022, s. p.) afirma que é difícil perceber a diferença entre esses dois termos, mas a ironia é o oposto do que se esperaria, ao passo que o sarcasmo tem um tom condescendente, porém com o objetivo de constranger ou insultar alguém. A ironia é um recurso literário em que afirmações ou situações contraditórias revelam um fato diferente do que parece ser a realidade. Quando um escritor usa este recurso em uma obra, existe dissonância no que se refere ao comportamento dos personagens, às palavras que dizem ou aos eventos que ocorrem e, conseqüentemente, utiliza referências indiretas em vez de declarações diretas para apontar a relação problemática entre o percebido e a verdade.

Embora existam muitos tipos de ironia como recurso literário, as três formas principais são: verbal, dramática e situacional. A ironia verbal estabelece um contraste entre o que é dito literalmente e o que realmente se quer dizer, o leitor pode estar esperando que a declaração ou resposta de um personagem seja uma coisa, embora acabe sendo o oposto. Na ironia dramática, o que está acontecendo, até onde se sabe, é o inverso do que os personagens supõem que seja, assim, o leitor está ciente de informações ou circunstâncias pertinentes que os personagens não estão, portanto, o leitor fica em suspense ou conflito até que a situação ou informação seja revelada aos personagens envolvidos, permitindo ao leitor a vantagem de saber ou compreender algo que um determinado personagem não sabe. A ironia situacional refere-se a circunstâncias que acabam sendo o inverso do esperado ou considerado apropriado, desta forma o leitor pode antecipar o

resultado de um evento de uma maneira, embora aconteça de um modo completamente diferente.

O uso frequente da ironia é um dos traços mais marcantes do estilo literário de Jane Austen, e em nenhum outro livro dela o uso desta figura de linguagem é mais acentuado do que em *Orgulho e preconceito*, onde ela emprega a ironia verbal, dramática e situacional. Já na frase de abertura do romance, encontra-se um dos melhores exemplos de ironia verbal na obra: “It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife” (AUSTEN, 2007, p. 235)¹. A primeira metade desta sentença sugere que certa verdade universal é o tema do romance, mas na segunda metade se descobre que esta verdade é um problema social bem comum: o casamento.

A proposição em si sugere que um jovem bem-sucedido deva estar à procura de uma esposa, mas isto esconde uma afirmação irônica, pois as coisas podem ser o oposto, sendo bastante provável que, na realidade, uma mulher solteira esteja à procura de um marido rico, visto que a situação imposta a ela pela sociedade inglesa a obrigava a buscar segurança no casamento. O parágrafo seguinte afirma que, na mente das famílias de certo lugarejo onde tal homem entra pela primeira vez, ele “is considered the rightful property of some one or other of their daughters” (AUSTEN, 2007, p. 235)², ou seja, havia uma preocupação constante por parte das famílias em casar as filhas, como os Lucas em encontrar um marido para Charlotte, e isso se nota especialmente na sra. Bennet, já que: “The business of her life was to get her daughters married; its solace was visiting and news” (AUSTEN, 2007, p. 236)³ e a ironia aqui se encontra no fato de que ela provavelmente não fará muita distinção a respeito do jovem que as filhas escolherão como marido, fato que mais tarde se confirma pelo entusiasmo que ela manifesta com o casamento da filha mais jovem Lydia com Wickham:

To know that her daughter would be married was enough. She was disturbed by no fear for her felicity, nor humbled by any remembrance of her misconduct.
“My dear, dear Lydia!” she cried. “This is delightful indeed! – She will be married! [...]! – She will be married at sixteen! [...]! How I long to see her! And to see dear Wickham too! [...]!” (AUSTEN, 2007, p. 420)⁴.

¹ “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa” (AUSTEN, 2020d, p. 9).

² “[...] vem a ser considerado propriedade legítima de uma ou outra de suas filhas” (AUSTEN, 2020d, p. 9).

³ “Seu objetivo na vida era ver as filhas casadas; seu consolo, as visitas e fofocas” (AUSTEN, 2020d, p. 11).

⁴ “Bastava saber que a filha iria casar. Nenhum temor pela felicidade da filha a perturbava, nem a humilhava nenhuma recordação do mau comportamento dela.

– Minha querida, querida Lydia! – exclamou ela. – Isso é maravilhoso! Ela vai casar-se! [...]! Vai casar-se aos dezesseis anos! [...]! Quanta saudade [dela]! E [de] ver o querido Wickham também! [...]!” (AUSTEN, 2020d, p. 333; o acréscimo é meu).

Esse tipo de ironia pode ser visto também na descrição que Austen faz das irmãs do sr. Bingley, Caroline e a sra. Hurst: “They were in fact *very fine ladies*; [...]. They were rather handsome, had been educated in one of the first private seminaries in town, had a fortune of twenty thousand pounds, [...] and were therefore in every respect entitled to think well of themselves, and meanly of others” (AUSTEN, 2007, p. 242-243; o grifo é meu)⁵. As implicações irônicas da expressão *mulheres muito finas* tornaram-se claras quando se conhece o orgulho, a arrogância e o egoísmo das personagens, que demonstram muitas vezes serem bem diferentes da imagem que tentam passar com a elegância, o recato e o decoro. A ironia verbal pode ser também encontrada nas seguintes palavras do sr. Bennet sobre seu genro Wickham: “He is as fine a fellow, [...], as ever I saw. He simpers, and smirks, and makes love to us all. I am prodigiously proud of him. I defy even Sir William Lucas himself to produce a more valuable son-in-law” (AUSTEN, 2007, p. 435)⁶. De fato, o sr. Bennet detesta o genro, mas para se perceber o tom irônico escondido nesta afirmação é necessário ter em mente que o valioso genro, *valuable son-in-law*, de Sir Lucas é o sr. Collins, que é retratado no romance de forma nada glamourosa:

Mr. Collins was not a sensible man, [...]. The subjection in which his father had brought him up had given him originally great humility of manner; but it was now a good deal counteracted by the self-conceit of a weak head, [...]. A fortunate chance had recommended him to Lady Catherine de Bourgh [...]; and the respect which he felt for her high rank, and his veneration for her as his patroness, mingling with a very good opinion of himself, [...], made him altogether a mixture of pride and obsequiousness, self-importance and humility (AUSTEN, 2007, p. 276-277)⁷.

Como já foi dito, na ironia dramática, o leitor tem acesso a informações que um determinado personagem desconhece, e, em *Orgulho e preconceito*, Jane Austen faz uso deste recurso com frequência. Uma amostra disso se encontra no momento em que o sr. Collins pede a sra. Bennet uma audiência particular com Lizzy e antes que a moça tivesse tempo de responder, a mãe diz: “Oh dear! – Yes – certainly. I am sure Lizzy will be very happy – *I am sure she can have no objection*”

⁵ “Eram elas, na verdade, mulheres muito finas; [...]. Eram bonitas, haviam sido educadas num dos principais colégios particulares de Londres, tinham um capital de vinte mil libras, [...], e dispunham, portanto, de todas as razões para pensar bem de si mesmas e mal dos outros” (AUSTEN, 2020d, p. 22).

⁶ “– É o melhor sujeito, [...], que já vi. Faz caretas, dá risadinhas e corteja toda a família. Estou prodigiosamente orgulhoso dele. Desafio até mesmo Sir William a apresentar um genro de maior valor” (AUSTEN, 2020d, p. 359).

⁷ “Não era o sr. Collins um homem sensato, [...]. A submissão em que o pai o criara dera-lhe inicialmente modos muito humildes; estes, porém, eram agora contrabalançados pela vaidade de uma inteligência medíocre, [...]. Um acaso feliz o recomendara a Lady Catherine de Bourgh [...]; e o respeito que ele sentiu pela altíssima condição social dela, e a sua veneração por ela como sua protetora, unindo-se a uma boa opinião de si mesmo, [...] fizeram dele a um só tempo uma mistura de orgulho e obsequiosidade, de empáfia e humildade” (AUSTEN, 2020d, p. 84).

(AUSTEN, 2007, p. 299; o grifo é meu)⁸, porém, ela não está ciente de que a filha está encantada por Wickham e a jovem, imaginando quais seriam as intenções do clérigo, tem objeção em falar com ele a sós e, por fim, acaba rejeitando a proposta, deixando a sra. Bennet furiosa.

Outro exemplo é quando o sr. Darcy – sem saber que Elizabeth nutre por ele um grande desprezo – começa, apesar das restrições em relação aos Bennets, a admirar a jovem cada vez mais, a ponto de pedi-la em casamento. Ele está certo de que a protagonista nunca recusará uma proposta feita por um homem de classe alta, mas vai perceber que dinheiro e posição social não são suficientes para fazer Lizzy se casar, e também descobre, no momento do pedido, todo o rancor que ela sente, principalmente pela injustiça cometida contra a irmã Jane: “from the first moment [...], of my acquaintance with you, your manners, [...], were such as to form the groundwork of disapprobation on which succeeding events have built so immovable a dislike; [...] you were the last man in the world whom I could ever be prevailed on to marry” (AUSTEN, 2007, p. 353)⁹. Devido a não ter ciência do menosprezo que Elizabeth sentia por ele e do afeto dela por Wickham, e também por causa da presunção, o sr. Darcy fica desnordeado após a recusa por parte da heroína de se casar com ele, algo que já tinha por certo. Um outro episódio exhibe ainda a ironia dramática: a visita de Elizabeth e os tios a Pemberley, a casa dos Darcys. Enquanto os visitantes conhecem o lugar, a governanta, a srta. Reynolds, lamenta que o patrão passe menos tempo na residência do que ela gostaria, então, o sr. Gardiner comenta: “If your master would marry, you might see more of him” (AUSTEN, 2007, p. 384)¹⁰, a senhora, por sua vez, responde: “Yes, sir; but I do not know when *that* will be. I do not know who is good enough for him.” (AUSTEN, 2007, p. 384; o grifo é da autora)¹¹. Nenhum dos personagens está ciente de que Elizabeth é esta mulher *boa o bastante* para se casar com o sr. Darcy e se tornar a *mistress* de Pemberley, que aliás, já o seria se tivesse aceito a proposta dele.

Tratando agora sobre a ironia situacional, em *Orgulho e preconceito*, vários eventos e situações experimentam uma reviravolta irônica. Por exemplo, o sr. Darcy, durante o baile em Meryton, comenta com o sr. Bingley a respeito de Elizabeth que: “She is tolerable, but not

⁸ “– Ah, meu querido!... Sim... É claro. Tenho certeza de que Lizzy ficará felicíssima... Tenho certeza de que ela não fará nenhuma objeção” (AUSTEN, 2020d, p. 121).

⁹ “– [...] desde o momento em que o vi pela primeira vez [sic], eram tais os seus modos, [...], que formaram a base da desaprovação sobre a qual os sucessivos acontecimentos construíram uma tão inabalável antipatia; [...] o senhor era o último homem do mundo com quem eu poderia ser convencida a me casar” (AUSTEN, 2020d, p. 216).

¹⁰ “– Se o seu patrão se casasse, a senhora o veria mais por aqui” (AUSTEN, 2020d, p. 273).

¹¹ “– Sim, senhor; mas não sei quando *isso* vai acontecer. Não conheço nenhuma mulher que seja boa o bastante para ele” (AUSTEN, 2020d, p. 273).

handsome enough to tempt *me*; I am in no humour at present to give consequence to young ladies who are slighted by other men” (AUSTEN, 2007, p. 240; o grifo é da autora)¹², mas logo em seguida após desdenhá-la, demonstra admiração pela protagonista, quando a srta. Bingley faz críticas a esta festa crendo que o sr. Darcy também depreciaria o evento e os convidados, no entanto, ele afirma que durante o baile:

“My mind was more agreeably engaged. I have been meditating on the very great pleasure which *a pair of fine eyes in the face of a pretty woman* can bestow”.
Miss Bingley immediately fixed her eyes on his face, and desired he would tell her what lady had the credit of inspiring such reflections. Mr. Darcy replied with great intrepidity, “Miss Elizabeth Bennet” (AUSTEN, 2007, p. 250; o grifo é meu)¹³.

Outra situação irônica do romance se dá quando, considerando uma imprudência a aliança com a família Bennet através do casamento com Jane, o sr. Darcy convence o sr. Bingley a abandonar Netherfield e ir para Londres, fato que é revelado a Lizzy casualmente pelo primo do protagonista, o coronel Fitzwilliam: “[...] he congratulated himself on having lately saved a friend from the inconveniences of a most imprudent marriage, [...], and I only suspected it to be Bingley [...], and from knowing them to have been together the whole of last summer” (AUSTEN, 2007, p. 348)¹⁴, todavia, no final do romance, encoraja o amigo a se casar com Jane e ele mesmo se une a uma Bennet, casando-se com Elizabeth.

Exemplos deste tipo de ironia são inúmeros e podem ser encontrados em vários trechos do romance. Eis alguns deles: a mudança do exército de Meryton para Brighton deveria por fim aos flertes de Lydia com os soldados, mas, efetivamente, faz com que ela fuja com Wickham. Elizabeth pensa que as perspectivas do casamento dela com o sr. Darcy foram destruídas pela infâmia da má conduta de Lydia, mas a situação, na verdade, acaba unindo ainda mais os dois. A intervenção de Lady Catherine para acabar com o casamento de Elizabeth com o sr. Darcy ajuda na concretização do mesmo.

¹² “– É suportável, mas não bonita o bastante para *me* animar; não estou com paciência no momento para dar atenção a mocinhas que foram desdenhadas por outros homens” (AUSTEN, 2020d, p. 18)

¹³ “– Entretinha-se a minha mente de um jeito bem mais agradável. Estava a meditar sobre o enorme prazer que pode provocar *um par de lindos olhos no rosto de uma bela mulher*.
De imediato, a srta. Bingley cravou os olhos no rosto dele, e desejou que ele lhe dissesse qual mulher pudera inspirar-lhe tais reflexões. O sr. Darcy replicou com grande intrepidez:
– A srta. Elizabeth Bennet” (AUSTEN, 2020d, p. 35-36).

¹⁴ “– [...] se felicitava por ter recentemente salvado um amigo das inconveniências de um casamento muito imprudente, [...]; e só suspeitei que se tratasse de Bingley [...] por saber que estiveram juntos durante todo o verão passado” (AUSTEN, 2020d, p. 207-208).

A ironia está presente em todo o romance: nos comentários do narrador, nas críticas da srta. Bingley aos Bennets, nas respostas de Lizzy, nos diálogos do sr. Darcy, mas um dos personagens mais irônicos da obra é o sr. Bennet. Quase sempre suas falas estão cheias de ironia e sarcasmo, principalmente em relação à esposa e as duas filhas mais jovens. Já no primeiro capítulo, se percebe o quanto ele se diverte com a aflição da sra. Bennet, impossibilitada, devido às normas sociais, de visitar, antes que o marido o fizesse, o recém-chegado sr. Bingley, um jovem rico, excelente candidato para se casar com alguma das filhas. Diante da recusa dele em fazer a visita, ela exclama: “Mr. Bennet, [...] You take delight in vexing me. You have no compassion for my poor nerves” (AUSTEN, 2007, p. 236)¹⁵, e ele ironicamente retruca: “You mistake me, my dear. I have a high respect for your nerves. They are my old friends. I have heard you mention them with consideration these last twenty years at least” (AUSTEN, 2007, p. 236)¹⁶. Percebe-se, com esta resposta, que ele não tem respeito nenhum pela esposa, que a cumplicidade entre o casal não existe mais, ainda que o casamento já dure muitos anos.

No capítulo seguinte, após ter visitado o sr. Bingley, mas sem revelar à esposa o ocorrido, continua a chateá-la deixando-a pensar que ele ainda insiste na recusa de cumprir essa tarefa. Irritada, a sra. Bennet descarrega a fúria que sente implicando com a filha Kitty, pedindo que ela pare de tossir, pois está acabando com seus nervos e novamente, a ironia do sr. Bennet se faz presente: “Kitty has no discretion in her coughs, [...]; she times them ill” (AUSTEN, 2007, p. 237)¹⁷, ao que a garota responde que não tosse por diversão, já que ninguém tem controle sobre a tosse. Após saber que o marido já havia visitado naquela manhã o jovem rico, a sra. Bennet exulta de alegria e, então, o sr. Bennet diz à filha: “Now, Kitty, you may cough as much as you choose” (AUSTEN, 2007, p. 238)¹⁸. Como o motivo da irritação da sra. Bennet – que não era a tosse da filha, mas sim a obstinação do marido em não querer visitar o sr. Bingley – tinha passado, agora a garota tinha permissão para tossir o quanto quisesse.

Seu sarcasmo também é sentido quando, ao ouvir as filhas mais jovens, Kitty e Lydia, discutirem com veemência sobre soldados e uniformes, ele observa friamente: “From all that I can collect by your manner of talking, you must be two of the silliest girls in the country. I have

¹⁵ “– Sr. Bennet, [...] Você adora aborrecer-me. Não tem pena dos meus pobres nervos” (AUSTEN, 2020d, p. 11).

¹⁶ “– Engano seu, querida. Tenho muito respeito por seus nervos. São meus velhos amigos. Ouvi você mencioná-los com muita consideração nos últimos vinte anos, pelo menos” (AUSTEN, 2020d, p. 11).

¹⁷ “– Kitty não é discreta quando tosse [...]. Sempre escolhe a hora errada para tossir” (AUSTEN, 2020d, p. 12).

¹⁸ “– Kitty, agora você pode tossir à vontade” (AUSTEN, 2020d, p. 14).

suspected it some time, but I am now convinced” (AUSTEN, 2007, p. 251)¹⁹, e ao ser repreendido pela esposa pelo comentário sobre as duas, simplesmente diz: “If my children are silly, I must hope to be always sensible of it” (AUSTEN, 2007, p. 251)²⁰. Em quase todas suas sentenças, o sr. Bennet usa, em maior ou menor grau de intensidade, a ironia ou o sarcasmo, pois: “Mr. Bennet was so odd a mixture of quick parts, sarcastic humour, reserve, and capriche” (AUSTEN, 2007, p. 236)²¹.

Em *Orgulho e preconceito*, a ironia começa com o desenvolvimento temático do título, também na sentença de abertura do romance e vai até o final da história. Jane Austen demonstra os excessos de uma sociedade fundada na hipocrisia e na aceitação estoica de regras rígidas. Sua descrição minuciosa da vida da província inglesa, conformada aos costumes ditados por regras de respeitabilidade e aparência, manifesta temas que são tratados com ironia e leveza, mas também cheios de profundidade nas emoções dos protagonistas.

4.2 As mulheres em *Orgulho e preconceito*

Uma característica dos romances austenianos é que sempre as mulheres são as personagens principais, e conforme salienta o site *Jane Austen Society of Italy*, no artigo *Conoscere Jane Austen* (2022, s. p.), nos livros da romancista inglesa, existem mulheres pacientes, que se distinguem pela força e constância, que vivem plenamente e guardam na alma tormentos, como Elinor Dashwood e Anne Elliot, mas também a que vive à beira do desabrochar, mas parece nunca se realizar: Fanny Price. Há a mulher cuja ternura consegue até obscurecer a beleza física: Jane Bennet e a que parece ter tudo, menos o poder do amor: Jane Fairfax. Existe ainda a mais sincera manifestação do romantismo: Marianne Dashwood; a mulher cujo brilho é tão intenso que beira a presunção: Emma Woodhouse e aquela fascinante, mas carente de transparência: Mary Crawford. Também em *Orgulho e preconceito*, além da heroína Elizabeth Bennet, encontram-se várias figuras femininas que enriquecem a obra. É interessante notar que cada uma delas traz consigo algo do seu tempo, ou seja, Austen não só cria, mas também denuncia a situação à qual as mulheres de então eram submetidas pelas regras machistas e patriarcais da Inglaterra Regencial. Algumas dessas

¹⁹ “– Pelo que posso deduzir do modo de falarem, vocês devem ser duas das meninas mais tolas da região. Há algum tempo venho suspeitando disso, mas agora tenho certeza” (AUSTEN, 2020d, p. 38).

²⁰ “– Se minhas filhas são tolas, espero pelo menos estar sempre ciente do fato” (AUSTEN, 2020d, p. 38).

²¹ “Era o sr. Bennet uma mistura tão estranha de agudeza, de humor sarcástico, de reserva e de capricho, [...]” (AUSTEN, 2020d, p. 11).

personagens serão analisadas a partir de agora para que se possa compreender a situação de opressão vivida pela maioria delas, como a própria escritora e a irmã mais velha Cassandra, que foram obrigadas a viver sob essas regras injustas.

A heroína do romance, Elizabeth Bennet, representa o ideal de mulher para Austen, pois ela é inteligente, talentosa, divertida, “she had a lively, playful disposition, which delighted in anything ridiculous” (AUSTEN, 2007, p. 240)²², mas embora seu jeito possa ser bem parecido em alguns aspectos com o da irmã Jane, muitas vezes ela possui uma impertinência bem-humorada que é cativante, sem ser hostil. No início da obra, ela é descrita como orgulhosa de sua inteligência e discernimento, que se diverte com a insensatez alheia, porém, não na mesma medida que o sr. Bennet. Devido ao relacionamento infeliz dos pais, bem como a própria visão de romance e casamento, ela está determinada a se casar por amor e não apenas por segurança ou conveniência financeira, como fez a melhor amiga Charlotte.

Depois de receber a carta com as explicações do sr. Darcy e refletir bastante, Elizabeth percebe que as primeiras impressões – título que a obra recebeu a princípio – nem sempre são confiáveis e que o orgulho ferido dela pelo desdém do sr. Darcy, durante o primeiro encontro, a levou ao preconceito contra ele. Essa hostilidade foi ainda mais fortalecida por causa da intervenção do protagonista no casamento da irmã de Lizzy e pela afeição que a heroína sentia por Wickham, mas apesar das falhas, ela admite os próprios erros e faz o possível para corrigi-los. É também corajosa, pois não obstante o casamento por conveniência com o sr. Collins ser a maneira de garantir o futuro da família após a morte do pai, Elizabeth é firme na decisão e se recusa a entrar em um casamento onde o verdadeiro afeto, a amizade e o respeito não existem. O exemplo mais louvável de sua coragem é quando Lady Catherine tenta intimidá-la para não se casar com o sobrinho dela, mas Lizzy observa que ela e o sr. Darcy são iguais de certa forma: “He is a gentleman; I am a gentleman’s daughter; so far we are equal” (AUSTEN, 2007, p. 452)²³ e que os argumentos da senhora contra a união deles são frívolos e insensatos.

Apesar das virtudes encontradas na protagonista, tais como coragem, discernimento, autoanálise, crítica à sociedade, em *Orgulho e preconceito*, Austen apresenta inclusive mulheres que inconscientemente reforçam os padrões machistas e patriarcais da época, que oprimem outras mulheres obrigando-as a se submeterem a essas regras que realmente acabam por tirar delas toda a

²² “tinha um temperamento animado e bem-humorado, que se divertia com tudo que fosse ridículo” (AUSTEN, 2020d, p. 18).

²³ “ – Ele é um cavalheiro; sou filha de um cavalheiro; nisto estamos empatados” (AUSTEN, 2020d, p. 388).

liberdade, passando assim a ser dependente da figura masculina – pai, irmão, marido – sem, muitas vezes, sequer poder escolher com quem se casar devido à pressão social para que consigam certa estabilidade financeira.

A figura mais emblemática deste grupo de mulheres é Lady Catherine de Bourgh, que pensa que riqueza e posição permitem que ela seja rude com quem considera inferior, com pessoas pouco influentes socialmente falando: “Her air was not conciliating, nor was her manner of receiving them, such as to make her visitors forget their inferior rank. She was not rendered formidable by silence; but whatever she said, was spoken in so authoritative a tone, as marked her self-importance” (AUSTEN, 2007, p. 334)²⁴ e esta atitude é especialmente vista no interrogatório que faz a Elizabeth Bennet quando esta visita Rosings Park. Lizzy trata sua Senhoria com respeito, mas não se intimida e Lady Catherine fica chocada quando a jovem opta por não responder a pergunta sobre a idade dela, pois a senhora não está acostumada a este tipo de atitude, já que espera que todos a bajulem, e é provavelmente por isso que goste tanto da companhia do sr. Collins, já que ele se submete aos seus caprichos. É interessante notar ainda que o comportamento da aristocrata não é exatamente aquele que se espera de uma pessoa bem-educada e refinada, como ela pensa ser, assim Austen intencionalmente faz tal coisa para criticar os nobres ingleses do período Regencial.

Lady Catherine, ainda que inconscientemente, reforça, com suas atitudes classistas e exigências, as regras patriarcais, julgando e recriminando as mulheres que não seguem os padrões de elegância – que na maioria das vezes significa a submissão feminina às imposições machistas – considerando qualquer jovem como inadequada se não cumpre, de forma categórica, as normas sociais, que são elaboradas por homens. Assim, ela serve como uma espécie de controladoria, favorecendo, sem perceber, a sociedade patriarcal da época, como quando fica horrorizada por saber que todas as irmãs Bennets já tinham sido apresentadas à sociedade, ou seja, já poderiam ser cortejadas e pedidas em casamento: “All! – What, all five out at once? Very odd! [...]. The younger ones out before the elder ones are married!” (AUSTEN, 2007, p. 336)²⁵, pois de acordo com as regras as irmãs mais jovens só poderiam aparecer publicamente após o casamento das mais velhas, mas Elizabeth lhe diz que este tipo de atitude não favorece a afeição entre as irmãs, deixando-a ainda mais estarecida.

²⁴ “Seu ar não era conciliador, tampouco a sua maneira de recebê-los era capaz de fazer os visitantes esquecerem-se de sua condição inferior. Nada tinha de terrível quando calada; mas tudo que dizia era pronunciado num tom de tanta autoridade e empáfia [...]” (AUSTEN, 2020d, p. 183).

²⁵ “– Todas! Como assim, as cinco de uma vez? Que esquisito! [...]. Apresentar as mais moças antes que as mais velhas estejam casadas!” (AUSTEN, 2020d, p. 187)

Também exige que Elizabeth toque piano após o jantar, ou seja, ela já espera que a jovem saiba fazer isso, porque a mulher considerada elegante toca bem este instrumento – embora ela mesma e a filha não saibam tocá-lo – e ao mesmo tempo, critica a protagonista não a achando boa o suficiente: “I have told Miss Bennet several times, that *she will never play really well, unless she practises more*; and though Mrs. Collins has no instrument, she is very welcome, as I have often told her, to come to Rosings every day, and play on the pianoforte in Mrs. Jenkinson’s room” (AUSTEN, 2007, p. 341; o grifo é meu)²⁶. Ainda reprova o fato de os Bennets não terem enviado as filhas para estudar em Londres e por não disporem de uma governanta para educá-las: “No governess! How was that possible? Five daughters brought up at home without a governess! – I never heard of such a thing” (AUSTEN, 2007, p. 335)²⁷, em outras palavras, para a nobre senhora, as Bennets não foram educadas de acordo com os padrões de elegância exigidos para as mulheres finas.

Quando Elizabeth se prepara para ir embora da casa de Charlotte, Lady Catherine insiste que ela fique por mais duas semanas. No momento em que Lizzy diz que o sr. Bennet não lhe dará a permissão, pois precisa dela, Lady Catherine afirma que uma filha não é importante para o pai, provavelmente uma realidade que ela mesma viveu como mulher e sendo desprezada pelo próprio pai, reforçando com esse tipo de pensamento os padrões machistas da sociedade de então. É verdade que, na época de Austen, as filhas da pequena nobreza rural (*gentry*) eram consideradas “never of so much consequence” (AUSTEN, 2007, p. 363)²⁸ quando se tratava de direitos de herança, já que o sistema patriarcal limitava severamente o acesso das mulheres ao direito de propriedade.

Esses são alguns dos exemplos das atitudes de Lady Catherine de Bourgh que reforçam as ideias patriarcais da época de Austen, porém, além dela, há também as irmãs Bingley, especialmente Caroline, que não somente seguem as regras como ainda querem impô-las às outras mulheres. Ambas compartilham inúmeras semelhanças em termos de personalidade: são orgulhosas, vaidosas e têm o hábito de gastar mais dinheiro do que deveriam, gostam ainda de se relacionar com pessoas de posição social elevada e são particularmente seletivas sobre quem elas

²⁶ “– Eu disse à srta. Bennet muitas vezes que ela jamais vai tocar realmente bem se não estudar mais; e, embora a sra. Collins não tenha um pianoforte, ela será muito bem-vinda, como lhe disse tantas vezes, se vier a Rosings todos os dias para tocar pianoforte no quarto da sra. Jenkinson” (AUSTEN, 2020d, p. 195).

²⁷ “– Nenhuma preceptora! Como é possível? Cinco filhas criadas em casa sem preceptora! Nunca vi coisa igual” (AUSTEN, 2020d, p. 186).

²⁸ A tradução é minha: “Jamais de muita importância”.

mostram seu lado agradável e bem-humorado.

Caroline Bingley tem como objetivo de vida casar-se com o sr. Darcy e para que isso aconteça usa de artimanhas para conquistá-lo, como rebaixar Elizabeth na presença dele para parecer superior aos olhos do rapaz. No início do romance, ela manifesta uma grande amizade por Jane Bennet, mas depois conspira com a irmã e o sr. Darcy para separá-la do sr. Bingley, quando fica evidente que ele está realmente apaixonado pela moça e deseja se casar com ela, mas Caroline quer que o irmão se case com Georgiana – a irmã do sr. Darcy – esperando que um casamento entre eles possibilite o dela também. É irônico que uma das razões pelas quais ela despreza os Bennets são suas conexões com o comércio, que, na verdade, é a fonte da riqueza dos Bingleys.

Caroline reforça os padrões exigidos às mulheres quando, em uma conversa em casa, o sr. Bingley diz-se maravilhado, pois todas as mulheres que ele conhece são prendadas: “They all paint tables, cover screens and net purses” (AUSTEN, 2007, p. 257)²⁹, mas o sr. Darcy não concorda com tal afirmação. Ele diz que só conhece meia dúzia de mulheres que são realmente prendadas o que é confirmado por Caroline, então Elizabeth afirma que o conceito de mulher prendada dele deve abranger muitas coisas. Diante da admissão do protagonista, Caroline, querendo sempre agradá-lo, faz uma lista ampla dessas exigências:

A woman must have a thorough knowledge of music, singing, drawing, dancing, and the modern languages, to deserve the word; and besides all this, she must possess a certain something in her air and manner of walking, the tone of her voice, her address and expressions, or the word will be but half-deserved (AUSTEN, 2007, p. 257)³⁰.

Na realidade, a rival de Elizabeth quer deixar claro que ela se encaixa em todos esses quesitos, ou seja, é uma mulher prendada, ideal para se casar com o sr. Darcy, mas através destes itens se vê que eram exigidos das mulheres um alto nível de conhecimento e vários talentos, caso contrário, não eram consideradas boas o suficiente para frequentarem a alta sociedade da Inglaterra Regencial. Caroline reforça esses padrões patriarcais, mostrando que algumas mulheres estavam dispostas a abrir mão de seus próprios desejos para fazer a vontade dos homens.

É bem notável a diferença entre Caroline e Elizabeth, pois a heroína diante de tudo o que foi dito não fica abalada por não seguir essas regras, e comenta ironicamente: “I am no longer

²⁹ “– Todas elas pintam mesas, forram biombos e fazem bolsas de malha” (AUSTEN, 2020d, p. 48).

³⁰ “– [Uma mulher] deve ter um conhecimento profundo da música, do canto, do desenho, da dança e dos idiomas modernos para merecer a qualificação; e, além de tudo isso, deve possuir algo no modo de ser e na maneira de caminhar, no tom de voz, no trato e nas expressões, para que a palavra seja merecida senão em parte” (AUSTEN, 2020d, p. 49; o acréscimo é meu).

surprised at your knowing *only* six accomplished women. I rather wonder now at your knowing *any*” (AUSTEN, 2007, p. 257; o grifo é da autora)³¹, deixando claro que não se encaixa e nem está preocupada em adequar-se às exigências que a sociedade patriarcal impunha às mulheres, mas mostrando o desprezo que sente por este tipo de atitude.

Austen apresenta em cada personagem feminina uma situação específica, denuncia a opressão que elas deviam suportar – e que muitas vezes era causada por certas mulheres que, talvez inconscientemente, também oprimiam seus pares –, no entanto, a maioria se via obrigada a se dobrar diante dos padrões machistas e patriarcais que predominavam naquele período, já que dependiam inteiramente de uma figura masculina para terem a segurança financeira necessária. A autora, em *Orgulho e preconceito*, deu voz e vez a todas elas, desde a mãe preocupada com o futuro das filhas e por isso pensando sempre no casamento delas: a sra. Bennet; a mulher já considerada madura e que sente ser um peso para a família e assim aceita casar-se mesmo sem amor: Charlotte. Há ainda a personagem Lydia, que representa ao mesmo tempo a liberdade em relação às regras de comportamento, mas também certo desvario e obsessão pelo casamento.

4.3 A hipocrisia da sociedade inglesa retratada em *Orgulho e preconceito*

A palavra hipocrisia chegou à língua portuguesa através do grego ὑποκρισία (*hypokrisía*). Este termo, em sua língua original, tem vários significados: resposta, réplica, recitação, declamação, e por fim, fingimento, dissimulação. Portanto, o hipócrita, a princípio, estava intimamente ligado à interpretação teatral, como salienta S. Rodrigues (2022, s. p.), colunista do site da *Revista Veja*, no artigo *O hipócrita nasceu no palco*, o vocábulo “veio do grego e designava, [...], apenas um ator, um comediante, um histrião, sem as conotações intensamente negativas – de falsidade, dissimulação, fingimento – [...]. Ou melhor: o fingimento estava lá, mas era exercido em nome de uma causa nobre, a de entreter o público”.

Assim como a palavra hipocrisia tem vários sentidos, também o termo grego *hypocrités* (ὑποκριτής) possui diversas definições: ator, declamador, orador, intérprete de sonhos ou visões, mas significa igualmente dissimulado, hipócrita. Da mesma forma que um único ator no teatro, na

³¹ “– Já não estou surpresa por você conhecer *só* seis mulheres prendadas. Meu espanto agora é por você conhecer *tantas*” (AUSTEN, 2020d, p. 49).

antiguidade, interpretava vários personagens somente mudando a máscara, as roupas e a voz, o hipócrita age de acordo com as circunstâncias, raramente revelando o seu verdadeiro caráter, mas sempre tentando mostrar aquilo que não é.

Em relação ao tema da hipocrisia em *Orgulho e preconceito*, B. Treitl, no artigo *The Moral Imperative in the Nineteenth Century Novel of Manners: Social Criticism in Jane Austen's Pride and Prejudice and Henry James's Daisy Miller*, afirma que a escritora inglesa inclui no romance uma infinidade de personagens que não são o que parecem e que:

Não é improvável que a hipocrisia deles se deva, pelo menos em parte, às convenções sociais da época, que defendiam a civilidade em um grau tão extremo que muitas vezes resultava em superficialidade. Austen retrata esses personagens que são educados em público, mas rudes no privado de maneira negativa (2022, p. 18)³².

O maior exemplo de hipocrisia da obra é Wickham, já que todos da cidade, inclusive Elizabeth, se encantam com o charme, as boas maneiras, a simpatia que ele demonstra ter, mas no final do livro, se depara com o verdadeiro caráter dele. A protagonista é enganada pela boa aparência e modos amigáveis do rapaz, mas descobre quem realmente ele é após fugir com a irmã da heroína, Lydia, deixando atrás de si dívidas e um grande escândalo. Enfim, Lizzy percebe que: “he has been profligate in every sense of the word. [...] he has neither integrity nor honour. [...] he is as false and deceitful, as he is insinuating” (AUSTEN, 2007, p. 406)³³.

Além de Wickham, também Lady Catherine de Bourgh é um dos maiores exemplos de hipocrisia em *Orgulho e preconceito*, pois sendo um membro da alta classe britânica se espera que seja uma pessoa fina e requintada, no entanto, ainda que queira demonstrar ter sido bem educada, ela sempre age de maneira rude. Essa personagem mostra que Austen não via com bons olhos a aristocracia e que ocupar um lugar de prestígio na sociedade não tem nada a ver com as boas maneiras. Devido ao status social que tem, a personagem se considera uma mulher franca e sincera, mas, de fato, ela se dá o direito de ser grosseira e arrogante, principalmente na presença de pessoas de classe inferior à dela, jamais aceitando ser contrariada, pois, segundo ela: “My character has ever been celebrated for its sincerity and frankness” (AUSTEN, 2007, p. 450)³⁴. Ela faz tal

³² “It is not unlikely that their hypocrisy is at least partially due to the societal conventions of the day, which advocated civility to such an extreme degree that it often resulted in superficiality. Austen portrays these characters who are polite in public but rude in private in a negative manner”.

³³ “– [...] ele tem sido um devasso, no sentido mais forte da palavra; [...] não tem nem integridade nem honra; [...] é uma pessoa tão falsa e mentirosa quanto insinuante” (AUSTEN, 2020d, p. 310).

³⁴ “– Meu caráter sempre foi prezado [sic] pela sinceridade e franqueza [...]” (AUSTEN, 2020d, p. 384).

afirmação quando vai à casa de Elizabeth para investigar a respeito do casamento da jovem com o sobrinho, o sr. Darcy, e como sempre age de forma pedante, exigindo resposta a suas perguntas. Para ela, sinceridade e franqueza são sinônimos de falta de educação, quando, na verdade, alguém pode ser sincero e polido ao mesmo tempo, sem ferir os sentimentos alheios. A hipocrisia está no fato de que ela não gosta de ser questionada sobre nada, mas quer que todos deem satisfação a ela sobre tudo, além do mais, gosta de ser bem tratada e bajulada, porém, é sempre ríspida e rude, geralmente dando opiniões sobre assuntos que não lhe competem.

No momento em que o sr. Darcy e o primo, o Coronel Fitzwilliam, partem de Rosings, Lady Catherine manifesta seu desalento ao ver os sobrinhos irem embora: “I believe no one feels the loss of friends so much as I do. But I am particularly attached to these young men, and now them to be so much attached to me!” (AUSTEN, 2007, p. 363)³⁵. Entretanto, ela está sendo hipócrita, pois só sente a falta dos rapazes porque são parentes e também por terem uma posição social alta, mas com muita probabilidade, não se queixaria da ausência se os amigos tivessem uma posição social menor, como os Collins, por exemplo.

Outro momento em que sua Senhoria manifesta a hipocrisia é quando percebe que Elizabeth e o Coronel Fitzwilliam estão conversando sobre música, e então exclama: “I must have my share in the conversation if you are speaking of music. There are few people in England, I suppose, who have more true enjoyment of music than myself, or a better natural taste” (AUSTEN, 2007, p. 340)³⁶. Essa afirmação dá a entender que tem um profundo conhecimento musical, mas, na realidade, ela não aprendeu a tocar nenhum instrumento e nem mesmo a filha, segundo ela mesma afirma: “If I had ever learnt, I should have been a great proficient. And so would Anne, if her health had allowed her to apply. I am confident that she would have performed delightfully” (AUSTEN, 2007, p. 340)³⁷. Apesar disso, exige que outras mulheres, como Elizabeth e Georgiana Darcy, saibam tocar bem, reivindicando das outras pessoas um conhecimento que não tem. Seu fascínio pela música não é tão grande quanto ela diz, pois: “Lady Catherine listened to half a song, and then talked, as before, to her other nephew [Mr. Darcy]; till the latter walked away from her, [...]”

³⁵ A tradução é minha: “Acredito que ninguém sinta a perda de amigos tanto quanto eu. Mas sou particularmente apegada a esses jovens, e agora eles estão tão apegados a mim!”

³⁶ “– Devo participar da conversa, se estiverem falando de música. Creio que há poucas pessoas na Inglaterra que apreciem mais a música do que eu ou que tenham um bom gosto natural tão pronunciado” (AUSTEN, 2020d, p. 194).

³⁷ “– Se eu tivesse estudado, teria sido uma grande entendida. E o mesmo se pode dizer de Anne, se a saúde lhe tivesse permitido aplicar-se. Tenho certeza de que ela teria tocado maravilhosamente” (AUSTEN, 2020d, p. 194)

(AUSTEN, 2007, p. 341; o acréscimo é meu)³⁸.

Mas eles não são os únicos personagens hipócritas no romance, há ainda as irmãs Bingley, a sra. Hurst e Caroline. Quando Elizabeth vai à casa delas por um tempo para cuidar da irmã Jane – que, após receber convite para um jantar, pega um forte resfriado e é obrigada a permanecer ali até a total recuperação – ambas agem de forma cortês diante das visitantes, porém longe delas, se comportam de maneira grosseira falando mal dos Bennets: “[They] indulged their mirth for some time at the expense of their dear friend’s [Jane’s] vulgar relations. With a renewal of tenderness, however, they returned to her room on leaving the dining-parlour, and sat with her till summoned to coffee” (AUSTEN, 2007, p. 255-256; o acréscimo é meu)³⁹. O trecho retrata, além da hipocrisia, a discriminação existente na Inglaterra Regencial, já que os Bennets, que estão abaixo dos Bingleys socialmente falando, são vilipendiados pela sra. Hurst, ainda que ela diga ter uma grande consideração por Jane, afirma que esta não conseguiria um bom matrimônio por causa da família: “But with such a father and mother, and such low connections, I am afraid there is no chance of it” (AUSTEN, 2007, p. 255)⁴⁰. Diante deste comentário e após as gargalhadas das irmãs, o sr. Bingley defende as Bennets, afirmando que isso não as torna menos encantadoras, ao que o sr. Darcy responde: “But it must very materially lessen their chance of marrying men of any consideration in the world” (AUSTEN, 2007, p. 255)⁴¹. Em outras palavras, as jovens daquele período estavam fadadas a viverem sempre na mesma condição financeira, já que não tinham chance de conseguir um casamento com alguém de um nível social mais alto, se não gozasse de um parentesco com relações relevantes.

Caroline também demonstra o quanto é hipócrita ao afirmar que Elizabeth tem atitudes reprováveis para uma dama, já que tenta atrair a atenção dos homens para si: “‘Eliza Bennet,’ said Miss Bingley, when the door was closed on her, ‘is one of those young ladies who seek to recommend themselves to the other sex, by undervaluing their own; and with many men, I dare say, it succeeds. But, in my opinion, it is a paltry device, a very mean art’” (AUSTEN, 2007,

³⁸ “Lady Catherine ouviu metade de uma canção e então começou a falar, como antes, com seu outro sobrinho [o sr. Darcy]; até que este se afastasse dela [...]” (AUSTEN, 2020d, p. 195).

³⁹ “[Elas] deram rédea solta à sua hilaridade por certo tempo, à custa dos parentescos vulgares da querida amiga [Jane]. Com renovada ternura, porém, elas voltaram ao quarto de Jane ao deixarem a sala de jantar, e permaneceram com ela até serem chamadas para o café” (AUSTEN, 2020d, p. 46).

⁴⁰ “– Mas com esse pai e essa mãe, e com parentes tão baixos, receio que sejam poucas as suas possibilidades de sucesso” (AUSTEN, 2020d, p. 46).

⁴¹ “– Mas isso deve reduzir substancialmente as suas possibilidades de se casarem com homens respeitáveis da sociedade [sic]” (AUSTEN, 2020d, p. 46).

p. 258)⁴². Contudo, a acusação se encaixa mais no comportamento de Caroline, já que ela faz exatamente aquilo que está acusando a rival, pois ao reclamar que a protagonista está tentando subestimar o próprio sexo para parecer mais importante diante dos homens – embora Lizzy não esteja fazendo tal coisa –, ela mesma está desvalorizando outra mulher para ganhar a atenção do sr. Darcy, ou seja, de um homem. E em várias passagens do romance, usa esta artimanha: despreza Elizabeth e os Bennets diante do sr. Darcy para se valorizar mais.

Outra hipócrita do romance é a sra. Bennet, já que aponta falhas de caráter em outras pessoas, mas não percebe que comete os mesmos erros. Por exemplo, quando irritada porque o sr. Bennet não tinha visitado o sr. Bingley ainda, Elizabeth diz à mãe que elas iriam encontrar o jovem nas festas e que a sra. Long prometeu apresentá-las a ele, contudo, a senhora não fica calada e acrescenta que: “I do not believe Mrs. Long will do any such thing. She has two nieces of her own. *She is a selfish, hypocritical woman*, and I have no opinion of her” (AUSTEN, 2007, p. 237; o grifo é meu)⁴³. É notório que as características que ela usa para descrever a vizinha se encaixam nela: *egoísta*, porque está preocupada em casar as próprias sobrinhas, assim como é o desejo da mãe de Lizzy em relação às filhas e *hipócrita*, porque promete algo que provavelmente, segundo a opinião da sra. Bennet, não irá cumprir, isto é, apresentar o sr. Bingley para as Bennets, coisa que também ela faria com grande probabilidade: prometer apresentar um jovem rico às vizinhas e não cumprir.

Novamente a sra. Bennet mostra sua hipocrisia, pois considera o sr. Collins culpado pela perda do imóvel onde eles moram, diz inclusive que ele é hipócrita, afirmando detestar esses falsos amigos (AUSTEN, 2007, p. 271-272), pois a casa está vinculada a ele, conforme era o costume no período, já que segundo a Lei Sállica, após a morte do pai, as filhas não podem receber a herança, sendo transmitida para um familiar do sexo masculino. Porém, percebe-se o quanto ela é hipócrita, pois ao conversar com o clérigo a respeito da situação, afirma que: “It is a grievous affair to my poor girls, you must confess. Not that I mean to find fault with *you*, for such things I know are all chance in this world” (AUSTEN, 2007, p. 273; o grifo é da autora)⁴⁴. Todavia, no início do capítulo, ela pede ao sr. Bennet que: “Pray do not talk of that odious man” (AUSTEN, 2007, p. 271)⁴⁵,

⁴² “– Eliza Bennet – disse a srta. Bingley, quando a porta se fechou atrás dela – é uma dessas mocinhas que procuram chamar para si a atenção do outro sexo menosprezando o seu próprio; e com muitos homens, tenho certeza, isso dá certo. Mas na minha opinião trata-se de um truque baixo, um stratagema sórdido” (AUSTEN, 2020d, p. 49-50).

⁴³ “– Não creio que a sra. Long faça isso. Ela tem duas sobrinhas, *é egoísta e hipócrita*. Não tenho boa opinião sobre ela” (AUSTEN, 2020d, p. 12).

⁴⁴ “– O senhor há de admitir que foi um duro golpe contra as coitadas das minhas filhas. Não que eu ache que a culpa é *sua*, pois sei muito bem que essas coisas são questão de sorte [sic]” (AUSTEN, 2020d, p. 78).

⁴⁵ “– Por favor, não fale desse homem odioso” (AUSTEN, 2020d, p. 75).

demonstrando que o sr. Collins é *persona non grata* na família, já que deixará todas sem amparo ao tomar posse da Longbourn House, mas ao conversar com ele, em um primeiro momento, manifesta simpatia, ainda que o veja como responsável pela má sorte delas.

Austen não poupa nenhum dos personagens, pois a irmã mais velha de Lizzy, Jane, também tem seu momento hipócrita. Elizabeth a acusa de ser ingênua, já que tem a tendência, em geral, de gostar das pessoas, de não ver defeito em ninguém e ainda afirma nunca ter ouvido a jovem falar mal de alguém. Jane, porém, se defende dizendo que: “I would not wish to be hasty in censuring anyone; but I always speak what I think” (AUSTEN, 2007, p. 242)⁴⁶. A hipocrisia se dá no fato de que Jane, ainda que afirme falar o que pensa, não manifesta seus afetos em relação ao sr. Bingley quando devia fazê-lo, o que levou o sr. Darcy a dissuadi-lo de se casar com a jovem.

Também Elizabeth Bennet tem uma dose de hipocrisia no romance. No baile oferecido pelos Bingleys em Netherfield, os protagonistas dançam juntos pela primeira vez e durante a dança, após um período de silêncio, falam sobre vários assuntos, desde coisas banais até argumentos mais sérios, como Wickham, desafeto do sr. Darcy, mas admirado por Lizzy naquele momento. A certo ponto, a protagonista questiona o cavalheiro: “And never allow yourself to be blinded by prejudice?” (AUSTEN, 2007, p. 292)⁴⁷ e ele responde que espera que não, então a jovem completa o raciocínio dizendo: “It is particularly incumbent on those who never change their opinion, to be secure of judging properly at first” (AUSTEN, 2007, p. 292)⁴⁸. Aqui se manifesta seu lado hipócrita, já que orienta o sr. Darcy para não julgar alguém baseado no preconceito ou em primeiras impressões, mas foi exatamente isso que ela fez em relação a ele e Wickham.

Jane Austen, em *Orgulho e preconceito*, através dos personagens, retrata e denuncia a hipocrisia e discriminação existentes na Inglaterra Regencial, principalmente entre aqueles que são da alta classe, pertencentes à pequena nobreza rural, que, embora tentem mostrar requinte e elegância, são pessoas reprováveis e, muitas vezes, a romancista os critica de forma incisiva, sem perder o humor e a ironia que lhe são característicos, demonstrando assim a insatisfação com a situação vivida pelas mulheres, que tinham que se sujeitarem a regras machistas e patriarcais, mas denunciando também a arrogância e o desprezo do mais ricos contra as classes mais baixas, menos privilegiadas.

⁴⁶ “– Não gostaria de ser precipitada ao censurar alguém; mas sempre digo o que penso” (AUSTEN, 2020d, p. 22).

⁴⁷ “– E nunca se deixa cegar pelo preconceito?” (AUSTEN, 2020d, p. 110).

⁴⁸ “– É especialmente importante para os que jamais mudam de opinião ter certeza de que seu primeiro juízo esteja correto” (AUSTEN, 2020d, p. 110).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na página 72, *Orgulho e preconceito* inicia com a tradicional sagacidade irônica de Austen: “It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife” (AUSTEN, 2007, p. 235)¹. Nessa afirmação, ela mostra tudo o que vê de errado na sociedade da época relativamente a dinheiro, casamento e mobilidade social. Casamento ainda era uma proposição econômica entre as classes média e alta da Inglaterra, já que se casava por dinheiro ou para se receber um título de nobreza. Era uma negociação, não um romance, uma forma de acumular riqueza. Na narrativa, Austen defende o casamento por amor, independentemente da barreira social, mas também analisa a única escolha verdadeira que a maioria das mulheres podia fazer na vida: com quem se casariam, e às vezes nem isso lhes era concedido. Em um período no qual as mulheres não podiam herdar propriedades e eram forçadas a serem dependentes dos maridos, a escritora mostrou os interesses envolvidos nas conversas de salão e nos saraus noturnos. Um mundo onde estabilidade financeira ou pobreza poderia depender de um baile ou um chá da tarde.

Conforme argumenta, em *Quando o “final feliz” é o casamento: uma leitura comparativa de Orgulho e preconceito e Cinderela*, A. M. Ferreira, este primeiro parágrafo da obra demonstra que a pressão para o casamento não estava direcionada só para as mulheres, mas, da mesma forma, os homens solteiros e bem estabelecidos financeiramente eram aconselhados a encontrar uma esposa: “Esta sentença também oferece um esboço para a trama, que se preocupa em [sic] personagens femininas em busca de bons casamentos, qualquer homem solteiro com alguma fortuna é bom candidato” (2019, p. 19).

Jane Austen viu, e denunciou no romance, a hipocrisia de uma classe inteira do império mais poderoso do mundo tomar chá e planejar bailes enquanto o mundo estava em guerra e, desde muito jovem, ela usou a única arma que tinha em mãos: a escrita, e tudo era um tema válido para ela: escravidão, pobreza, feminismo, casamento, igreja, aristocracia. Ou seja, Austen desafiou uma sociedade hipócrita e preconceituosa, mostrando que as mulheres têm seu valor e não necessitam de homem algum para viverem e que deveriam buscar sua liberdade, como faz Elizabeth Bennet no romance.

¹ “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa” (AUSTEN, 2020d, p. 9).

Austen, conforme demonstrado, pode ser considerada uma profeminista, pois em uma época em que certos assuntos eram descartados ou simplesmente não discutidos, viu a necessidade de falar deles como realmente eram e mulheres naquele período não tinham efetivamente permissão para serem escritoras, não só em um sentido literal – já que não podiam legalmente assinar contratos –, mas também culturalmente falando, pois publicar um livro sobre certos assuntos sob o nome de Austen poderia ser a ruína social dela; pois mulheres não deveriam manifestar opiniões contrárias às ideias machistas e patriarcais de então. Todavia, a romancista foi mestra na arte da ironia e usou o humor para enfrentar assuntos sérios de forma realista e, ao fazer isso, ajudou a criar o realismo literário. Na época de Austen, o governo poderia punir seriamente críticos, no entanto, ela escreveu livros ambientados no seu tempo, criticando problemas de seu período. Em *Orgulho e preconceito*, a autora descreve, de forma realista, como as mulheres viviam na sociedade inglesa dos séculos XVIII-XIX. Elas não tinham ambições em relação ao trabalho, as senhoras simplesmente passavam o tempo conversando, lendo poesias, escrevendo cartas, cantando ou tocando piano. Os bailes eram considerados uma importante ocasião para se encontrar um marido. Para se ter um lugar respeitável na sociedade, uma mulher deveria se casar com um homem de prestígio, mas para muitas delas um bom e conveniente casamento era a única escapatória – ainda que o amor não existisse entre o casal – já que não tinham direito à herança paterna, devendo esta ser passada para um parente próximo do sexo masculino. Em geral, casava-se com alguém pertencente à própria classe, seguindo rigorosamente a rigidez das camadas sociais, já que se casar com uma pessoa de outra condição poderia criar problemas. Por exemplo, R. Colasante (2008, s. p.), especialista em Jane Austen, na entrevista concedida à *Gazeta do Povo*, afirma que a romancista, a exemplo de suas heroínas, também vivenciou o fato de ser mulher que não possuía herança sendo obrigada a buscar um bom casamento ou viver dependendo da família: “Dentro de uma sociedade em que a mulher não tem muito poder de escolha e precisa do casamento para garantir sua própria sobrevivência e posição social, é admirável, de fato, que a autora tenha escolhido não se casar para seguir uma carreira literária”.

Austen, em *Orgulho e preconceito*, consegue descrever o ambiente social da pequena nobreza rural da Inglaterra entre o final do século XVIII e o início do século XIX e retratar as pessoas assim como eram, com os modos e costumes próprios do período. Os protagonistas do romance pertencem à família Bennet, composta pelo pai, mãe e cinco filhas: Jane, Elizabeth/Lizzy, Mary, Catherine/Kitty e Lydia. Elizabeth é, particularmente, a figura fundamental – e para alguns

críticos, a representação da própria autora, o *alter ego* – uma vez que encarna o ideal de inteligência e maturidade muito querido pela escritora.

Elizabeth é espirituosa, perspicaz e de mente independente com um forte senso do próprio valor. Possuidora de uma sagacidade aguda, não tem medo de falar o que pensa, é capaz de manter facilmente qualquer tipo de conversa, com qualquer pessoa, e não deixa ninguém desprezá-la. É sensata, firme e confiável, e por isso, a favorita do sr. Bennet, mas tem também um vívido senso de humor e uma disposição jocosa, que se alegra com qualquer coisa ridícula (POPLAWSKI, 1998, p. 79). Elizabeth Bennet é a expressão de como deve ser uma mulher para Jane Austen: inteligente, corajosa, íntegra, dona de si mesma, a tal ponto que atrai a atenção do sr. Darcy. No início, o relacionamento entre os dois não é fácil, pois as barreiras sociais se impõem. De um lado, há o *orgulho* do sr. Darcy, que sofre um golpe terrível quando percebe que está apaixonado por uma mulher de classe social inferior e com uma parentela considerada tão pouco digna; de outro, existe o *preconceito* de Elizabeth em relação ao homem que, em um primeiro momento, a tinha considerado apenas suportável: “She is tolerable; but not handsome enough to tempt *me*” (AUSTEN, 2007, p. 240; o grifo é da autora)² e que depois a pediu em casamento de uma forma desrespeitosa e nada elegante. Ambos, porém, no decorrer da narração, amadurecem interiormente, mudam de opinião e tornam-se cômicos dos próprios erros. D. Aschkenes (2020, s. p.), no artigo *Historical Context for Pride and Prejudice by Jane Austen*, afirma que Elizabeth é um arquétipo das mudanças na vida das mulheres, que aconteceram no fim do século XVIII, já que não sendo financeiramente independente, sem direito à herança paterna, depende realmente de um bom casamento para garantir um futuro mais tranquilo: “Como vemos no romance, as questões de posse e herança de terras estavam intimamente ligadas ao cortejo e ao casamento”³. Salienta que no final do século XVIII, as concepções de família e o papel das mulheres começam a mudar na Inglaterra, enquanto que a cultura britânica se tornava sempre mais focada na concentração da riqueza na família e uma forma para se acumular capital rapidamente era através de casamentos vantajosos. Ressalta ainda que a posição das filhas na família mudou, já que se tornaram o meio através do qual eles poderiam obter uma riqueza maior: “Aspirações familiares, unidas à crescente dependência das mulheres a respeito do casamento para a sobrevivência financeira, fez do cortejo

² “É suportável, mas não bonita o bastante para *me* animar” (AUSTEN, 2020d, p. 18).

³ “As we see in the novel, questions of land ownership and inheritance are closely interlinked with courtship and marriage”.

o foco central da vida das mulheres”⁴. Argumenta, finalmente, que Elizabeth Bennet é um paradigma das transformações conflitantes nos papéis das mulheres, que ocorreram no final do século XVIII: “Deserdada da propriedade de seu pai, Elizabeth não é financeiramente independente, e, de fato, depende de um casamento vantajoso para sua sobrevivência futura”⁵.

A breve vida e carreira da autora coincide em parte com uma das eras mais transformadoras da história britânica, marcada por revoluções externas e turbulências internas. A assinatura da Declaração de Independência das colônias britânicas na América, em 1776, ou seja, um ano após o nascimento de Austen, assinalou o início da Revolução Americana – que é fruto dos ideais iluministas –, seguida pelo começo da Revolução Francesa em 1789. Durante as duas décadas seguintes, a Inglaterra empenhou-se ininterruptamente nas guerras revolucionárias e napoleônicas de 1793 a 1815, sendo dois dos mais significantes conflitos na história inglesa:

Estendendo-se por mais de vinte e dois anos, a guerra da Grã-Bretanha com a França afetou cada nível da sociedade britânica. [...]. Embora a zona rural na qual os romances de Austen são estabelecidos parece bem diferente do tumulto do período, o mundo de *Orgulho e preconceito* traz traços da desordem exterior. [...]. A presença das tropas em Brighton e dos oficiais do batalhão, como Wickham, reflete preocupações maiores sobre o lugar do exército na sociedade civil inglesa (ASCHKENES, 2020, s. p.)⁶.

Além dos tumultos externos, as transformações internas também aconteciam e mexiam com a sociedade inglesa, como a mudança de monarca. Jane Austen escreveu parte dos romances e revisou todos eles dentro do período conhecido como Regencial (1811-1820). Este período é importante também devido às formas nas quais a arte e a arquitetura se desenvolveram e, na linha do tempo da história, este período ocorre logo após o final da Revolução Francesa e um pouco antes do início da Revolução Industrial na Europa.

Segundo o site do *British Council* (2020, s. p.), nomeadamente o artigo *Pride and Prejudice and the regency world*, a política na Europa estava frequentemente nos jornais da época em que Jane Austen viveu, mas ela optou por não mencionar muito desses eventos nos livros que escreveu: “Em vez disso, seu foco estava em escrever sobre aspectos dos relacionamentos comuns através de

⁴ “Familial aspirations, coupled with women’s increased dependence on marriage for financial survival, made courtship a central focus of women’s lives”.

⁵ “Disinherited of her father’s property, Elizabeth is not financially independent, and in fact depends upon an advantageous marriage for her future survival”.

⁶ “Stretching over twenty-two years, Britain’s war with France affected every level of British society. [...]. Though the rural countryside in which Austen’s novels are set seems at a far remove from the tumultuousness of the period, the world of *Pride and Prejudice* bears the traces of turmoil abroad. [...]. The presence of the troops at Brighton and militia officers like Wickham reflect wider concerns about the place of the military in English civil society”.

diferentes classes de pessoas, desde aquelas com rendimentos modestos até aquelas que eram muito ricas”⁷. Aparentemente, Austen manteve-se indiferente aos grandes acontecimentos históricos da época e à efervescência social daqueles anos, contudo, parodiou, com traços caricaturais de uma leveza esplêndida, os vícios e as modas daquele tempo. Na realidade, ela escreveu sobre a situação sociopolítica britânica, não de forma explícita, mas trazendo referências, que foram compreendidas pelos leitores dos séculos XVIII-XIX, e que hoje só são entendidas a partir do conhecimento daquele momento histórico específico.

Em *Orgulho e preconceito*, além da heroína Elizabeth Bennet, Jane Austen conta a história de outras mulheres, que representam as mulheres reais da sociedade inglesa. Elas retratam a dificuldade que tinham que enfrentar em uma sociedade patriarcal e, na maioria das vezes, misógina. Austen apresenta a mulher que se vê obrigada a casar para não ser um peso para a família, como Charlotte Lucas; a que é obcecada pela ideia de casamento e vive a procura de um marido, como Lydia Bennet – embora esta também tem uma liberdade de espírito fora do comum para a época –, ainda há as mulheres, que agem, ainda que inconscientemente, em favor das ideias machistas, impondo sobre outras mulheres esses padrões extremamente exigentes, como as irmãs Bingley e Lady Catherine de Bourgh.

A genialidade, sagacidade e inteligência de Austen são percebidas em *Orgulho e preconceito*, que, além de ser uma história envolvente, reporta a sociedade inglesa da época. A ironia, marca constante na obra, não torna a história cansativa, mas ao contrário, traz uma leveza que só o humor austeniano conseguiria transmitir. A romancista ainda denuncia, de forma satírica e divertida, a hipocrisia de uma elite que vivia somente de aparências, e que se achava superior, porém que carecia de princípios sólidos e somente baseava tudo no status social, nas posses e nas relações, que quase sempre envolviam o interesse financeiro.

⁷ “Instead, her focus was on writing about aspects of ordinary relationships across different classes of people, from those with modest incomes to those who were quite wealthy”.

REFERÊNCIAS

ACQUILINO, T. **“Orgoglio e pregiudizio”**: quando il vero amore supera le convenzioni. Disponível em: <<http://www.blogtaormina.it/2014/02/24/orgoglio-e-prejudizio-quando-il-vero-amore-supera-le-convenzioni/178758/>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

ALMEIDA FERNANDES, A. de. **Lei sálica**. Disponível em: <https://www.genealogiahistoria.com.br/index_historia.asp?categoria=4&categoria2=4&subcategoria=325>. Acesso em: 1º set. 2021.

ANDRADE, M. Q. **A atitude contestadora de Elizabeth Bennet frente à sociedade do século XIX em Orgulho e preconceito**. 2013. 65 f. TCC (Licenciatura em Letras) – Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/8998>>. Acesso em: 5 set. 2021.

APPEL, P. A. Funhouse Mirror of Law: The Entailment in Jane Austen’s *Pride and Prejudice*. **Georgia Journal of International and Comparative Law**, v. 41, n. 3, p. 609-636, 2013. Disponível em: <https://digitalcommons.law.uga.edu/fac_artchop/959/>. Acesso em: 01 set. 2022.

ASCHKENES, D. **Historical Context for Pride and Prejudice by Jane Austen**. Disponível em: <<https://www.college.columbia.edu/core/node/1765>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

AUSTEN, J. **A Abadia de Northanger**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 1. reimpr. São Paulo: Martin Claret, 2020a.

AUSTEN, J. **Emma**. Tradução Adriana Sales Zardini. 1. reimpr. São Paulo: Martin Claret, 2020b.

AUSTEN, J. **Lady Susan, Os Watson, Sanditon**. Tradução Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2018a.

AUSTEN, J. **Lady Susan**. Tradução Doris Goettens. 3. reimpr. Ed. bilíngue. São Paulo: Landmark, 2020c.

AUSTEN, J. **Mansfield Park**. Tradução Alda Porto. São Paulo: Martin Claret, 2018b.

AUSTEN, J. **Orgulho e preconceito**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3. reimpr. São Paulo: Martin Claret, 2020d.

AUSTEN, J. **Persuasão**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3. reimpr. São Paulo: Martin Claret, 2020e.

AUSTEN, J. **Razão e sensibilidade**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3. reimpr. São Paulo: Martin Claret, 2020f.

AUSTEN, J. **Sanditon**. Tradução Fábio Meneses Santos. Jandira: Principis, 2021.

AUSTEN, J. **The Complete Novels of Jane Austen**. Canterbury: Canterbury Classics, 2007.

AUSTEN, J.; BRONTË, C. **Juvenília**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AUSTEN-LEIGH, J. E. **Uma memória de Jane Austen**. Tradução Stephanie Savalla e José Loureiro. Vitória: Pedrazul, 2021.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BETTS, J. **Exploring the Difference Between Irony and Sarcasm**. Disponível em: <<https://grammar.yourdictionary.com/vs/irony-vs-sarcasm-types-and-differences.html>>. Acesso em: 26 maio 2022.

BRITISH COUNCIL. **Pride and Prejudice and the Regency World**. Disponível em: <<https://www.teachingenglish.org.uk/article/pride-prejudice-regency-world>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

BUTLER, M. **Jane Austen and the War of Ideas**. Oxford: Oxford University Press, 1988.

CANCIAN, R. **Bloqueio continental**: Napoleão proibiu comércio com a Inglaterra. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/bloqueio-continental-napoleao-proi-biu-comercio-com-a-inglaterra.htm>>. Acesso em: 1º jun. 2021.

COLASANTE, R. Não ao casamento, sim à escrita. **Gazeta do povo**, Curitiba, ago 2008. Entrevista concedida a Luciana Romagnoli. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/nao-ao-casamento-sim-a-escrita-b5jfvvbkw10tw74vlyrmup07i/>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

FERNANDES, C. **Napoleão Bonaparte**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/napoleao-bonaparte.htm#:~:text=A%20Fase%20do%20Consulado&text=Essa%20fase%20resultou%20de%20um,um%20governo%20forte%20e%20centralizador.>>. Acesso em: 28 maio 2021.

FERREIRA, A. B. de H. Ironia. In: FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: Dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, A. M. **Quando o “final feliz” é o casamento: uma leitura comparativa de *Orgulho e preconceito* e *Cinderela***. 2019. 43 f. TCC (Graduação em Letras), Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1483/1/ALINNE%20FERREIRA-TCC-LETRAS.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

FORDYCE, J. **Sermons to Young Women**. 14. ed. Londres: T. Cadell and W. Davies, 1814. vol. I.

FOX, R. C. Elizabeth Bennet: Prejudice or Vanity? **Nineteenth-Century Fiction**, v. 17, n. 2, p. 185-187, set. 1962. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2932520>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

GABRIEL, R. de S. **Sor Juana Inés de la Cruz, uma feminista barroca**. Disponível em: <<https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2018/01/sor-juana-ines-de-la-cruz-uma-feminista-barroca.html>>. Acesso em: 6 out. 2021.

GIORDANO, A. A. **La condizione della donna nell’Inghilterra del XVIII secolo**. Disponível em: <<http://www.noidonne.org/articoli/la-condizione-della-donna-nellinghilterra-del-xviii-secolo-02222.php>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

GOETTEMS, D. Prefácio. In: AUSTEN, J. **Lady Susan**. Tradução Doris Goettems. 3. reimpr. Ed. bilíngue. São Paulo: Landmark, 2020c.

GRUNDY, I. Jane Austen and the Literary Traditions. In: COPELAND, E.; McMASTER, J. (ed.). **The Cambridge Companion to Jane Austen**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HALLINAN, C. **The Indomitable Female Fortress: Queen Elizabeth I**. Disponível em: <<https://www.womensmediacenter.com/fbomb/the-indomitable-female-fortress-queen-elizabeth-i>>. Acesso em: 10 out. 2021.

HARRIS, J. **A Revolution Almost beyond Expression: Jane Austen's Persuasion**. Newark: University of Delaware Press, 2007.

HAWKSLEY, E. **Jane Austen and the Napoleonic Wars**. Disponível em: <<http://elizabethhawksley.com/jane-austen-and-the-napoleonic-wars/>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

HEMINGWAY, C. **What Does Jane Austen Have in Common with Elizabeth Bennet?** Disponível em: <<https://www.femalefirst.co.uk/books/the-marriage-of-miss-jane-austin-collins-hemingway-885115.html>>. Acesso em: 3 mar. 2021.

JANE AUSTEN INFO. **Eloquements in Jane Austen's World**. Disponível em: <<https://janeausteninfo.wixsite.com/blog/single-post/2015/09/14/elopements-in-jane-austens-world>>. Acesso em: 29 set. 2021.

JANE AUSTEN SOCIETY OF ITALY. **Conoscere Jane Austen**. Disponível em: <<https://www.jasit.it/conoscere-jane-austen/>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

KALIL, M. **Critical Essays Women's Roles in Early Nineteenth-Century Britain**. Disponível em: <<https://www.cliffsnotes.com/literature/p/pride-and-prejudice/critical-essays/womens-roles-in-early-nineteenthcentury-britain>>. Acesso em: 2 mar. 2021.

LE FAYE, D. Chronology of Jane Austen's Life. In: COPELAND, E.; McMASTER, J. (ed.). **The Cambridge Companion to Jane Austen**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LE FAYE, D. Letters. In: TODD, J. (ed.). **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LIMA, J. D. de. **Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21**. Disponível em: <<https://>

www.nexojournal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-s%C3%A9culo-21>. Acesso em: 3 mai. 2022.

LYNCH, D. S. Sequels. In: TODD, J. (ed.). **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MOE, M. Charlotte and Elizabeth: Multiple Modernities in Jane Austen's *Pride and Prejudice*. **ELH**, Baltimore, v. 83, n. 4, p. 1075-1103, Inverno 2016. Disponível em: <<https://muse-jhu-edu.ez6.periodicos.capes.gov.br/article/640624>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MULDER, M. **Pride and Prejudice, by Jane Austen (1813)**. Disponível em: <<https://zsr.wfu.edu/2013/pride-and-prejudice-by-jane-austen-1813/>>. Acesso em: 5 fev. 2021.

MULLAN, J. **The Ball in the Novels of Jane Austen**. Disponível em: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/the-ball-in-the-novels-of-jane-austen>>. Acesso em: 30 set. 2021.

NEVES SILVA, D. **O que é feminismo?** Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-feminismo.htm>>. Acesso em: 4 out. 2021.

NEVES SILVA, D. **O que foi a queda da Bastilha?** Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-queda-bastilha.htm>>. Acesso em: 28 maio 2021.

OFFEN, K. Defining Feminism: A Comparative Historical Approach. **Signs**, Chicago, v. 14, n. 1, p. 119-157, Outono 1988. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3174664>>. Acesso em: 4 out. 2021.

PILCHER, J.; WHELEHAN, I. **Fifty Key Concepts in Gender Studies**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 2004.

PINE, F. Gender. In: BARNARD, A.; SPENCER, J. (ed.). **The Routledge Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology**. 2. ed. London; New York: Routledge, 2010.

PINTO, T. dos S. **Calendário revolucionário francês**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/calendario-revolucionario-frances.htm>>. Acesso em: 28 maio 2021.

PLATÃO. **A república**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 15. ed. Lisboa: Calouste

Gulbenkian, 2017.

POOVEY, M. From Politics to Silence: Jane Austen's Nonreferential Aesthetic. In: JOHNSON, C. L.; TUIITE, C. (ed.). **A Companion to Jane Austen**. West Sussex: Blackwell Publishing, 2009.

POPLAWSKI, P. **A Jane Austen Encyclopedia**. Westport: Greenwood Press, 1998.

PUGA, R. M. **O Essencial sobre o Romance Histórico**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

RODRIGUES, S. **O hipócrita nasceu no palco**. Disponível em: <[ROSS, J. **Jane Austen: A Companion**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2003.](https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/o-hipocrita-nasceu-no-palco/#:~:text=Todos%20os%20fil%C3%B3logos%20concordam%20sobre,e%20modos%20de%20uma%20pessoa%E2%80%9D.> . Acesso em: 10 ago. 2022.</p></div><div data-bbox=)

ROUSSEAU, J-J. **Emílio ou da educação**. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

RUSSELL, G. The Army, the Navy, and the Napoleonic Wars. In: JOHNSON, C. L.; TUIITE, C. (ed.). **A Companion to Jane Austen**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.

SANTANA, A. L. **Alter ego**. Disponível em: < <https://www.infoescola.com/literatura/alter-ego/>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SCHEUERMANN, M. The World of Jane Austen. In: SCHEUERMANN, M. **Reading Jane Austen**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

SILVA, C. **Plano de aula**: a comédia de costumes no Brasil e a construção do texto dramático “O Judas em sábado de aleluia” (Martins Pena). Disponível em: <<https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/8ano/lingua-portuguesa/a-comedia-de-costumes-no-brasil-e-a-construcao-do-texto-dramatico-o-judas-em-sabado-de-aleluia-martins-pena/3244>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SOUSA, R. **Guerra da independência dos Estados Unidos**. Disponível em: <<https://brasileSCO>

la.uol.com.br/guerras/guerra-independencia-dos-estados-unidos.htm>. Acesso em: 28 maio 2021.

SUTHERLAND, K. Chronology of Composition and Publication. In: TODD, J. (ed.). **Jane Austen in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SUTHERLAND, K. **Jane Austen's Juvenilia**. Disponível em: <<https://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/jane-austens-juvenilia>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

TAMANI, F. **Il matrimonio ai tempi di Jane Austen**. Disponível em: <<https://www.mlaworld.com/blog/matrimonio-ai-tempi-jane-austen/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

TOBACK, S. **Comparison between Jane Austen and Elizabeth Bennet**. Disponível em: <<https://prezi.com/ykflczfdhzv/comparison-between-jane-austen-and-elizabeth-bennet/>>. Acesso em: 3 mar. 2021.

TREITL, B. **The Moral Imperative in the Nineteenth Century Novel of Manners: Social Criticism in Jane Austen's *Pride and Prejudice* and Henry James's *Daisy Miller***. Disponível em: <https://knowledge.e.southern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1056&context=senior_research>. Acesso em: 10 ago. 2022.

UNIVERSALIS. **Féminisme**: histoire du féminisme. Disponível em: <<https://www.universalis.fr/encyclopedie/feminisme-histoire-du-feminisme/#>>. Acesso em: 4 out. 2021.

VILCHEZ, J. **Week 14**: Davis and Lorde. Disponível em: <<https://bccfeministphilosophy.wordpress.com/2012/04/29/week-14-davis-and-lorde/>>. Acesso em: 9 out. 2021.

WOLLSTONECRAFT, M. **A Vindication of the Rights of Woman**. New Haven: Yale University Press, 2014.

ZIMERMANN, I. **Illuminismo**: o que foi e sua importância. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/iluminismo/>>. Acesso em: 5 set. 2021.